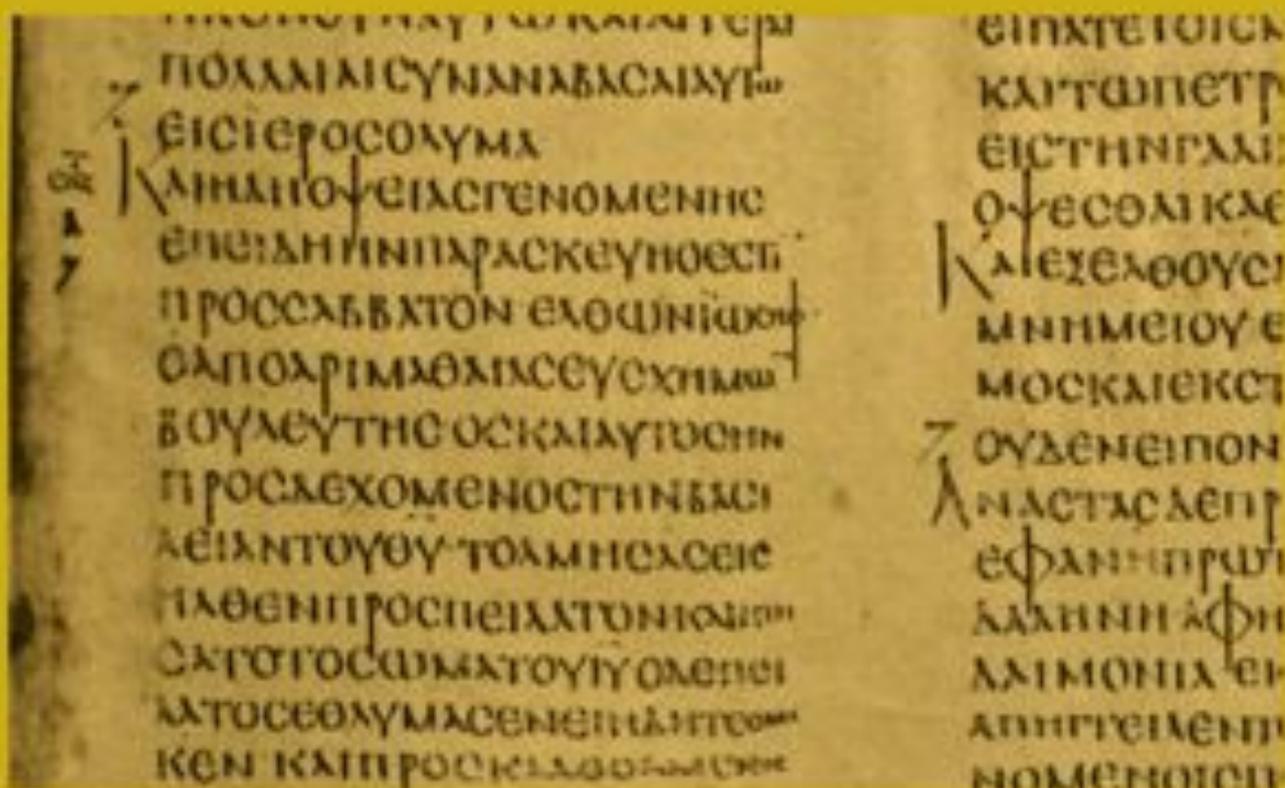




FACULDADE TEOLÓGICA INTERNACIONAL
RIVERSIDE

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO NOVO TESTAMENTO



Curso Médio em Teologia

fateiriver.org

INTRODUÇÃO
ÀS EPÍSTOLAS
DO NOVO
TESTAMENTO

CONTEÚDO

CAPÍTULO 01	10
INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DO NOVO TESTAMENTO	10
A. O ESTILO LITERÁRIO PECULIAR ÀS CARTAS DO NOVO TESTAMENTO	10
B. A FORMA	13
C. A REDAÇÃO	17
D. AUTENCIDADE E A PSEUDONÍMIA	20
CAPÍTULO 02	24
AS EPÍSTOLAS PAULINAS	24
A. A CRONOLOGIA NA VIDA DO APÓSTOLO PAULO	24
CAPÍTULO 03	30
A EPÍSTOLA DE PAULO AOS ROMANOS	30
A. CONTEÚDO	30
B. DIVISÃO, VERSÍCULO-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE	32
C. AFIRMAÇÕES-CHAVE	34
D. ESTILO LITERÁRIO	34
E. CONTEXTO HISTÓRICO	35
F. ÊNFASES TEOLÓGICAS	36
G. UNIDADE	38
H. AUTOR	40
I. DESTINATÁRIOS	40
J. LOCAL E ÉPOCA EM QUE FOI ESCRITA	41
CAPÍTULO 04	43
A PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS	43
A. CONTEÚDO	43
B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE	44
C. AFIRMAÇÕES-CHAVE	45
D. GÊNERO LITERÁRIO	46
E. O CONTEXTO HISTÓRICO	46
F. ÊNFASES TEOLÓGICAS	52

G.	UNIDADE	54
H.	AUTORIA	55
I.	DESTINATÁRIOS.....	55
J.	LOCAL E DATA.....	55
CAPÍTULO 05		57
A SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS.....		57
A.	CONTEÚDO.....	57
B.	DIVISÃO, VERSÍCULO-CHAVE	58
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	59
D.	GÊNERO LITERÁRIO	59
E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	59
F.	ÊNFASE TEOLÓGICA	62
G.	UNIDADE	63
H.	AUTORIA	65
I.	DESTINATÁRIOS.....	66
J.	LOCAL E DATA.....	66
CAPÍTULO 06		67
A EPÍSTOLA DE PAULO AOS GÁLATAS.....		67
A.	CONTEÚDO.....	67
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE	67
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	69
D.	GÊNERO LITERÁRIO	69
E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	70
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	72
G.	UNIDADE	73
H.	AUTORIA	73
I.	DESTINATÁRIOS.....	74
J.	LOCAL E DATA.....	75
CAPÍTULO 07		77
A EPÍSTOLA DE PAULO AOS EFÉSIOS.....		77
A.	CONTEÚDO.....	77
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE	77
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	78
D.	GÊNERO LITERÁRIO	78

E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	79
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	80
G.	UNIDADE.....	81
H.	AUTORIA.....	81
I.	DESTINATÁRIOS.....	87
J.	LOCAL E DATA.....	90
CAPÍTULO 08		91
A EPÍSTOLA DE PAULO AOS FILIPENSES		91
A.	CONTEÚDO.....	91
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE.....	91
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	92
D.	GÊNERO LITERÁRIO	92
E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	92
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	93
G.	UNIDADE.....	94
H.	AUTORIA.....	94
I.	DESTINATÁRIOS.....	94
J.	LOCAL E DATA.....	95
CAPÍTULO 09		99
A EPÍSTOLA DE PAULO AOS COLOSSENSES		99
A.	CONTEÚDO.....	99
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE.....	100
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	100
D.	GÊNERO LITERÁRIO	101
E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	101
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	103
G.	UNIDADE.....	103
H.	AUTORIA.....	103
I.	DESTINATÁRIOS.....	105
J.	LOCAL E DATA.....	105
CAPÍTULO 10		106
A PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PAULO AOS TESSALONICENSES		106
A.	CONTEÚDO.....	106
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	106

C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	107
D.	GÊNERO LITERÁRIO	107
E.	CONTEXTO HISTÓRICO	108
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	108
G.	UNIDADE	109
H.	AUTORIA	109
I.	DESTINATÁRIOS.....	109
J.	LOCAL E DATA.....	109
CAPÍTULO 11		111
A SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS TESSALONICENSES.....		111
A.	CONTEÚDO.....	111
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	111
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	112
D.	GÊNERO LITERÁRIO	112
E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	112
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	113
G.	UNIDADE	113
H.	AUTORIA	114
I.	DESTINATÁRIOS.....	114
J.	LOCAL E DATA.....	115
CAPÍTULO 12		116
AS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE PAULO (1).....		116
A.	INTRODUÇÃO	116
A PRIMEIRA ESPÍSTOLA DE PAULO A TIMÓTEO		117
A.	CONTEÚDO.....	117
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	117
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	118
D.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	119
A SEGUNDA CARTA DE PAULO A TIMÓTEO.....		120
A.	CONTEÚDO.....	120
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	120
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	121
D.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	121
A EPÍSTOLA DE PAULO A TITO		122

A. CONTEÚDO.....	122
B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE.....	122
C. ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	123
CAPÍTULO 13	124
AS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE PAULO (2).....	124
I E II A TIMÓTEO E TITO.....	124
A. DESTINATÁRIOS.....	124
B. AUTORIA.....	125
C. LOCAL E DATA.....	136
CAPÍTULO 14	138
A EPÍSTOLA DE PAULO A FILEMOM.....	138
A. CONTEÚDO.....	138
B. DIVISÃO.....	138
C. GÊNERO LITERÁRIO.....	139
D. CONTEXTO HISTÓRICO.....	139
E. ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	140
F. LOCAL E DATA.....	142
G. OUTROS DADOS.....	142
CAPÍTULO 15	143
EPÍSTOLA AOS HEBREUS.....	143
A. CONTEÚDO.....	143
B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	143
C. AFIRMAÇÕES-CHAVE.....	145
D. GÊNERO LITERÁRIO.....	145
E. CONTEXTO HISTÓRICO.....	148
F. ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	149
G. UNIDADE.....	150
H. AUTORIA.....	150
I. DESTINATÁRIOS.....	151
CAPÍTULO 16	154
EPÍSTOLAS GERAIS - TIAGO.....	154
A. CONTEÚDO.....	154
B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	154

C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	155
D.	GÊNERO LITERÁRIO	156
E.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	157
F.	UNIDADE	159
G.	AUTORIA	159
H.	DESTINATÁRIOS.....	161
I.	LOCAL E DATA.....	162
CAPÍTULO 17		164
EPÍSTOLAS GERAIS – PRIMEIRA CARTA DE PEDRO		164
A.	CONTEÚDO.....	164
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	164
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	165
D.	GÊNERO LITERÁRIO	165
E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	166
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	166
G.	UNIDADE	167
H.	AUTORIA	167
I.	DESTINATÁRIOS.....	170
J.	LOCAL E DATA.....	170
CAPÍTULO 18		171
EPÍSTOLAS GERAIS – SEGUNDA CARTA DE PEDRO.....		171
A.	CONTEÚDO.....	171
B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	171
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	172
D.	GÊNERO LITERÁRIO	172
E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	172
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	173
G.	UNIDADE	173
H.	AUTORIA	174
I.	DESTINATÁRIOS.....	178
J.	LOCAL E DATA.....	178
CAPÍTULO 19		179
EPÍSTOLAS GERAIS – PRIMEIRA CARTA DE JOÃO		179
A.	CONTEÚDO.....	179

B.	DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE.....	179
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	181
D.	GÊNERO LITERÁRIO	181
E.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	182
F.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	183
G.	UNIDADE	184
H.	AUTORIA	184
I.	DESTINATÁRIOS.....	186
J.	LOCAL E DATA.....	186
CAPÍTULO 20		187
EPÍSTOLAS GERAIS – SEGUNDA CARTA DE JOÃO.....		187
A.	CONTEÚDO.....	187
B.	DIVISÃO.....	187
C.	GÊNERO LITERÁRIO	188
D.	ÊNFASES TEOLÓGICAS.....	188
E.	AUTORIA	189
CAPÍTULO 21		190
EPÍSTOLAS GERAIS – TERCEIRA CARTA DE JOÃO		190
A.	CONTEÚDO.....	190
B.	DIVISÃO, AFIRMAÇÕES-CHAVE	190
C.	AFIRMAÇÕES-CHAVE	190
D.	DESTINATÁRIOS E MOTIVO	191
CAPÍTULO 22		192
EPÍSTOLAS GERAIS – CARTA DE JUDAS		192
A.	CONTEÚDO.....	192
B.	CONTEÚDO, DIVISÃO, VERSÍCULO-CHAVE.....	192
C.	GÊNERO LITERÁRIO E DESTINATÁRIOS	193
D.	AUTORIA	194
E.	DATA.....	195
BIBLIOGRAFIA.....		196

CAPÍTULO 01

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DO NOVO TESTAMENTO

A. O ESTILO LITERÁRIO PECULIAR ÀS CARTAS DO NOVO TESTAMENTO

Dos 27 escritos do NT, 21 são cartas. A maioria delas contém dados sobre o remetente e os destinatários, como também saudações. São cartas a destinatários definidos ou é um estilo de cartas em que certos temas são tratados? Além das cartas pessoais, a antiguidade conhece esses estilos. Entre os vários estilos, além das cartas pessoais, vamos considerar a epístola e o mandato.

1. CARTA PESSOAL

A carta pessoal média na antiguidade consistia de menos de uma página do Novo Testamento Grego. Um modelo dessas cartas encontramos em Atos 23.26-30.

Quando comparamos esses dados com as cartas do NT, percebemos que as cartas mais curtas (2 e 3 João) ultrapassam esse tamanho. Até a carta a Filemom é mais extensa, atingindo quase duas páginas. Todas as outras cartas do NT são incomparavelmente mais extensas. Se mesmo assim forem consideradas como cartas, certamente estão entre as obras mais extensas entre as cartas pessoais da antiguidade.

A questão, no entanto, continua sendo, se elas podem ser vistas de fato como cartas pessoais. Há outros dois tipos de formas literárias.

2. EPÍSTOLA

Na antiguidade, tratados filosóficos eram colocados em forma de carta. Não são cartas de fato; na verdade a carta era uma arte literária. Exemplos para isso são as cartas de Sêneca ou de Cícero. Para essa forma literária foi se cristalizando o nome epístola. Ela deriva da palavra grega *epistole*, que significa carta. Como forma literária, no entanto, epístola não significa uma carta verdadeira, mas uma carta simulada.

No âmbito desse tipo de escritos antigos, há tratados que, na sua extensão, são semelhantes às cartas maiores de Paulo (Romanos, 1 e 2 Coríntios). E as cartas de Paulo são epístolas?

Na realidade não o são. Quem as lê no seu contexto, percebe que não são tratados em forma de carta. Há menções demais ao relacionamento pessoal entre o autor e os leitores. Esses escritos estão por demais interligados com a história de vida comum deles. As cartas de Paulo não são simuladas; elas são escritos reais de aconselhamento.

Aspectos que são evidentes nas cartas de Paulo, nas outras cartas do NT necessitam de explicação em cada detalhe. Poderíamos considerar um ou outro escrito (por ex. Hebreus ou 1 João) um tratado em forma de carta, para o chamarmos de epístola. Na discussão sobre cada carta voltaremos a esse assunto. Há ainda outra forma literária a ser analisada.

3. MANDATO

Assim eram denominados os escritos oficiais das autoridades de Jerusalém aos judeus da diáspora. Temos exemplos disso em 2Macabeus 1.10ss e Baruque 78-86. São escritos oficiais com o objetivo de esclarecer questões éticas e teológicas. Por meio deles as autoridades religiosas de Jerusalém comunicavam às sinagogas na diáspora orientações normativas.

É possível imaginar que para Paulo esses escritos foram usados como modelo quando ele elaborou os seus escritos às igrejas dos cristãos-gentios. W. G. Kümmel crê que esses escritos estavam a caminho de se tornarem textos de caráter oficial.

Visto que as cartas de Paulo são semelhantes aos escritos das autoridades de Jerusalém na sua extensão, nos dados sobre os remetentes (título nos dados sobre remetentes e lista de vários remetentes) e no grande número de destinatários, é provável que as cartas de Paulo são cartas apostolares abertas. Isso é mais evidente em algumas cartas, como por exemplo, em Gálatas, ou menos em outras, como na carta a Filemom, que é mais pessoal.

O autor utiliza nas cartas a forma do discurso evangelístico e parenético (de admoestação): pregação, admoestação, exposição didática, diálogo, testemunho profético, instrução ética e o hino. Em vários trechos ele se baseia em tradições primitivas já bem firmadas e conhecidas, como por exemplo, em Romanos 1.3s e 1Coríntios 15.3-5, em que cita profissões de fé antigas, usando-as na sua argumentação. Também em Filipenses 2.6-11 e Colossenses 1.15-20 ele cita hinos da igreja primitiva, tirando deles conclusões para o ensino e a vida das igrejas.

4. CONCLUSÃO SOBRE O ESTILO LITERÁRIO

Pelo menos nas cartas de Paulo temos argumentos suficientes para dizer que não são cartas pessoais, mas que, com a exceção de Filemom, se trata de cartas apostolares abertas. Isso possivelmente também se aplica a outras cartas do NT. É necessário, no entanto, verificar em cada caso se não podem ser consideradas expressão de arte literária, como o eram as antigas epístolas.

B. A FORMA

Quando hoje se escrevem cartas oficiais, usa-se um formato pré-determinado. Essa carta contém dados sobre o remetente, nome e endereço do destinatário e em geral uma expressão de tratamento formal. Não é diferente no caso das cartas do NT. O cabeçalho da carta consiste de remetente, dados sobre o destinatário e uma saudação.

Em geral segue um prólogo, que na maioria dos casos é uma palavra de agradecimento. Na linguagem técnica é chamado de proêmio.

Depois é desenvolvido o conteúdo da carta. A estrutura depende dos temas tratados e da razão da carta. Em alguns casos, como em Romanos, a divisão em partes é evidente; em outros casos a sequência é de respostas a perguntas e dúvidas dos leitores, como em 1 Coríntios. Em outros ainda temos a elaboração não ordenada de temas diversos, como em Filipenses.

No fim da carta geralmente está uma lista relativamente longa de saudações. Nela são citados nomes de pessoas com quem o autor tem um relacionamento mais próximo. A carta termina com a bênção, que às vezes é escrita pelo próprio autor (cf. Gl 6.11ss). Isso fundamenta a conclusão de que o restante da carta era escrita por um secretário, o

que é confirmado, por exemplo, em Romanos 16.22.

1. O FORMATO DE CARTAS NO GREGO E O FORMATO ORIENTAL

Os dois formatos diferem na forma da saudação.

No âmbito da língua grega as cartas tinham poucos dados sobre o remetente e o destinatário, que eram seguidos por uma saudação com a palavra grega *chairein*. Um exemplo de cabeçalho assim é Atos 23.26. Na saudação, a Revista e Atualizada traz "saúde", a Bíblia na Linguagem de Hoje e a Nova Versão Internacional "saudações".

No oriente, os dados sobre remetente e destinatário eram bem mais extensos. Principalmente a saudação era mais abrangente. Nela, palavras-chave eram o hebraico *shalom* e o grego *eirene*. Esta era a saudação de paz típica no oriente. Temos um exemplo disso em Judas 1.

Paulo, nas suas cartas, segue o formato oriental, como podemos ver em 1 Tessalonicenses 1.1. Mas ele acrescenta a essa saudação o conceito tão usado por ele de "graça", *charis*. Essa é a fórmula básica nas cartas de Paulo. Ela recebe um desenvolvimento especial de acordo com cada receptor ou grupo de destinatários. Na maioria das cartas já é possível ver no prefácio a problemática a ser discutida na carta.

2. O MATERIAL DA TRADIÇÃO

Nas cartas do NT encontramos em muitas passagens profissões de fé, hinos, fórmulas, indicações sobre o culto e exortações da

vida da igreja do NT que o autor menciona no seu escrito. Denominamos isso de material da tradição. Encontramos as seguintes formas de tradição:

Hinos. São os cânticos da igreja primitiva. Podemos reconhecê-los na sua estrutura de estrofes e de ritmos. Infelizmente nos faltam as melodias para poder cantá-los.

Exemplos: Filipenses 2.6-11; Colossenses 1.15-20; Efésios 1.3-14; 5.14; 1Timóteo 3.16; 1Pedro 2.22-24.

Profissões de fé. São frases curtas e marcantes que resumem as convicções básicas da fé cristã. A humanidade de Jesus, a morte vicária e a ressurreição são assim professadas.

Exemplos: Romanos 1.3s; 1Coríntios 15.3-5; 1Pedro 1.18-21; 3.18-22.

Palavras da ceia. Em frases curtas e marcantes é resumida a interpretação que Jesus deu à ceia. Em geral estão no contexto de um relato sobre a instituição da ceia.

Exemplos: Marcos 14.22-25; Mateus 26.26-28; Lucas 22.15-20; 1Coríntios 11.23-25.

Nas igrejas do cristianismo primitivo havia instrução clara e segura para uma vida pela fé. Nas cartas temos registradas ainda outras formas de tradição:

Listas de virtudes e vícios. Estas são encontradas não somente no cristianismo, mas também no judaísmo primitivo, principalmente na seita de Qumran. Aparecem também no estoicismo grego. Os autores das cartas do NT não as adotaram simplesmente, mas as relacionaram com a mensagem de Jesus Cristo.

Exemplos de listas de vícios: Romanos 1.29-31; 13.13; 1Coríntios

5.10s; 6.9s; Gálatas 5.19-21; Efésios 4.31; 5.3-5; Colossenses 3.5-8; 1Timóteo 1.9s; 2Timóteo 3.24.

Exemplos de listas de virtudes: Gálatas 5.22s; Filipenses 4.8; Colossenses 3.12-14; 6.11; 2Timóteo 2.22; 1Pedro 3.8; 2Pedro 1.5-7.

Admoestações aos membros da casa. Com isso denominamos as orientações para os diferentes grupos de pessoas como casados, pais e filhos, escravos e senhores. Esse tipo de tradição também encontra paralelos no judaísmo (como em Josefo e Filo) e no estoicismo (Epíteto e Sêneca). Essas listas de admoestações também não são simplesmente adotadas pelo NT, mas reinterpretadas com base na mensagem cristã.

Exemplos: Efésios 5.22—6.9; Colossenses 3.18—4.1; 1Timóteo 2.8-15; Tito 2.1-10; 1Pedro 2.13—3.12.

Listas de obrigações. São listas em que encontramos orientações sobre os pré-requisitos e obrigações dos obreiros das igrejas cristãs. Na antiguidade encontramos esse tipo de listas nos requisitos para oficiais do estado. No NT essas listas de obrigações são aplicadas aos que têm responsabilidades na igreja cristã.

Exemplo: 1Timóteo 3.1-7; Tito 1.7-9; 1Timóteo 5.17-19; Tito 1.5s; 1Timóteo 3.8-13; 5.3-16.

Além do material da tradição descrito até aqui, que é citado com mais ou menos detalhes no NT, há ainda declarações breves que denominamos fórmulas. Vejamos alguns tipos.

Homologia. São fórmulas ou declarações com que Deus é aclamado e anunciado. Elas são o fundamento das profissões de fé e dos hinos que já descrevemos.

Exemplos: 1Coríntios 8.6; Efésios 4.5s; 1Timóteo 2.5; Filipenses

2.11; 1Coríntios 12.3; Romanos 10.9.

Declarações de fé. São frases que formulam os aspectos da salvação em Jesus Cristo, como a morte vicária de Jesus (Rm 5.8; 14.15; 1Co 8.11; Gl 2.20; 3.13), a ressurreição de Jesus dos mortos (Rm 8.11; 10.9; 1Co 6.14; 1Co 4.14; Gl 1.1; Ef 1.2; Cl 2.12; 1Ts 1.10; At 3.15; 4.10; 5.30; 10.40 e outros) e a morte e ressurreição de Jesus (Rm 8.34; 14.9; 2Co 5.15; 1Ts 4.14). Provavelmente foram usados na igreja primitiva na pregação e no catecismo.

Doxologias. São frases curtas com que Deus é exaltado. O seu pano de fundo são as orações do judaísmo primitivo no AT. A sua característica cristã é a denominação de Deus como Pai de Jesus Cristo. Em muitos casos, começam com a expressão "louvado seja Deus ..."

Exemplos: 2Coríntios 1.3; Efésios 1.3; 1Pedro 1.3; Romanos 1.25; 9.5; 2Coríntios 11.31.

Às vezes, são declarações de louvor no final de um hino longo de louvor ou de uma carta.

Exemplos: Romanos 11.36; Efésios 3.21; Romanos 16.27; Filipenses 4.20; 2Timóteo 4.18.

As doxologias nos abrem a cortina para os cultos da igreja primitiva.

C. A REDAÇÃO

Como essas cartas vieram a existir? Na antiguidade eram conhecidas três formas de redação nas quais podemos enquadrar as cartas do NT.

- Redação manuscrita pelo autor
- Ditado textual pelo autor e redação por um secretário

- Palavras e ideias-chave dadas pelo autor, redação textual pelo secretário e confirmação do texto pela saudação pessoal do autor.

Quando falamos do surgimento do NT, é necessário levar em consideração que o material de escrever na antiguidade dificultava bastante o trabalho. Escrevia-se sobre pergaminho, que por fabricação já não era liso. As letras eram colocadas sobre o pergaminho com tinta líquida grossa por meio de uma pena, uma atividade custosa. Gálatas 6.11 possivelmente é uma alusão a isso. A saudação final escrita pelo próprio autor é mencionada também em outras passagens (1Co 16.21; Cl 4.18; 2Ts 3.17).

1. PROVAS PARA OS DIVERSOS TIPOS DE REDAÇÃO NAS CARTAS DO NOVO TESTAMENTO

Evidentemente a carta a Filemom é um escrito de próprio punho do apóstolo Paulo (Fm 19). A carta aos Romanos ele ditou a um secretário, que se manifesta no final da carta (Rm 16.22). No final da carta aos Gálatas o apóstolo coloca a sua saudação pessoal de próprio punho (Gl 6.11).

Nas cartas aos Coríntios, Filipenses e Tessalonicenses são mencionados outros remetentes além de Paulo. Geralmente Timóteo está entre eles. Se esses colaboradores eram também coautores é incerto. Se observarmos esse aspecto na carta aos Filipenses, seria estranho que Timóteo fizesse um elogio a si mesmo (Fl 2.19-24).

Está provado, portanto, que houve a colaboração de secretários na redação das cartas. Como eram ditadas, então, as cartas? Textualmente ou por ideias e palavras-chave?

2. ARGUMENTOS A FAVOR DE DITADO POR IDEIAS E PALAVRAS-CHAVE

No seu livro *Das Formular der paulinischen Briefe* (O formato das cartas paulinas) Roller defendeu a tese de que Paulo via de regra ditou por palavras-chave. Isso explicaria a diferença parcial de vocabulário e estilo entre as suas cartas. Estariam marcados pelo estilo de cada secretário.

A favor dessa tese temos (a) o fato de que em boa parte das cartas a extensão do material teria tomado muito tempo com o ditado textual (Romanos e Coríntios); (b) a situação do autor nas cartas da prisão (condições deprimentes nas prisões antigas) e (c) as reais divergências em vocabulário e estilo nas cartas aos Efésios e Colossenses e principalmente nas cartas pastorais.

Com base nesses argumentos J. Jeremias adotou a hipótese do secretário na explicação da autoria das cartas pastorais. B. Reicke avalia a questão da redação das pastorais de forma semelhante; ele fala de "ajudantes literários". J. A. T. Robinson vai além das cartas de Paulo quando afirma que todas as 15 cartas, cujo remetente é Pedro ou Paulo, foram escritas por eles ou por seus colaboradores.

3. ARGUMENTOS CONTRA O DITADO POR IDEIAS E PALAVRAS-CHAVE

E. Lohse menciona a já citada dificuldade com a carta aos Filipenses: se Timóteo foi o secretário que escreveu e deu o seu estilo à carta (cf. Fl 1.1,2), então as observações de Filipenses 2.19-24 são constrangedoras. Com base nisso ele conclui que Timóteo não pode ter sido co-secretário dessa carta, e,

consequentemente, Paulo é o único responsável por todos os textos das outras cartas genuinamente paulinas. Entretanto, para essa conclusão faltam provas.

Há outras duas observações que merecem mais atenção: nas cartas aos Romanos e Coríntios o conflito e luta interior do apóstolo por causa do conteúdo é claramente perceptível. Sentimos pela leitura como é a disputa dele com os seus oponentes. Esse estilo de carta dificilmente é o resultado do trabalho de um secretário. Além disso, o que chama a nossa atenção é a unidade da teologia do apóstolo, coerente nas suas cartas até na escolha de palavras. Nesse caso, a única possibilidade de se chegar a esse resultado teria sido o ditado por ideias e palavras-chave muito detalhado.

D. AUTENCIDADE E A PSEUDONÍMIA

A maioria das cartas do NT inicia com informações sobre o autor. Como devemos avaliar essas informações? O autor ou os autores aí citados são de fato autores dessa carta? Nesse caso as cartas seriam autênticas. Ou será que as cartas foram escritas por outro autor que dedicou esse escrito nas informações iniciais a um autor mais conhecido? Nesse caso seria um pseudônimo.

1. ESCLARECIMENTO DE CONCEITOS

Denominamos *autêntico* um escrito que vem da mão do autor citado no próprio escrito ou reconhecido pela tradição como tal. O conceito vem do grego *authentikos*, que significa *original*.

Falamos de *pseudônimo* quando um escrito foi publicado sob nome falso. O verdadeiro autor permanece no anonimato. O conceito vem do grego *pseudonymos*, que significa *usar nome falso* (cf. 1Tm

6.20).

2. A PSEUDONÍMIA NA ANTIGUIDADE

Muitos teólogos defendem a ideia de que, ao contrário do julgamento que se faz hoje, o conceito de pseudônimo como é definido aqui, não era considerado falsidade na antiguidade. O que os autores faziam era publicar os seus escritos sob o nome de alguém famoso para honrá-lo. Além disso, o nome já conhecido deveria dar uma visibilidade maior ao livro. Na disputa com as heresias a referência a um apóstolo teria dado peso especial ao escrito.

Está comprovado que nos primeiros séculos houve uma quantidade enorme de escritos pseudônimos. Vários deles podem ser datados com segurança hoje, e por isso marcados como pseudônimos. Em outros reconhecemos pelo conteúdo que eles não podem vir da mão de um apóstolo.

Vejamos alguns exemplos como prova:

O evangelho de Pedro surgiu aproximadamente no ano 150 d.C. O protoevangelho de Tiago, que conta em detalhes o nascimento e a infância de Jesus, também surgiu no século II. O evangelho de Tomé só foi encontrado no século XX, mas infelizmente é um escrito dos hereges gnósticos do século II.

Atos dos Apóstolos também tem paralelos que surgiram no século II e III. Dos Atos de Pedro só temos fragmentos. Atos de Paulo ressaltam em detalhes fatos que já conhecemos das cartas e de Atos dos Apóstolos. Atos de Tomé destacam aventuras dos apóstolos.

Uma carta de Barnabé data de 130 d.C. A suposta carta de Paulo

a Laodicéia, mencionada em Colossenses 4.15ss, existe, mas, sob investigação mais acurada, foi provado que é pseudônima.

O mesmo vale para o Apocalipse de Pedro e o de Paulo, que datam do século II.

Todos esses textos foram publicados. Em alemão podem ser encontrados em E. Hennecke & W. Schneemelcher.

O resultado é alarmante: de fato houve pseudonímia no cristianismo primitivo. A dúvida é se isso vale também para os escritos do NT.

3. POSIÇÃO DESTE ESTUDO SOBRE A PSEUDONÍMIA

É impossível que o estudioso da Palavra não note o cuidado e zelo com que as igrejas do início do cristianismo, sob direção do Espírito Santo, discerniam entre escritos canônicos (que foram aceitos nas Escrituras Sagradas) e os escritos apócrifos (que não foram aceitos como escritos normativos das Escrituras Sagradas). Com isso foi possível excluir descrições lendárias e fantásticas como também formas dilaceradas dos ensinamentos cristãos. Para isso, um critério tinha importância especial: o livro em questão precisava ter sido escrito por um apóstolo, ou deveria ter relação direta com um deles.

Será que para o Espírito Santo a pseudonímia teria sido tão sem importância? É evidente que o apóstolo Paulo conheceu escritos que foram divulgados falsamente com o seu nome. Ele de forma alguma se sentiu honrado por eles, ao contrário, advertiu os cristãos contra esses escritos (2Ts 2.2). Portanto, todos os argumentos são a favor do fato de que os autores do NT não tinham uma compreensão da verdade diferente da nossa, e que consideravam escritos pseudônimos falsificação. Por isso, na

discussão e trabalho sobre as cartas, parto do pressuposto de que os autores nelas citados são, de fato, os autores das cartas.

Todo aquele que questiona a autenticidade dos escritos do NT fica com o ônus da demonstração do seu ponto; quem crê na autenticidade, tem a seu favor as Escrituras com a sua reivindicação da verdade. A sua posição não pode ser abalada por afirmações ou hipóteses, mas somente por provas.

No estudo de cada carta vamos analisar os questionamentos dos defensores da crítica histórica quanto à autenticidade dos textos do NT e vamos testá-los na sua capacidade de demonstração dos fatos. Aí perceberemos também nessa questão que a Palavra de Deus é confiável. Temos todos os motivos para confiar nela.

CAPÍTULO 02

AS EPÍSTOLAS PAULINAS

A. A CRONOLOGIA NA VIDA DO APÓSTOLO PAULO

Na apresentação de cada carta a época da redação sempre terá um papel importante. É inquestionável, por exemplo, que 1 Tessalonicenses é a carta de Paulo mais antiga do NT. Considera-se que foi escrita no ano 50 d.C. De que forma a pesquisa do NT chega a datas tão exatas?

Por um lado, necessitamos de um dado da história geral que possa ser associado com a história das cartas de Paulo. Aqui estamos falando da cronologia absoluta. Por outro lado, é possível deduzir de Atos e das cartas sequências cronológicas dos fatos. A isso chamamos de cronologia relativa.

1. A CRONOLOGIA ABSOLUTA

Como base para a descoberta de datas exatas da história antiga, usamos a inscrição no templo de Apolo em Delfos, descoberta no século passado e publicada pela primeira vez em 1905. Essa inscrição consiste de quatro fragmentos, dos quais tiramos as seguintes informações:

Ela foi redigida por Tibério Cláudio após ter sido aclamado

imperador pela 26ª vez. (Os imperadores romanos eram confirmados no seu posto pelo senado romano em intervalos de tempo irregulares; eram as aclamações).

A inscrição foi redigida na época em que Gálio era responsável por Delfos. Ora, é desse Gálio e do início do seu governo que trata Atos 18.12. Portanto, aqui há a interseção entre história geral e as informações do NT.

De acordo com os dados de Atos dos Apóstolos, Paulo foi levado a tribunal diante de Gálio, depois de ter evangelizado em Corinto por um ano e meio. A inscrição de Gálio no templo de Apolo em Delfos serve para datarmos o início da primeira estadia de Paulo em Corinto. Todos os outros dados da vida do apóstolo são organizados em torno dessa data absoluta.

As perguntas seguintes precisam ser discutidas:

- Quando aconteceu a 26ª aclamação do imperador Tibério Cláudio?
- Quando Gálio começou na sua função de procônsul da Acaia?
- Quando Paulo veio a Corinto?

Para a primeira questão, vejamos o seguinte:

Tibério Cláudio recebeu a 22ª, 23ª e 24ª aclamação no seu 11º ano de governo, como nos informam historiadores antigos. O seu governo começou no dia 25 de janeiro de 41 d.C. As três aclamações citadas ocorreram entre 25 de janeiro de 51 e 24 de janeiro de 52. Daí concluímos que a 26ª aclamação deve ter ocorrido após 24 de janeiro de 52 d.C.

Sabemos de relatos da história antiga que Tibério recebeu a 27ª aclamação em 1º de agosto de 52, ou o mais tardar em julho de 52. Portanto, a 26ª aclamação deve ter ocorrido no primeiro semestre

de 52 d.C.

Sobre a segunda questão, vejamos:

Gálio governou na época da 26ª aclamação, portanto no primeiro semestre de 52. Ele era procônsul de uma província senatorial romana. A autorização do senado sempre durava somente um ano. Tibério Cláudio tinha ordenado que os funcionários mais graduados deixassem Roma em abril. Os procônsules chegavam às províncias em início de maio. O início do governo de Gálio deve ter acontecido em 1º de maio de 51 ou 1º de maio de 52.

É praticamente seguro ficar com uma dessas duas datas. A inscrição é o resultado de uma guerra burocrática. Todos esses eventos teriam então ocorrido entre 1º de maio de 52 e 31 de julho de 52. Isso é improvável.

Disso concluímos que o governo de Gálio teve início em 1º de maio de 51 d.C.

Para a terceira questão temos as seguintes observações:

Segundo Atos 18.11, Paulo já estava trabalhando havia dois anos quando Gálio veio a Corinto. Isso significa que Paulo deve ter vindo a Corinto em 49 d.C.

Há um segundo argumento para essa data. O historiador Orósio relata sobre a expulsão dos judeus de Roma no 9º ano do imperador Tibério Cláudio. Isso teria acontecido no ano de 49. De acordo com Atos 18.2, o apóstolo Paulo encontrou alguns desses judeus na sua chegada a Corinto, portanto no outono de 49.

A fundação da igreja em Corinto ocorreu com muita probabilidade no outono de 49 d.C. Dessa data depende a cronologia da vida do apóstolo Paulo.

2. A CRONOLOGIA RELATIVA

As outras datas provêm das informações de Atos e das cartas. Elas são aceitas sem grandes discussões das datações em cada caso e formam a base da tabela abaixo.

A datação de cada carta será dada na respectiva discussão na sequência do livro. Até aí, as informações da tabela são conclusões antecipadas e necessitam da comprovação com base em cada carta. Mas, antes de tudo, o leitor deve ter uma visão panorâmica do todo.

Vida			Cartas	
Data (d.C.)	Evento	Prova	Data	Carta
+/- 0?	Nascimento			
32	Conversão			
35	1ª visita a Jerusalém	Gl 1.18		
45-48	1ª viagem missionária	At 13—14		
48	Concílio dos apóstolos	At 15; Gl 2.1		
49-51	2ª viagem missionária	At 15—18		
Maio 49 Fim 49	Chegada em Corinto	At 18.1-18	50	1 Tessalonicenses
			51	2 Tessalonicenses
Outono 51	Retorno a Antioquia	At 18.18-22		
52-55	3ª viagem	At 18—19		

	missionária			
Maio 52				
Verão 52	Chegada a Éfeso	At 19.8s	?	Carta perdida aos Coríntios
Verão 54	Visita intercalada a Corinto	2Co 2.1 ss	54	1 Coríntios
			(52-54)	Filipenses?
			(52-54)	Colossenses
		2Co 2.3s; 7.8		Carta de lágrimas
			53-54	Gálatas
Outono 54	Partida de Éfeso	At 20.1		
Fim 54 — Início 55	Paulo na Macedónia	At 20.2	54	2 Coríntios
			55	Romanos
Páscoa 55	Paulo em Filipos	At 20.3-6		
Pentecostes	Chegada a Jerusalém	At 20.1-5ss		
55-60	Prisão em Roma	At 20—28		
55	Aprisionamento em Jerusalém	At 21		
55-57	Paulo em Cesaréia	At 23—26	(56)	Filipenses?
			(56)	Colossenses?
57-58	Viagem para Roma	At 26—28		
58-60	Paulo em Roma	At 28.17ss	58	Filipenses?
			59	Colossenses?
			58-60	Filemom
			59	Efésios

Depois de 60	Viagem para a Espanha	Rm 15.24	60ss	Cartas pastorais
65	Execução em Roma			

CAPÍTULO 03

A EPÍSTOLA DE PAULO AOS ROMANOS

A. CONTEÚDO

Essa carta do apóstolo Paulo à igreja em Roma não é somente o documento mais importante da sua teologia. Ao longo da história ela desencadeou reações fantásticas, como por exemplo, a conversão de Agostinho, a descoberta da justificação do pecador por meio da graça pelo reformador Martinho Lutero e também a reviravolta que a interpretação de Romanos por Karl Barth causou na teologia, do liberalismo à teologia dialética. Uma introdução às Cartas do NT como esta pode somente tocar de leve no poder que têm as declarações e afirmações de Romanos. Mesmo assim, a introdução pode prestar ajuda à compreensão da história dos efeitos causados pela carta. Para isso, o contexto histórico em que surgiu a carta é importante.

Quando Paulo escreveu esta carta, ele tinha chegado à conclusão de que a sua missão no oriente do Império Romano tinha terminado. Agora a sua intenção era alcançar o ocidente, ou seja, a Espanha. Para isso ele precisava um ponto de apoio na Itália. Fundar uma nova igreja estava fora de questão porque em Roma já existia uma. Já que essa igreja era composta na sua maioria por cristãos-gentios, ele também se sentiu responsável por eles. Ele queria ganhar o apoio dessa igreja,

que não o conhecia ainda, para os seus planos missionários no ocidente do Império Romano (15.22-29). Duas coisas eram necessárias para isso.

A igreja precisava tomar conhecimento do conteúdo da sua pregação. Essa é a razão para uma carta tão bem estruturada. Cristãos-judeus e cristãos-gentios deveriam entender o que é o evangelho de Jesus Cristo. Mas o objetivo principal é eliminar restrições que, segundo Paulo suspeita, os cristãos-judeus tenham contra ele. O plano dele é trabalhar com toda a igreja de Roma e não somente com a ala dos cristãos-gentios. O tema da eleição dos judeus é tão importante para ele, que ele dedica três capítulos da sua carta para isso. É nisso que se mostra exatamente a justiça de Deus, pois o povo que Deus escolheu, ele não abandonou, mas o conduz para o caminho da salvação. Todo aquele que vê a sua tarefa em evangelizar os judeus precisa ter clareza sobre essa questão, tanto para si quanto para os que vão apoiar o seu projeto missionário.

O segundo aspecto é igualmente importante. A igreja de Roma precisa conhecer o apóstolo pessoalmente, por isso ele está planejando pregar o evangelho em Roma. Assim eles não ficarão sabendo somente por meio de cartas como é a prática missionária dele. Vão ver o seu trabalho de perto (1.8-14). Paulo precisa do apoio da igreja para mais uma questão. Ele está diante de uma viagem muito difícil para Jerusalém e não sabe se lá vai ser bem recebido. Ele pede à igreja apoio espiritual (15.30-32). Talvez ele também esperava uma intervenção mediadora da igreja de Roma, como pensa E. Käsemann: "Era natural que Paulo esperasse que a igreja de Roma fortalecesse a sua posição em Jerusalém."

Esse motivo leva o apóstolo a registrar uma profissão pessoal de fé, um testemunho poderoso de persuasão, como conta a história dos efeitos

dessa carta.

Muitos estudiosos já tentaram entender a carta aos Romanos. Se compararmos isso ao montanhismo, significa tentar escalar um complexo rochoso dos mais íngremes nos Alpes. Os alpinistas escolhem trilhas distintas, observam partes do complexo. Várias trilhas levam ao topo. Outras precisam ser interrompidas. Frequentemente pessoas despencam das alturas. E sempre aquele complexo rochoso é maior do que todas as tentativas para escalá-lo. Da mesma forma a carta de Paulo aos Romanos sempre é maior do que as tentativas de interpretá-la. Ela é um testemunho comovente do evangelho de Jesus Cristo.

B. DIVISÃO, VERSÍCULO-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-17	Introdução Cabeçalho Prólogo Tema: O evangelho de Jesus Cristo 1a parte	1.16s
1.18—5.21	O ato de Deus por meio de Jesus Cristo salva Todos pecaram	
1.18-31	— Gentios	
2.1-27	— Judeus	
3.1-20	— Todos	

3.21-31	O ato de Deus vale para a Salvação de todos	3.23s,28
4.1-25	Aceitação da salvação por meio da fé; ex. Abraão.	
5.1-11	A consequência da salvação é Paz com Deus	
5.12-21	A salvação de Deus é Abrangente: A tipologia Adão-Cristo 2a parte	
6.1—8.39	O ato de Deus por meio de Jesus Cristo liberta	
6.1-23	Do poder do pecado	6.23
7.1-25	Do domínio mortal da lei (especialmente 7.14-25)	
8.1-30	Para a vida no Espírito Santo	8.1s,14,16,28.
8.31-39	LOUVOR A DEUS - 3a parte	
9.1—11.36	O ato de Deus por meio de Jesus Cristo vale para os Judeus	
9.1-5	Israel é o povo escolhido de Deus	
9.6-33	Deus também escolhe gentios Para o seu povo	
10.1-21	Israel permanece no caminho Da lei e perde a salvação	10.4,14,17
11.1-10	Deus não abandonou Israel	
11.11-24	Salvação dos gentios como Estímulo para Israel	
11.25-31	A conversão futura de Israel	
11.32-36	LOUVOR A DEUS 4a parte	
12.1—16.27	O ato de Deus por meio de Jesus Cristo transforma o Viver	

12.1-2	Base	
12.3-8	Colaboração na igreja	
12.9-21	Amor aos irmãos e aos Inimigos	
13.1-7	Responsabilidade política	13.1
13.8-10	Amor	
13.11-14	Preparo para segunda vinda	
14.1—15.12	Liberdade evangélica	14.7-9; 15.7
15.13—16.24	Final	
15.13	Bênção	
15.14-33	Observações pessoais	
16.1-24	Saudações	
16.25-27	LOUVOR A DEUS	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus é revelada no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé. *Rm 1.16-17.*

Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei. *Rm 3.28.*

Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte. *Rm 8.1-2.*

D. ESTILO LITERÁRIO

A carta aos Romanos está entre as cartas apostolares que o apóstolo Paulo escreveu com a autoridade relativa à sua função. É caracterizada pela forma de diálogo: o apóstolo não somente compartilha as suas opiniões, mas envolve os leitores nas suas considerações, formulando perguntas que ele imagina que os romanos tenham. Daí nasce uma conversa vibrante sobre o conteúdo do evangelho.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

É provável que no ano 49 d.C. já tenha havido uma igreja cristã em Roma. Sabemos que o evangelho de Jesus Cristo foi anunciado na sinagoga judaica, e que isso causou grande alvoroço entre os judeus da capital do império. Em todo caso, o imperador Tibério Cláudio achou por bem expulsar os judeus de Roma em 49 d.C.

O historiador romano Sueton escreve em 120 d.C. na biografia do imperador Tibério Cláudio (*Vita Claudii*): "[Claudius] Iudaeos impulsore Chresto assidue tumultuantes Roma expulit" (que quer dizer: Cláudio expulsou os judeus de Roma porque por incentivo de Chresto causavam tumulto constante na cidade). Podemos afirmar com certeza que Chresto é igual a Cristo. A situação em Roma certamente não era diferente de outras cidades gregas: o evangelho de Jesus Cristo desencadeia reações e protestos veementes entre os judeus.

O que interessa para o nosso contexto é o seguinte: a história da igreja em Roma teve início muito antes de qualquer contato de Paulo com ela. Quem a fundou, não sabemos. A tradição da igreja antiga e a tradição católico-romana, afirmando que o apóstolo Pedro foi o seu fundador, é duvidosa, pois Paulo tinha decidido não trabalhar em um campo missionário que tinha sido iniciado por um outro apóstolo (Gl 2.7ss; Rm 15.20; 2Co 10.15ss). É mais provável que o evangelho tenha chegado

a Roma pela comunicação constante que havia entre Jerusalém e a capital do império. Talvez os libertinos (prisioneiros de guerra das campanhas de Pompeu contra o povo judeu, que foram libertos) participaram disso, pois, segundo o relato de Atos (2.10), eles estavam presentes em Jerusalém no dia de Pentecostes.

Independentemente de como foi o início da igreja, a expulsão dos judeus de Roma afetou também a ala judaica da igreja. Logo, porém, novos missionários devem ter vindo a Roma encontrando solo fértil para o evangelho. De qualquer forma, alguns anos depois existe em Roma uma igreja com vários grupos, aos quais Paulo envia a sua carta.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Na carta aos Romanos há um tema que é desenvolvido sistematicamente: o evangelho de Jesus Cristo. Nele Deus manifesta a sua justiça (Rm 1.17). Mas que significa isso?

Quem ouve a palavra justiça pensa via de regra em um atributo de Deus. Em outras palavras, o Deus justo se empenha para que todo pecado seja punido e todo ato de obediência seja recompensado. Independentemente de simpatia ou antipatia ele trata a todos de forma igual. Ele é o justo juiz, que vai chamar todas as pessoas a prestar contas com ele. O monge Lutero também entendia a justiça de Deus dessa forma. Movido pelo medo, tentava satisfazer a esse Deus justo com a sua vida, só que sem sucesso, como sempre novamente constatou.

A maior descoberta da sua vida aconteceu quando constatou que justiça de Deus tem um outro significado na Bíblia. Já no AT não se trata de um atributo de Deus, mas do relacionamento de Deus com o seu povo escolhido. Deus é justo com o seu povo porque nas tempestades e descaminhos da sua história ele não os abandona, mas os salva. Por

isso justiça e salvação de Deus muitas vezes são mencionadas juntas.

A carta aos Romanos trata desse Deus que torna as pessoas justas para que possam viver com ele e de acordo com a sua vontade. A carta afirma que todas as pessoas — judeus e gentios — vivem em contradição com os princípios de Deus; portanto, necessitam de Jesus Cristo, que intervém de forma vicária nas suas vidas. A fé em Jesus Cristo abre o caminho para uma vida completa.

Por meio dessa confiança em Jesus Cristo o poder do pecado pode ser quebrado e a luta desesperadora para cumprir a lei de Deus (e mesmo assim não conseguir cumprir) pode ser vencida. Essa vida completa só é possível pelo poder do Espírito Santo que faz acontecer na vida das pessoas aquilo que elas não teriam condições de fazer por si.

Depois de descrever dessa forma o poder transformador da fé, parece que Paulo faz nos capítulos 9-11, como Lutero o definiu, "um pequeno e belo desvio". Mas não é o caso. O que acontece é que Paulo direciona todos os seus argumentos para o conteúdo desses capítulos. Pois ele sabe que é um judeu chamado por Deus para pregar a salvação aos gentios. Por isso ele quer ganhar o apoio da igreja em Roma para a sua missão, inclusive da ala judaica. É necessário, portanto, explicar a esse grupo o que ele pensa sobre as expectativas de salvação dos judeus. As conclusões são inconfundíveis: Deus não abandonou o seu povo Israel. Ele será justo também com o seu povo.

Na última parte da carta, Paulo explica como a confiança em Jesus Cristo transforma a vida das pessoas. Isso tem consequências sobre o trabalho das pessoas na igreja, nos relacionamentos uns com os outros, no seu relacionamento com o governo, na sua postura em assuntos controvertidos.

O evangelho de Jesus Cristo é o poder restaurador de que o mundo está

precisando.

G. UNIDADE

Com base na argumentação tão bem estruturada e clara da carta poderíamos dispensar a questão, se Romanos é de fato o texto de um só autor. Mesmo assim, há estudiosos sugerindo que talvez várias cartas tenham sido resumidas em uma só, não só para o caso de Romanos. As suas considerações, no entanto, ainda não foram convincentes, o que torna desnecessário gastarmos mais tempo com o assunto a essa altura.

O último capítulo, entretanto, causa dificuldades a todos os intérpretes, por duas razões. (1) Os versículos 24-27 nos foram transmitidos em tradições conflitantes e (2) o grande número de pessoas conhecidas do apóstolo numa igreja que ele não conhecia causa desconforto. A primeira dificuldade não pode ser resolvida facilmente. A segunda, se colocada sob investigação mais detalhada, resulta não ser tão importante.

Na tradução de Lutero (edição de 1984) há a seguinte observação após o versículo 23 do capítulo 16: "O final da carta aos Romanos nos foi transmitido de diversas formas: Os versículos 24 e 25-27 estão em lugares diferentes da carta nas várias fontes textuais. Nos textos mais antigos, o versículo 24 está faltando neste trecho. Ele tem o seguinte teor: 'Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com vocês todos. Amém.

Se dermos uma olhada no Novo Testamento Grego, veremos confirmada essa afirmação. Lá constatamos que os manuscritos mais antigos e mais importantes não têm o versículo 24. Ele consta acima de tudo do manuscrito bilíngue (grego e latim) de Claramontano, do qual

faz parte uma tradução latina. Na tradição posterior aparece sempre mais frequentemente. Com base nesses fatos, os editores do Novo Testamento Grego não consideraram o versículo 24 parte do texto original da carta aos Romanos.

Já os versículos 25-27 aparecem em praticamente todos os manuscritos, só que em lugares diferentes da carta. Nos manuscritos antigos mais importantes eles estão no final do capítulo 16, mas em outros manuscritos aparecem depois de 14.23, depois de 15.33, depois de 14.23 e 15.33, depois de 14.23 e no final do capítulo 16. Esse tipo de constatação leva à suspeita de que esses versículos foram um acréscimo posterior, inserido em lugares diferentes da carta. Essa suspeita é reforçada por formulações nesses versículos que não aparecem no restante de Romanos.

Não obstante, creio que esses versículos vieram da mão de Paulo, pois estão bem comprovados nos manuscritos e as formulações, mesmo ausentes em Romanos, podem ser achadas em outras cartas do apóstolo.

As muitas saudações do apóstolo a pessoas conhecidas levou vários intérpretes a pensar que este capítulo teria sido um tipo de carta de recomendação para a diaconisa Febe de Cencreia, que esta irmã levou para Éfeso, onde, por causa dos anos de ministério, Paulo conhecia muitas pessoas pelo nome. Essa carta de recomendação teria sido acrescentado posteriormente à carta aos Romanos. Os últimos versículos do capítulo 15 poderiam fazer imaginar que esse já é o fim da carta.

Apesar disso, eu ainda não concordo com essa hipótese, porque ainda não foi comprovada a existência de cartas só de saudações na antiguidade. Acima de tudo, no entanto, uma combinação de duas cartas independentes endereçadas a dois destinatários diferentes não

faz nenhum sentido. Nos manuscritos não há ponto de apoio para essa suspeita. Em vez disso, prefiro partir do ponto de vista de que no decorrer dos anos muitos cristãos mudaram do Oriente para a capital, e o apóstolo aproveita os contatos pessoais para melhor atingir o seu alvo em Roma.

Eu creio, portanto, que o capítulo 16 com exceção do versículo 24 pertence à carta original aos Romanos.

H. AUTOR

Não há dúvidas de que o apóstolo Paulo é o autor de toda a carta, como reivindicado nas informações sobre o remetente.

I. DESTINATÁRIOS

Tudo que queremos saber sobre a composição da igreja de Roma, precisamos descobrir e concluir da carta. Infelizmente não há outras fontes à nossa disposição.

A carta nos mostra em todas as partes que Paulo — o apóstolo aos gentios, com ele mesmo se denomina — está em constante debate com os judeus fiéis à lei. Seja no assunto da necessidade da salvação, ou na discussão da salvação em si, seja na libertação do pecado para uma nova vida ou no assunto da eleição de Deus e da vida moldada pela fé, ele sempre fala aos dois grupos: judeus e gentios. O leitor tem a impressão de que Paulo está constantemente conversando com um judeu fiel à lei sobre o conteúdo do evangelho. Isso significa que a igreja de Roma era constituída principalmente de cristãos-judeus, aos quais Paulo presta contas do seu evangelho aos gentios?

Isso é pouco provável, pois Paulo tinha clareza de que era o apóstolo

aos gentios e intencionalmente tinha deixado a responsabilidade de cuidar dos judeus a Pedro (Gl 2.7ss). Por isso mesmo ele se apresenta aos Romanos explicitamente como apóstolo aos gentios (1.5; 1.13; 15.15ss). Mas acima de tudo ele se dirige aos seus leitores como a cristãos-gentios (11.13,17-24! cf 9.3ss; 10.1s). Está claro: Paulo está falando a não- judeus sobre o povo judeu (11.23,28,31).

Por isso tenho a convicção de que a igreja de Roma era constituída, na sua maioria, de cristãos-gentios na época da redação da carta. Várias pessoas que já eram cristãs provavelmente mudaram do oriente para Roma. A longa lista de saudações no capítulo 16 mostra provavelmente que Paulo os conheceu nas suas viagens pela Ásia Menor.

Com certeza havia também uma ala de cristãos-judeus na igreja, como mostra a controvérsia sobre o comer ou abster-se de carne e a observância de festividades judaicas (14.1ss). O que interessa a Paulo é que esses grupos aprendam a se aceitar e a se respeitar (15.7ss).

Nisso cabe bem a ênfase que Paulo dá à responsabilidade dos judeus e dos gentios diante de Deus (1.16; 2.9ss; 3.29; 10.12). O estilo da carta em forma de diálogo, principalmente os capítulos 9 a 11, também provam a existência desse grupo na igreja de Roma.

J. LOCAL E ÉPOCA EM QUE FOI ESCRITA

Em 16.1 Paulo faz menção a Febe de Cencréia, levanta a possibilidade de que ela será a portadora da carta, e que naquele momento ela está na companhia de Paulo. Cencréia é o nome do porto de Corinto, no mar Jônico. De acordo com Atos 20.2-16 Paulo esteve em Corinto por três meses após a sua estadia em Éfeso. Disso podemos concluir que antes disso ele escreveu as duas cartas aos Coríntios. As duas cartas levaram ao alívio das tensões entre Paulo e a igreja de Corinto, tanto é

que possivelmente na sua estadia de três meses ele tenha tido tempo e tranquilidade para escrever a carta aos Romanos.

Portanto, Corinto é uma possibilidade para o local de redação de Romanos. Dependendo dos fatos da cronologia absoluta, o início do ano 55 ou 56 podem ser considerados como época da redação da carta. De acordo com Atos 20 Paulo estava novamente em Filipos na festa da páscoa, para de lá poder iniciar a viagem para Jerusalém, onde queria estar nas comemorações de Pentecostes.

CAPÍTULO 04

A PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS

A. CONTEÚDO

Dois acontecimentos levaram o apóstolo Paulo a escrever essa carta.

De 1Coríntios 1.11 sabemos que Paulo recebeu visita de Corinto dos da casa de Cloe. Eles lhe trouxeram informações sobre os conflitos entre os diversos grupos em Corinto e o advertiram sobre o perigo de uma divisão da igreja. Além disso, eles também sabiam de uma série de outros aspectos doentes na igreja. De preferência Paulo teria ido a Corinto imediatamente, mas sentiu que não poderia deixar Éfeso naquele momento (1Co 16.1-11). Por isso ele decide tomar posição sobre as questões mencionadas por meio de uma carta que ele envia com Timóteo a Corinto. A posição dele em relação às questões que o pessoal de Cloe lhe trouxe está nos capítulos 1-6.

Enquanto Paulo ainda está ditando a carta, chega uma delegação da igreja a Paulo, que lhe traz uma carta de Corinto. A delegação é constituída por Estéfanos, Fortunato e Acaico (1Co 16.17). Por Estéfanos pertencer ao grupo que está do lado de Paulo, a carta provavelmente vem deste grupo. As seguintes perguntas são dirigidas a Paulo: os casados devem viver em abstinência? Os casamentos devem ser dissolvidos? As jovens moças devem permanecer solteiras? É permitido comprar carne no mercado? Qual é a sua opinião sobre os

dons espirituais? É necessário que todos orem em línguas estranhas? Como devemos proceder em relação à oferta para Jerusalém? Apolo não poderia vir para Corinto?

Nas suas respostas nos capítulos 7-16, Paulo se dedica a essas questões e introduz cada assunto com a expressão "quanto ao". Além disso, ele também entra em questões transmitidas oralmente a ele pela delegação de Corinto, como a forma de se tomar a ceia e a negação, por parte de alguns em Corinto, da ressurreição dos mortos. 1 Coríntios é, portanto, um escrito motivado por causas bem atuais, que trata dos problemas da igreja que tinha sido fundada pelo apóstolo Paulo há poucos anos.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-9	Introdução	
	Cabeçalho	
	Prólogo	
1.10—6.20	1a parte: Tomada de posição sobre relatos orais	
1.10-17	Divisão na igreja	
1.18-25	A mensagem da cruz	1.18
1.26-31	A composição da igreja	
2.1-16	O Espírito Santo e a sabedoria	2.14
3.1-23	Paulo e Apolo em Corinto	3.11
4.1-21	Paulo — um apóstolo verdadeiro?	4.20
5.1-13	Paulo ordena disciplina de igreja	

6.1-11	O cristão e as disputas judiciais	
6.12-20	O cristão e a prostituição	
7.1—15.58	2a parte: Resposta a perguntas por escrito Perguntas sobre o matrimônio e o celibato Abstinência no casamento? Divórcio? Casamento misto? Celibato?	
8.1—10.33	Perguntas sobre sacrifícios aos ídolos Conhecimento e amor — Consideração pelo irmão — Capacidade de adaptação do apóstolo — O exemplo de Israel — Ceia do senhor e refeição para os ídolos — Carne do mercado na casa do anfitrião	10.16s
11.2-16	Comportamento das mulheres no culto	11.23b-26
12-14	Perguntas sobre os dons	12.26s
15	Sobre a negação da <u>ressurreição dos mortos</u>	15.3s, 10,55-57
16.1-23 Final	Oferta — Notícias — <u>Saudação</u>	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. *1Coríntios 1.18*.

De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam. Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo. *1Coríntios 12.26-27*

Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e

ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. *1Coríntios 15.3-4*

D. GÊNERO LITERÁRIO

Trata-se de uma carta apostolar aberta, pela qual o apóstolo compartilha orientações à igreja por ele fundada. Ele entra em questões que lhe foram trazidas oralmente e também por meio de carta. O que surge disso não é um diálogo com a igreja de Corinto. Paulo se vê como fundador da igreja e por isso se dá a liberdade de dizer como devem ser feitas as coisas na igreja. A perplexidade do apóstolo sobre os últimos desdobramentos na igreja marca indelevelmente a carta. Ela reflete a luta do fundador pela sua igreja.

E. O CONTEXTO HISTÓRICO

Sobre a cidade de Corinto temos informações de fontes seculares. O desenvolvimento da igreja pode ser reconstruído de dados de 1 Coríntios e de Atos.

Algumas informações sobre a cidade de Corinto: a antiga Corinto foi destruída em 146 a.C. César fundou a cidade novamente como uma colônia romana em 44 a.C. Desde 29 a.C. Corinto era — como capital da província senatorial da Acaia — a moradia de um procônsul.

Por ser cidade portuária, Corinto estava aberta ao mundo. Os seus cidadãos eram provenientes de todas as camadas sociais, culturas e religiões. Os vícios da cidade eram proverbiais. Se de fato existiram as 1.000 prostitutas cultuais de Afrodite é duvidoso. Possivelmente essas eram insinuações maldosas dos seus vizinhos.

Nessa cidade mundana nasce uma igreja cristã no ano de 49 d.C. por meio dos esforços missionários do apóstolo Paulo. É possível reconstruir

os degraus de seu desenvolvimento com base em Atos dos Apóstolos e nesta 1ª carta aos Coríntios.

De tudo que podemos observar, a história da igreja pode ser dividida em quatro etapas:

1. PRIMEIRA ETAPA – PAULO FUNDA A IGREJA

Atos 18.18 nos informa sobre o início da igreja. Logo depois de sua chegada a Corinto, Paulo encontra o casal Áquila e Priscila, fazedores de tendas por profissão. Paulo trabalha com eles e com isso ganha o seu sustento. No seu tempo livre ele visita a sinagoga judaica e participa na exposição das Escrituras Sagradas.

Depois que os seus colaboradores Timóteo e Silas chegam a Corinto, ele pode se dedicar totalmente à pregação da palavra, pois eles presumivelmente trouxeram ofertas em dinheiro da Macedónia. Paulo professa a Jesus como o Messias de Israel e isso leva à ruptura com a sinagoga. Paulo muda, juntamente com os seus seguidores, para a casa vizinha de um homem temente a Deus, Justo. Ali então se reúne o grupo base da igreja: famílias judaicas que estão crendo em Jesus Cristo. Em colaboração com eles Paulo evangeliza por um ano e meio. Tanto judeus quanto gregos se convertem.

Depois do novo procônsul Gálio ter iniciado o seu mandato, é feita uma acusação contra Paulo e seus amigos, incitada pelos líderes da sinagoga. A acusação não tem consequências. Em vez disso, há tumultos antissemitas. A igreja cristã não é atacada. Talvez é por isso que eles não conseguiam entender por que Paulo tinha sofrido tanta oposição em outros lugares.

É verdade que na sua composição a igreja tinha um potencial

enorme para tensões: cristãos-judeus e cristãos-gentios, pessoas abastadas (At 18.7; Rm 16.23) e muitos entre eles das camadas sociais mais baixas (1Co 1.26).

2. SEGUNDA ETAPA – O MINISTÉRIO DE APOLO

Mais ou menos no outono de 51 d.C. Paulo deixa Corinto e viaja para Antioquia na Síria, passando pela Macedónia e Ásia Menor. Áquila e Priscila o acompanham na primeira parte da viagem; depois ficam em Éfeso. Lá eles encontram um judeu de Alexandria chamado Apolo (At 18.23-28). Esse conhecia Jesus e estava empolgado com ele. Teólogo e orador muito capacitado, difundia o ensino sobre Jesus. Entretanto, Áquila e Priscila percebem logo que ele ainda não entendeu tudo corretamente. Ele tampouco foi batizado sob o nome de Jesus, pois só conhece o batismo de João. O casal então instrui Apolo na fé em Jesus Cristo e o envia com uma carta de recomendação para a Acaia e também para Corinto. Lá se evidenciam a sua capacidade teológica e o seu dom de orador. Ele apoia os membros da jovem igreja nas suas disputas com os judeus ao demonstrar pelas Escrituras Sagradas que Jesus Cristo é o Messias prometido. Podemos supor — mas não concluir definitivamente —, com base na 1ª carta aos Coríntios (1.1), que por meio disso Apolo conquistou para a fé em Jesus o chefe da sinagoga Sóstenes, que tinha sido espancado diante do tribunal de Gálio (At 18.17). De qualquer forma, o ministério de Apolo teve um impacto tão grande na igreja de Corinto que um grupo se chamava "os de Apolo" (1Co 1.12; 3.4). Mesmo assim, Paulo não viu em Apolo um concorrente, mas um obreiro com dons e chamado totalmente diferentes (1Co 3.5-15), mesmo que tenha sido dolorido para ele ouvir que, em comparação com Apolo, o seu dom de falar era pouco

reconhecido pela igreja de Corinto (2Co 10.10; 11.6).

3. TERCEIRA ETAPA – MUDANÇA DE CRISTÃOS DO ORIENTE PARA CORINTO

A situação na igreja se torna mais complicada ainda quando chegam a Corinto cristãos do oriente. Não podemos afirmar se eles vêm de Jerusalém. O que está claro é que estão relacionados a Pedro. Eles utilizam a forma hebraica do nome que Jesus tinha dado ao seu discípulo Simão, Cefas. Isso já nos dá indicação clara da origem desse grupo.

São cristãos-judeus que sabem que Jesus colocou Simão como rocha (hebraico *kepha*) para a sua igreja. Eles creem que a unidade da igreja estará garantida se todos os grupos da igreja se submeterem a Pedro. Para eles esta questão está clara. Eles são "de Pedro" (1Co 1.12).

As duas cartas aos Coríntios mostram que os seus membros conheciam a igreja primitiva. Eles sabiam que os outros apóstolos eram casados (1Co 9.5), que Tiago, o irmão do Senhor, tinha posição especial na igreja (1Co 15.7), que Jesus tinha chamado doze apóstolos (1Co 15.5), que os pregadores do evangelho deviam viver disso (1Co 9.14), que os apóstolos realizavam milagres (2Co 12.12), que Jesus tinha proibido o divórcio (1Co 7.10). Mas "é impossível distinguir com exatidão entre o que provinha de Paulo nessa imagem que faziam de Jesus e o que a tradição da primeira igreja introduziu no seu conceito sobre Jesus."²

Os cristãos que tinham vindo do oriente desconheciam Paulo e o seu ministério. Os outros apóstolos tinham aberto o caminho para a sua vinda a Jesus. Eles não tinham intenção alguma de introduzir a

lei mosaica na igreja de Corinto. Já na sua igreja-mãe se falava de "nova aliança", da "nova igreja", da "fé". Mas esses primeiros apóstolos tinham se tornado "superapóstolos" (2Co 11.5; 12.11). Era necessário que as igrejas fundadas por Paulo se submetessem a esses apóstolos, especialmente a Pedro, não era?

4. O APARECIMENTO DOS FANÁTICOS

Essa quarta etapa apresenta o maior perigo para o desenvolvimento sadio da igreja. Surgem pessoas que afirmam se basear em Cristo (1Co 1.12; 2Co 10.7). É bem provável que Paulo esteja se referindo a eles quando, em vários trechos, fala em "alguém", "alguns" (1Co 3.18; 4.18; 15.12).

Podia até parecer que era um grupo que queria comprometer a igreja com Cristo. Mas a sua autodenominação "os de Cristo" não soa como um convite para que todos voltem à sua base comum. A expressão é exclusivista e soa como grito de guerra. De si mesmo dizem que pertencem a Cristo, aos outros negam essa realidade.

Questionam se Paulo de fato tem o Espírito Santo (1Co 7.40), se ele é um verdadeiro apóstolo (1Co 9.2; 15.9), se tem o dom de línguas (1Co 14.18), se recebeu revelações de Jesus (2Co 12.1) e se Cristo de fato fala por intermédio dele (2Co 13.3). Eles questionam a autoridade do apóstolo. Muitas afirmações dele são reações a esse questionamento. É difícil crer como pessoas ganhas para Jesus por meio de Paulo podem, mais tarde, falar dessa forma sobre ele.

O mais assustador de tudo é que não se trata aqui somente de uma controvérsia pessoal. Esses opositores estão proclamando uma nova doutrina e uma nova ética. Eles não veem problema algum no

fato de os homens da igreja se envolverem com as moças de Corinto (1Co 6.12). No casamento exigem abstinência sexual (1Co 7.1-7) e, por motivos espirituais, chegam até a exigir o divórcio (1Co 7.10-12). Reivindicam liberdade para participarem de festas aos ídolos (1Co 10.23). Menosprezam a ceia do Senhor (1Co 11.17-34). Falam muito do Espírito Santo e seus dons, principalmente o falar em línguas (1Co 12—14). Estão tão convictos da renovação por meio do Espírito de Deus, que consideram desnecessária a ressurreição do corpo (1Co 15).

A. Schlatter caracteriza esse grupo, com certa ironia, da seguinte maneira: "Não crer, mas conhecer; não obedecer e se submeter, mas exercer a sua plenitude; não pensar nos outros, preocupar-se com eles, servi-los, mas desenvolver a própria experiência religiosa, mesmo que não faça sentido para os outros; não morrer, mas desfrutar a vida, que logo será transfigurada pelo governo de Deus; é isso que foi dado à igreja de Cristo, à comunhão dos santos."

Isso é fanatismo. Por isso chamamos esse pessoal "de Cristo" de fanáticos. Os estudiosos estão de acordo sobre o fato de que Paulo concentra as suas atenções acima de tudo nesse grupo.

Há diferenças de opinião sobre como esses fanáticos entraram na igreja. Três opiniões orientaram a interpretação desse aspecto nesse século:

Lütgert, que estava preocupado principalmente em derrubar a teoria de F. C. Baur, que dizia que se tratava de tendências judaizantes, defendeu a posição de que o grupo de fanáticos surgiu dentro da própria igreja.

A oposição frontal desse grupo contra Paulo enfraquece essa opinião. Schlatter parte do ponto de que se trata aqui de um grupo

libertino do judaísmo da Palestina. Pensa-se aí, sobretudo nas posições doutrinárias dos saduceus, que também não sabiam o que fazer com a ressurreição.

Schmithals tentou demonstrar numa monografia que todos os sinais desse grupo apontam na direção do gnosticismo.

Nesse caso ele naturalmente precisa se basear em fontes datadas do século VII e VIII. Por isso pressupõe que havia formas desse gnosticismo já no primeiro século.

Com base no estado atual das pesquisas, precisamos admitir que não podemos responder com certeza a questão da origem desses fanáticos. Parece que não se deu atenção suficiente ainda à influência filosófica e religiosa da Grécia, onde já podemos perceber a valorização excessiva do conhecimento e da sabedoria e o desprezo pelo corpo e as consequências éticas que seguem essa postura. Do ponto de vista histórico, isso seria mais convincente do que o embasamento em um sistema gnóstico fechado, que com certeza não existiu naquela época, pois surgiu exatamente do confronto posterior com a fé cristã.

A história da igreja de Corinto é de fato dramática: no outono de 49 Paulo inicia o seu trabalho missionário em Corinto; no outono de 51 ele deixa a cidade. Na primavera de 54, portanto dois anos e meio mais tarde, ele escreve a sua primeira carta aos coríntios, como pode ser comprovado. Em quatro anos e meio a igreja passou por todas as quatro fases e experimentou praticamente todas as crises de uma igreja em formação.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Com exceção do capítulo 15, a carta toda trata de questões do

comportamento cristão. Como é possível manter a unidade da igreja quando se formam grupos que trabalham uns contra os outros? Que significado tem para a igreja obreiros capacitados por Deus? Como devemos agir em questões judiciais entre cristãos? Quais são os padrões para questões sexuais e éticas? Como devem se comportar cristãos num contexto religioso marcado pelo paganismo? Como os membros vão celebrar a ceia do Senhor, quando os seus membros estão brigando uns com os outros? Quais dons Deus deu à sua igreja e como podem ser usados significativamente?

Paulo trata essas questões em relação e com base no evangelho de Jesus Cristo. O que Deus fez por meio de Jesus Cristo é que precisa definir o comportamento da igreja. Nesse sentido essa carta é um exemplo clássico para a ética da igreja ou do discipulado que Paulo defendeu e pregou.

Essas questões foram desencadeadas por uma religiosidade que enfatiza o espiritual, mas não leva a sério a vida no corpo dos cristãos. As noções soam parecidas com filosofia grega e também com os movimentos gnósticos. Com base na fé veterotestamentária em um criador do universo, Paulo trava uma batalha ferrenha contra esses opositores.

Isso acontece de maneira especial também no capítulo 15. A ressurreição dos mortos não era diretamente negada em Corinto, pois isso teria causado dificuldades de raciocínio. O que caracterizava esses coríntios, é que se satisfaziam com a renovação do seu espírito. Não davam importância à ressurreição do corpo. Com base na ressurreição corporal de Jesus Cristo, Paulo enfrenta essa posição herética. Ele está profundamente convicto do fato de que a ressurreição por meio de Jesus vai assumir formas corporais. Ele crê que a vida cristã só tem sentido se estiver baseada nesse pressuposto.

G. UNIDADE

De 1Coríntios 5.9-13 concluímos que Paulo já tinha escrito uma carta a essa igreja. Entretanto, não tinha sido compreendido corretamente. Por isso precisa se posicionar mais uma vez em relação aos assuntos da carta anterior. Chama-se a esta carta de "carta perdida aos Coríntios".

Alguns estudiosos (por ex. Héring e W. Schmithals) tentaram reconstruir essa carta perdida com base em 1 Coríntios. O motivo para isso são supostas rupturas ou repetições no pensamento da carta.

Em 1Coríntios 4.19, por exemplo, Paulo promete que virá logo; de acordo com 1Coríntios 16.3ss o leitor tem a impressão de que ainda pode demorar. Mas se observarmos mais de perto essas duas datas, concluiremos que elas não são necessariamente excludentes.

Em 1Coríntios 10.1-22 Paulo proíbe terminantemente a participação em refeições aos ídolos; em 1 Coríntios 8 e 10.23—11.1 ele não faz objeção alguma contra o consumo de carne oferecida a ídolos. Basta levar em consideração a consciência mais fraca. Olhando mais de perto, no entanto, percebemos duas esferas distintas de problemas: em 10.1-22 a questão é a visita aos templos pagãos e em 8 e 10.23—11.1 trata-se de consumo de carne que é vendida no mercado ou oferecida nas casas dos outros.

Em 1Coríntios 9 Paulo defende o seu apostolado, ao passo que nos capítulos 1-4, tão importantes, o apóstolo não se refere ao seu chamado. Mesmo assim ele enfatiza explicitamente o seu apostolado em 1.1ss e responde detalhadamente à crítica da sua pessoa no capítulo 4.

De acordo com 1Coríntios 11.18 parece que Paulo trata o problema das divisões pela primeira vez, ao passo que ele já mencionou o assunto no capítulo 1 (vv. 10ss). Evidentemente no capítulo 10 ele não está falando

dos grupos que se formaram na igreja, sobre os quais falou no capítulo 1, mas sobre intrigas na ceia do Senhor e na refeição de amor que faziam na igreja.

Depois da análise dos argumentos contra a unidade de 1Coríntios, resta a constatação de que precisamos confirmar a unidade e integridade dessa carta. Uma combinação de duas cartas independentes mas interligadas seria estranha para o estado atual da pesquisa no campo das correspondências na antiguidade. Portanto, ponto de partida para mim é a unidade da carta.

H. AUTORIA

De acordo com os dados sobre o remetente, a carta é do apóstolo Paulo. Não há dúvidas quanto a isso.

I. DESTINATÁRIOS

A carta foi endereçada à igreja de Corinto. A maioria dos seus membros são cristãos-gentios. A sua composição geral e os seus conflitos específicos que levaram Paulo a escrever esta carta já foram descritos.

J. LOCAL E DATA

Com base em 1Coríntios 5.7 é possível concluir que a carta foi escrita imediatamente antes da páscoa, pois Paulo menciona Cristo como o cordeiro pascal dos cristãos e desafia os coríntios: "celebremos a festa". Em outras palavras, antes da páscoa é necessário que a igreja seja purificada das coisas obscuras.

Em 1Coríntios 16.8 vemos que a carta foi escrita antes de pentecostes em Éfeso. Provavelmente foi escrita em Éfeso numa primavera durante

a 3ª viagem missionária de Paulo. Com base na tabela da cronologia absoluta e relativa entram em consideração somente os anos 53 e 54. Mas é possível definir a questão com mais exatidão.

Na primeira carta aos Coríntios Paulo lembra da oferta para a igreja de Jerusalém (1Co 16.1-14). Ele volta a esse assunto na segunda carta (2Co 8.10; 9.2) e data a oferta no ano anterior. A segunda carta aos Coríntios foi escrita após a partida dele de Éfeso (2Co 2.12s; 7.5-7). De acordo com a cronologia absoluta e relativa, isso resulta no fim de 54. O "ano passado" então seria, de acordo com o nosso calendário, a primavera de 53. Visto que de acordo com o calendário juliano-oriental, vigente na época da redação da carta, o ano novo começava no outono, a época provável em que 1 Coríntios foi escrita é a primavera de 54.

CAPÍTULO 05

A SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS

A. CONTEÚDO

A segunda carta aos Coríntios é um escrito com forte conotação pessoal. Paulo entra no assunto das acusações que foram feitas à sua pessoa e ao seu apostolado, que, de acordo com 1 Coríntios, aumentaram. Percebemos como Paulo está lutando para reconquistar a confiança da igreja que ele mesmo fundou.

O retorno do seu colaborador Tito é acompanhado de boas notícias, tanto é que ele pode agora preparar a próxima visita a Corinto. Esse é o objetivo da carta.

Paulo pede à igreja que faça uma oferta em dinheiro para os cristãos empobrecidos de Jerusalém. Ele tinha prometido essa oferta aos presbíteros de Jerusalém (Gl 2.10). O objetivo disso era evidenciar a unidade da igreja entre os cristãos-gentios com a igreja-mãe, e gerar na igreja de Corinto um sentimento de responsabilidade pelos irmãos de Jerusalém.

Nos últimos capítulos nos surpreende o tom duro com que Paulo fala com os seus opositores. Será que as dificuldades em Corinto ainda não estão resolvidas? É preciso refletir cuidadosamente sobre as questões relacionadas a essas dificuldades.

B. DIVISÃO, VERSÍCULO-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-11	Introdução: cabeçalho — prólogo	
1.12—7.16	Paulo defende a sua pessoa e o seu apostolado	
1.12—2.14	Paulo rejeita ataques a sua pessoa Planos de viagem — incidente — espera por Tito Louvor	
2.15—7.4	Paulo defende o seu apostolado	
2.15-17	O apóstolo, aroma suave de Cristo	
3	A glória do serviço na nova aliança	3.17
4	A luz do evangelho no serviço do apóstolo	4.5-7
5.1-10	Esperança para além da morte	
5.11-21	O apóstolo é o mensageiro da reconciliação	5.19-21
6.1-13	A aprovação no serviço tão cheio de privações	
6.14—7.4	Admoestações sobre idolatria e preocupação pela igreja	
7.5-16	Paulo se alegra pela vinda de Tito	
8 e 9	Desafio para fazerem a oferta para Jerusalém	
10-13.10	Paulo rejeita ataques pessoais	
10	A acusação da oratória deficiente	
11	Apóstolos falsos e legítimos	

12	Revelações de Jesus Cristo e a fraqueza do seu apóstolo	12.9
13.1-10	Admoestações antes da 3ª visita	
13.11-13	Final da carta	13.13

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus. *2Coríntios 4.5*

Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. *2Coríntios 4.7*

... Deus estava em Cristo, reconciliando consigo mesmo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. *2Coríntios 5.19-20*.

D. GÊNERO LITERÁRIO

Esse livro é uma carta apostolar aberta com que o apóstolo quer fundamentar renovadamente a sua autoridade em Corinto. Que Paulo está machucado é claramente perceptível na forma com que foi organizada a carta. Ele nos descortina a vida incansável e cheia de aventuras e conflitos do apostolado.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

Nada há em Atos dos Apóstolos sobre o tempo entre uma e outra carta aos coríntios, pois Atos cita novamente a igreja em Corinto somente em

conexão com uma visita após o ministério em Éfeso. Mas a 2ª carta aos coríntios foi escrita antes dessa visita, pois o seu objetivo é preparar essa visita.

Estamos limitados, portanto, à história aqui contada como única fonte para entendermos o contexto histórico. Daí podemos reconstituir o seguinte quadro.

De I Coríntios 4.17 e 16.10 concluímos que Paulo enviara Timóteo a Corinto para levar a primeira carta e regularizar, o quanto possível, a situação em Corinto. Parece que isso não aconteceu. Por isso o próprio Paulo viaja para Corinto para colocar as coisas em ordem. Concluímos isso de 2Coríntios 12.14 e 13.1, textos em que Paulo anuncia a sua terceira visita a Corinto. Deve ser uma visita intermediária que Atos não menciona.

Evidentemente essa visita não foi feliz, como relata 2Coríntios 2.1ss. Há um incidente lamentável, em que Paulo é injustiçado. A igreja toda é envolvida no assunto (2Co 2.5; 7.12). Longe de reconduzir a igreja à paz, ele interrompe a sua visita. A igreja se posiciona contra ele. Desenvolve-se uma oposição ferrenha e fortes suspeitas são levantadas contra ele: é acusado de ter agido com leviandade (2Co 1.15ss); não tinham carta de recomendação para ele (2Co 3.1); ele teria dado motivo de escândalo (2Co 5.11; 6.3-4); talvez ele até tenha se beneficiado pessoalmente com as ofertas (2Co 7.2; 12.16). De qualquer forma, acusam-no de não ser um grande orador (2Co 10.10s; 11.6); acham-se também no direito de perguntar se ele é um apóstolo legítimo (2Co 12.12; 13.3).

O objetivo de colocar em dúvida o apostolado de Paulo, já perceptível na época da primeira carta aos coríntios, assume formas mais visíveis agora. Os opositores não recuam diante de ataques pessoais. Eles provavelmente pertencem ao grupo dos fanáticos. Paulo faz uma diferenciação cuidadosa entre eles ("alguns") e a igreja ("vós"). Mas ele

está tão chocada, que está adiando a terceira visita já anunciada, pois quer evitar um novo confronto com eles (2Co 1.23).

Em vez disso, escreve uma carta severa, que nos estudos neotestamentários é chamada de carta das lágrimas. Em 2 Coríntios Paulo menciona essa carta (2Co 2.3-4; 7.8). Provavelmente é Tito quem leva a carta (2Co 7.14ss) e Paulo espera ansiosamente pela sua volta na Macedónia (2Co 2.12,13; 7.5ss). Finalmente Tito volta e traz boas notícias de Corinto: a igreja está arrependida dos referidos acontecimentos. Mesmo assim, nem todas as barreiras entre eles e o apóstolo estão resolvidas. Por isso, logo em seguida, Paulo envia Tito a Corinto mais uma vez (2Co 8.16s) para levar 2 Coríntios na qual anuncia a sua terceira visita à igreja (2Co 12.20; 13.2). Tito deverá também ajudar a igreja a fazer a oferta pela igreja de Jerusalém.

A segunda carta aos Coríntios deixa transparecer que entre a igreja e o apóstolo há, novamente, uma base comum. A respeito daquele que o ofendeu, Paulo recomenda que sejam brandos com ele (2Co 2.5-11). O tom um tanto áspero no final da carta (capítulos 10-13) mostra que ainda havia opositores em Corinto.

Com base no que descrevemos da igreja de Corinto até aqui, a contagem das cartas à igreja, segundo o NT, é um tanto confusa. Pois, na verdade, o apóstolo escreveu quatro cartas a essa igreja. Duas estão no NT e duas se perderam; ou, como querem alguns estudiosos, essas duas foram incorporadas às presentes cartas. A sequência para as cartas é a seguinte:

- Uma carta desconhecida aos coríntios
- A Primeira Carta aos Coríntios
- A carta das lágrimas, que Tito leva
- A Segunda Carta aos Coríntios

F. ÊNFASE TEOLÓGICA

A maior parte dessa carta trata da compreensão que Paulo tem do cargo apostólico. Ele o relaciona ao cargo que Moisés tinha em Israel (2Co 3). No cargo de Moisés estava refletida a glória de Deus. Disso Paulo conclui que tanto mais se mostra a glória brilhante de Deus no ministério dos apóstolos, pois proclamam a reconciliação do ser humano com Deus por intermédio de Jesus Cristo. Todo aquele que precisa de motivação e novo ânimo para o trabalho, vai achá-los nesta carta, pois a tarefa de levar o evangelho às pessoas é uma tarefa fantástica. É o próprio Deus quem está se dirigindo ao ser humano por meio desse ministério.

Por outro lado, Paulo não esconde o fato de que o ministério apostólico é permeado por sacrifícios, privações, hostilidades e sofrimentos. Também parece que ele sofria de um problema físico, do qual queria muito ser curado (2Co 12.1-10). Esse desejo não foi atendido. Ele deveria se satisfazer com a ajuda graciosa de Deus em todas as suas fraquezas. Quanto a isso, essa carta é uma prova de que a fé em Jesus Cristo não nos garante uma vida de sucesso, sem sofrimentos. Ela nos mostra como o evangelho nos ajuda a não desesperarmos nas privações, sofrimentos e doenças, porque Deus está presente, por meio de Jesus Cristo, nas vidas daqueles que se encontram nessas situações.

A carta está bem relacionada a situações reais, como mostram os dois capítulos escritos para preparar a igreja para a oferta que devem fazer em favor da igreja de Jerusalém que está em grande necessidade. De forma alguma Paulo indica que a igreja de Jerusalém é culpada pela sua situação. Ele vê nela um desafio às igrejas mais ricas. Esse desafio também vale para os cristãos da igreja de Jesus, que hoje vivem nos ricos países industrializados. O seu Senhor os responsabiliza pelos irmãos e irmãs que vivem em grande pobreza. O apóstolo não faz pesar

a consciência dos seus leitores, mas os convida a compartilharem com alegria as suas posses: *Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria (2Co 9.6-7).*

G. UNIDADE

O leitor atento percebe que após o tom conciliatório no capítulo 7 e as orientações de ordem prática nos capítulos 8 e 9, a carta fica muito áspera a partir do capítulo 10, sem que seja indicada a razão para tal.

Além disso, salta aos olhos que Paulo trata a questão da oferta como se não tivesse sido mencionada ainda (veja especialmente o versículo 1); mas Paulo já deu as orientações necessárias no capítulo 8.

Ainda percebemos que Paulo interrompe a sequência de ideias sobre o fato em 2.14 e faz uma inserção que vai até 7.4. Em 7.5 ele retoma o assunto sem aviso prévio. No meio dessa inserção há mais uma interrupção das ideias em 6.14—7.1. Essas inserções alimentam a suspeita de que a carta das lágrimas —ou parte dela— tenha sido incorporada a 2 Coríntios.

Há duas hipóteses que tentam esclarecer essas observações:

- Nos capítulos 10 a 13, no capítulo 9 e em 2.14—7.4 há fragmentos da carta das lágrimas. Foram acrescentados a 2 Coríntios. Essa hipótese é defendida principalmente por Bultmann e Dinkler.
- Nos textos citados temos observações do apóstolo acerca de uma carta que fora enviada antes da carta das lágrimas. Essa hipótese é defendida, sobretudo por Bornkamm e Schmithals.

Em vez de falar dos prós e contras dessas duas hipóteses, queremos tentar responder à pergunta, se o presente texto da carta é uma prova da combinação de duas cartas. Podemos negar essa afirmação com base nos seguintes argumentos.

Existe, de fato, uma diferença no tom entre os capítulos 1-9 e 10-13. Mas também nos capítulos 1-7 Paulo pressupõe que nem tudo está em ordem na igreja (1.13ss; 1.23ss; 4.2s; 5.11ss; 7.2). Nesses capítulos encontramos também a argumentação do apóstolo contra falsos missionários (2.17).

Por outro lado, Paulo pressupõe nos capítulos 10-13 que somente algumas pessoas o atacam (10.2,7,11s; 11.5,12s,18,20). O restante da igreja está ameaçado por essas pessoas (11.1b,4; 12.11,19 e outros). Contra a reivindicação de que os capítulos 10-13 tenham pertencido à carta das lágrimas temos, sobretudo, os seguintes argumentos: o acontecimento de 2.3—5.9, que era o motivo para a carta das lágrimas, não é nem mencionado. Em 12.18 Paulo menciona o envio de Tito com o objetivo da oferta para Jerusalém, enquanto Paulo já deu as orientações necessárias em 8.6,16-18. O capítulo 12, portanto, não pode ter constado de uma carta que tenha sido escrita aos coríntios antes de 2 Coríntios. E, por último, não é possível entender de 2.3ss e 7.8ss como a igreja teria reagido à argumentação de Paulo contra os "superapóstolos" (12.11).

Tudo isso fala a favor do fato de que os capítulos 10-13 desde o começo estiveram no contexto em que os encontramos hoje. É provável que Paulo tenha ditado essa carta num período longo em que a preocupação pela igreja tenha se renovado enquanto escrevia.

A unidade dos capítulos 1-9 precisa ser mantida pelas seguintes razões: No capítulo 9 Paulo se refere ao que já fora regulamentado

anteriormente. O termo grego traduzido por "ora" indica isso. Podemos imaginar que o apóstolo tenha retomado o tema após uma interrupção. A inserção longa em 2.14—7.4 se explica pelo cântico de louvor em 2.14, que para o apóstolo é um motivo para a defesa do seu apostolado. Dessa sequência de ideias ele volta gradativamente ao seu tema inicial. A solução mais simples diante de todas as dificuldades mencionadas é aceitar a unidade do texto na sua presente forma, que foi ditado em um período relativamente longo.

H. AUTORIA

Há concordância unânime entre os eruditos de que essa carta foi escrita por Paulo. Alguns têm restrições em dois aspectos:

Em 6.14—7.1 a sequência é subitamente interrompida pela designação dada ao diabo ("Maligno"), que lembra mais a comunidade de Qumran, com também pela formulação "de toda impureza, tanto da carne, como do espírito" (7.1).

O trecho de fato incomoda no contexto, mas não é só por isso que foi escrito por outro autor, ainda mais que em Paulo não é possível comprovar um vocabulário fixo na sua descrição do diabo. Um argumento paralelo a favor de inserções pode ser visto em 1Coríntios 10.1-22.

Não há, portanto, argumento convincente para questionarmos a autoria paulina para esse trecho.

A segunda restrição se refere às afirmações cristológicas em 3.17s e 5.16. Elas podem ser entendidas do ponto de vista da Cristologia docética.⁶ Com base nessa pressuposição Schmithals as vê como glosas gnósticas⁷ que se infiltraram nessa carta de Paulo.⁸ Essa

concepção não prevaleceu porque nos conflitos gerais em Corinto a Cristologia docética não tem importância alguma. Não há base para crermos que nessa época já havia esse tipo de ensino gnóstico sobre o salvador. Os manuscritos, de qualquer forma, não nos dão razão para suspeitarmos de uma glosa.

Por isso, também nesses versículos partimos do ponto de vista de que Paulo foi o seu autor.

I. DESTINATÁRIOS

A carta é dirigida à igreja de Corinto.

J. LOCAL E DATA

Depois de Paulo partir de Éfeso, prega o evangelho em Trôade, mas não tem paz sobre isso. Por isso interrompe a sua estadia lá e viaja para a Macedônia para se encontrar com Tito (2Co 2.12s). Após sua chegada (2Co 7.5-7), Paulo escreve 2 Coríntios e envia Tito com a carta para Corinto. Portanto, a carta foi escrita na Macedônia. A data possível, de acordo com as cronologias absoluta e relativa, é o outono de 54.

CAPÍTULO 06

A EPÍSTOLA DE PAULO AOS GÁLATAS

A. CONTEÚDO

Essa carta de Paulo está entre os escritos mais breves que nos foram transmitidos. Mas isso não diminui os seus efeitos ao longo da história da igreja, pois trata do significado da lei e do evangelho; sobretudo, da questão, se cristãos-gentios precisam se tornar judeus para pertencerem ao povo de Deus, ou se o fato de pertencerem a Cristo lhes dá direito a serem completamente povo de Deus.

Todas as vezes que na história da igreja se tentou substituir a salvação recebida em Jesus por atos piedosos, a importância desta carta foi renovada. Por isso não nos admiramos de Martinho Lutero ter dado tanto valor a Gálatas e ter escrito dois comentários sobre essa carta. Sempre de novo há situações em que ela se torna atual. Vale a pena, portanto, darmos atenção à sua mensagem e conteúdo, pesquisarmos a respeito dos destinatários e do motivo da carta e nos aprofundarmos na questão da data e local de redação da mesma.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-5	Cabeçalho: remetente — destinatários	

	— saudação	
	1ª parte	
1.6—2.21	Paulo rechaça ataques pessoais por meio da menção de seu relacionamento com os outros apóstolos	
1.6-10	Nenhum outro evangelho!	
1.11-24	Paulo recebeu esse evangelho de Jesus Cristo	
2.1-10	Acordo entre Paulo e os outros apóstolos sobre a propagação do evangelho	
2.11-21	Disputa entre Paulo e Pedro a respeito da vida de acordo com o evangelho	
	2a parte	
3.1—4.31	O significado salvífico da lei e do evangelho	
3.1-5	A existência espiritual dos gálatas não está baseada na obediência religiosa à lei, mas na fé	
3.6-18	A promessa a Abraão não está fundamentada na lei, mas sobre a sua fé	
3.19-29	O significado salvífico da lei até à vinda de Jesus	3.24
4.1-7	A filiação de Deus cancela a escravidão da lei	4.4s
4.8-31	A obsessão dos gálatas pela lei é uma recaída (alegoria de Sara e Hagar)	
	3a parte	
5.1—6.10	Sobre a liberdade que vem pelo evangelho	

5.1-12	A liberdade precisa ser defendida	5.1
5.13-15	O evangelho liberta para a ação que vem do amor	
5.16-26	Obras da carne e fruto do Espírito	5.22
6.1-10	Exortações para o <u>comportamento responsável</u>	6.2,7
6.11-18	Conclusão da carta (em parte <u>Manuscrita</u>)	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. *Gálatas 4.4,5*

Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão. *Gálatas 5.1*

Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo. *Gálatas 6.2*

D. GÊNERO LITERÁRIO

A Carta aos Gálatas é um escrito com o qual o apóstolo Paulo tenta combater a heresia que se infiltrou na igreja que ele tinha fundado. Em comparação com as outras cartas de Paulo, salta aos olhos o fato de que o autor não anexa um prólogo com palavras de gratidão ao cabeçalho da carta. Visto que o evangelho de Jesus Cristo está em jogo, provavelmente há pouco motivo para gratidão. A carta é um escrito de guerra dotado de toda severidade pertinente.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

Concluimos da carta que as igrejas da Galácia tinham sido invadidas por uma heresia que as colocara em perigo. Visto que Atos dos Apóstolos não relata nada sobre esse fato e tampouco temos outras fontes a respeito, dependemos da própria carta para descobrirmos as características dessa heresia. Certamente pessoas que representavam a lei mosaica se infiltraram nas igrejas da Galácia. Exigiam dos cristãos-gentios que estes obedecessem às ordenanças da lei. Evidentemente encontraram ouvidos abertos, pois os gálatas estão começando a observar e comemorar dias, meses, épocas e anos prescritos pela lei (Gl 4.10). O cúmulo disso para Paulo é que cristãos-gentios estão sendo circuncidados (Gl 5.3). Paulo lhes explica que com isso estão se obrigando a obedecer a toda a lei mosaica, mas que isso os levará ao naufrágio, quando, na verdade, Cristo os libertou da lei. É certo que na igreja-mãe de Jerusalém havia pessoas que pensavam dessa forma sobre a lei. Inúmeras vezes causaram dificuldades não só ao apóstolo Paulo (cf. At 11). Será que essas pessoas, que denominamos judaizantes, teriam procurado as igrejas fundadas por Paulo e as influenciado dessa forma? De qualquer maneira, isso explicaria a veemência com que Paulo toma posição diante do problema. Ele não consegue nem escrever palavras de agradecimento pelas igrejas da Galácia (cf. capítulo 1). Na história da interpretação de Gálatas esse tem sido considerado via de regra o motivo para a carta.

No nosso século, no entanto, essa posição tem sido questionada por muitos. Hirsch, Lietzmann, Beyer e outros são da opinião de que os opositores de Paulo na Galácia só podem ter sido cristãos-gentios que se infiltraram nas igrejas. O exagero sarcástico em Gálatas 5.1 só seria compreensível para o caso de cristãos-gentios que se submeteram à circuncisão. Também não poderíamos dizer de cristãos-judeus que não

observavam a lei (6.13). Mas não é exatamente isso que Paulo coloca como argumento contra os judeus em Romanos 2.11-29? Certamente Paulo não conseguiu suportar o fato de que pessoas que tinham sido libertas por Jesus, agora estavam sendo novamente escravizadas por esses hereges. Portanto, é difícil aceitar os argumentos a favor dessa posição.

Uma posição ligeiramente diferente sobre o motivo da carta é defendida por Lütgert. Paulo estaria lutando contra duas frentes na Galácia. Por um lado ele tinha que defender o seu apostolado diante da propaganda judaizante (1.1,11); por outro estava combatendo posições libertinas (5.13,16; 6.1,8). Não percebemos, no entanto, uma mudança de frente de batalha no decorrer da carta. O apóstolo desenvolve o seu tema com coerência constrangedora do primeiro ao último capítulo dessa carta.

Consideremos, por último, a posição de Schmithals. Ele crê que os falsos mestres da Galácia tenham sido cristãos-judeus gnósticos, pois Paulo não teria explicado a um judeu nascido no judaísmo que um circuncidado tem de obedecer a toda a lei (5.3). Esse era exatamente o objetivo dos judaizantes. Segundo Schmithals, no judaísmo houve alas que associavam fidelidade à lei com especulações gnósticas. Sobretudo as expressões "princípios elementares do mundo" (4.3; NVI) e "aqueles ... princípios elementares" (4.9; NVI) seriam mais facilmente compreensíveis nesse contexto. Entretanto, não encontramos na carta outras exposições relacionadas ao gnosticismo. Por isso a posição de Schmithals não conseguiu se impor.

As observações de A. Pohl vão além, quando diz que os cristãos judaizantes atuantes na Galácia não pertenciam ao grupo judeu dos fariseus radicais. A carta não nos dá ponto de apoio algum para afirmarmos que esses judaizantes estavam obrigando os gálatas a obedecerem às ordenanças dos fariseus. Eles só queriam introduzir um

"pouquinho" da lei (Gl 5.9). Eles mesmos não observavam toda a lei (Gl 6.13), mas se restringiam a alguns aspectos fundamentais: a exigência da circuncisão (5.2s; 6.12s; cf. 2.3s), a observância das festas judaicas (4.10) e provavelmente leis cerimoniais de alimentação (2.12). A escolha desses aspectos não era aleatória. Com eles o judaísmo tinha mantido a sua identidade desde o exílio da Babilônia. Com eles também tinha tido um poder de atração todo especial sobre pessoas que sofriam sob a desorientação geral e a depravação dos costumes. Defensores desse tipo de atitude em relação à lei judaica tinham grandes possibilidades de serem ouvidos nas igrejas cristão-gentias da Galácia, pois se apresentavam com a afirmação de que esse "pouquinho" de observância da lei ajudaria os gálatas a ser povo de Deus no sentido pleno da palavra.

É verdade que Paulo não precisa ensinar-lhes as consequências da circuncisão, mas ele lembra as igrejas assim influenciadas disso (5.3). Entretanto, Paulo precisa cuidar para que, do evangelho da liberdade que ele lhes pregou, esses falsos mestres não tirem a conclusão de que o cristão pode fazer o que bem entende (5.13ss). As expressões mais difíceis de serem harmonizadas estão em 4.3ss e 4.8ss. Talvez sejam expressão de uma dependência peculiar da lei, da qual Paulo quer proteger os gálatas.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Gálatas trata da questão central da fé cristã: o que produz a salvação? É a expiação por meio do sofrimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo somente, ou é por meio dessa expiação com a complementação de nossas obras? A posição do apóstolo é clara: a tentativa de ajudar com as nossas obras na salvação, por mais bem intencionados que sejamos, nulifica a obra de Jesus. Por isso ele ameaça a todos os que

pervertem o seu evangelho com a maldição. Cristo, e somente ele, salva.

Em cada parágrafo da carta são perceptíveis a salvação do apóstolo e a sua luta apaixonada por ela. Tudo estava em jogo. "Sem o fim vitorioso dessa luta, o cristianismo não teria passado de uma seita judaica messiânica; nunca teria se tornado uma religião mundial."³ Mesmo assim, Paulo não estava preocupado em fazer uma contribuição duradoura para uma religião mundial. Ele tinha se encontrado com o Cristo ressurreto e isso tinha mudado completamente a sua vida. O que tinha tido valor altíssimo para ele não tinha sido suficiente. Ele teve que mudar totalmente a sua cosmovisão: pensar grande de Jesus e pequeno de si mesmo. Ele tinha conquistado outras pessoas para esse caminho. Essas pessoas tinham edificado a sua vida sobre Jesus. Agora ele via que elas estavam em perigo de perder tudo e de cair no desespero daqueles que querem fazer a vontade de Deus de todo o coração, mas nunca conseguem. Tudo isso era demais para ele. Consequentemente, tinha que lutar contra essa falácia por amor a Cristo e por amor aos cristãos.

O que nesta carta é uma luta pessoal pelas igrejas da Galácia, encontramos em Romanos como ensino apostólico equilibrado e solidamente fundamentado: o evangelho de Jesus Cristo é o poder para a salvação de todo o que crê em Jesus Cristo.

G. UNIDADE

A carta foi escrita de uma vez só. Não existem argumentos sérios de fragmentação da carta.

H. AUTORIA

Não há dúvidas quanto aos dados do remetente no cabeçalho. Trata-se de uma carta do apóstolo Paulo.

I. DESTINATÁRIOS

"Gálatas" pode significar vários grupos de pessoas, pois Galacia é uma denominação geográfica mais ampla do que uma cidade. O nome se refere à região em torno da atual Ankyra, no centro da antiga Ásia Menor. De acordo com Atos dos Apóstolos, Paulo esteve lá no início da sua segunda viagem missionária (At 16.6). Certamente ele evangelizou e fundou igrejas naquela região, mesmo que nada disso seja relatado em Atos. Mas a observação de que na terceira viagem missionária ele visitou também a Galácia e fortaleceu todos os discípulos (At 18.23) permite essa conclusão. Se nos basearmos nessas evidências, concluímos que a carta foi escrita para os cristãos-gentios das igrejas do interior da Ásia Menor.

Galácia é também, por outro lado, nome da província romana da Galatia, que abrangia toda a metade oriental da Ásia Menor e, portanto, também a Panfília, Pisídia e Licônio, onde já na primeira viagem Paulo havia fundado igrejas compostas por cristãos-gentios e cristãos-judeus. A carta teria sido endereçada a estas igrejas e seria uma indicação de que haviam surgido tensões entre os cristãos-gentios e os cristãos-judeus.

Que argumentos há a favor de um ou do outro ponto de vista? Para a segunda interpretação (hipótese da província da Galatia) é citado que Paulo geralmente usava nomes de províncias. Mas não é possível comprovar isso em todas as situações. Há muitos textos que são também provas do contrário (Gl 1.21; 1Ts 1.7; 2.14; 2Co 1.16). Supostamente a presença de judeus na província teria sido óbvia, e na região em volta de Ankara não haveria provas. Entretanto, Paulo não

associou a influência destruidora a pessoas que eram nativas daquela região. É perfeitamente possível que os falsos mestres tenham vindo de outros lugares para as igrejas daquela região para causar a confusão (Gl 4.8; 5.2s; 6.12s).

Os argumentos a favor da primeira hipótese são mais convincentes (hipótese da região). Seria pouco provável que Paulo tivesse escrito "Depois fui para as regiões da Síria e da Cilícia" (Gl 1.21), se "gálatas" significasse os habitantes da província. Aí ele teria dito: "Depois vim para a Síria e a vós." É pouco provável também que a declaração em Gálatas 3.1 tivesse sido dirigida aos habitantes da província. Se ele se dirigiu às pessoas da região, isso concorda com a forma usual do apóstolo.

Por essas razões, é mais provável que a carta foi enviada a igrejas no centro da Ásia Menor, que, por causa de influências negativas, estavam fazendo de tudo para trair o evangelho.

J. LOCAL E DATA

Visto que os destinatários provavelmente eram das igrejas na região de Ankyra, fundadas por Paulo na sua segunda viagem missionária e visitadas por ele na terceira viagem, a data possível para a redação da carta é a terceira viagem, após sua chegada a Éfeso. A favor disso está também a observação que ele faz em Gálatas 4.13 sobre a sua primeira estadia, da qual uma segunda estadia deve ser diferenciada. É possível imaginarmos que ele tenha escrito a carta em Éfeso ou na Macedónia. Isso não pode ter ocorrido muito mais tarde, já que após a sua estadia na Macedónia, Paulo escreveu a carta aos Romanos, em Corinto. As duas cartas têm muito em comum, mas a forma da argumentação mostra que Paulo escreveu Gálatas mais cedo como resultado da

perplexidade pessoal e só mais tarde a carta tão equilibrada e didática aos Romanos.

CAPÍTULO 07

A EPÍSTOLA DE PAULO AOS EFÉSIOS

A. CONTEÚDO

Desconsiderando o cabeçalho e o final da carta, Efésios está dividido em duas partes: 1.3—3.21 e 4.1—6.20. Sobressai o aspecto de que a primeira parte é, na verdade, um prólogo expandido, que trata da intercessão e gratidão do apóstolo Paulo. A segunda parte trata de exortações e orientações para a vida e o discipulado cristão. A parte mais teológica, presente em outras cartas, é omitida aqui.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-2	Cabeçalho: remetente — destinatários — saudação	
1.3—3.21	Primeira parte: a salvação de Deus para os gentios — Motivo para gratidão e intercessão	
1.3-14	Louvor pela eleição por meio de Jesus	
1.15-23	Intercessão pelos leitores	
2.1-10	Salvação dos gentios pela graça	
2.11-22	Uma igreja composta de judeus e gentios	2.19s

3.1-13	O apóstolo dos gentios	
3.14-21	Intercessão do apóstolo	
4.1—6.20	Segunda parte: uma vida à altura da eleição de Deus	
4.1-16	Estejam unidos!	4.3-6
4.17—5.20	Vistam-se do novo homem!	
5.21-33	Tenham uma vida conjugal de acordo com o padrão de Deus!	
6.1-9	Sejam responsáveis diante do Senhor na família e no emprego!	
6.10-20	Estejam armados para a batalha contra o adversário de Deus!	
6.14-17		
6.21-24	Conclusão	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e tendo derrubado a parede de separação que estava no meio, a inimizade, ... *Efésios 2.14*

Assim já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular. *Efésios 2.19-20*

... Esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. *Efésios 4.3*

D. GÊNERO LITERÁRIO

A Carta aos Efésios é uma carta apostolar aberta, mas diverge no

vocabulário e no estilo das cartas de Paulo tratadas até agora.

Há nesta carta 35 *hapax legomena* (palavras do NT que só ocorrem aqui), além de palavras que Paulo não usa nas outras cartas que escreveu.

Exemplos: **henotes** (união, unidade), em 4.3-13; **kosmokrator** (senhor do mundo), em 6.12; **akrogoniaios** (pedra angular) em 2.20; **euangelistes** (evangelista), em 4.11; *to soterion* (a salvação), em 6.17.

Enquanto em outras cartas Paulo chama o diabo de *satanas*, aqui escolhe o nome *diabolos*.

Em relação ao estilo, o que chama a atenção são os usos freqüentes do genitivo e períodos muito longos (1.3-14 é um período). O estilo é mais festivo e menos combativo do que em outras cartas de Paulo. Mas isso só vale para a primeira parte da carta.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

De acordo com o relato de Atos, o início da igreja se deve aos esforços de Apolo (At 18.24-28), que, por sua parte, ainda necessitava de instrução e a recebeu de Áquila e Priscila. Quando Paulo chegou a Éfeso na sua terceira viagem missionária, lá já existiam discípulos de Jesus. Mas eles ainda não sabiam nada sobre o Espírito Santo e tinham sido batizados somente com o batismo de João. Paulo lhes mostrou o caminho da fé em Jesus Cristo, batizou-os em nome do Senhor Jesus e lhes transmitiu, por meio da imposição de mãos, o Espírito Santo.

Em Éfeso, Paulo anunciou o evangelho de Jesus Cristo por três meses na sinagoga. Quando lá surgiram conflitos constantes, Paulo se separou da sinagoga e passou a ensinar diariamente na escola de Tirano. Por dois anos Paulo continuou o seu ministério evangelístico. Por meio dele Deus operou sinais e milagres, que conduziram a um avivamento.

Muitas pessoas deixaram o seu passado carregado de religiosidade e ocultismo e começaram a viver como discípulos de Jesus.

Quem também sentiu os efeitos disso foram os ourives que faziam o seu negócio com o culto a Artêmis em Éfeso. Eles incitaram o povo a um protesto, que, no entanto, foi acalmado sem violência. Depois disso, Paulo preferiu deixar a cidade e ir para a Macedônia.

Na sua volta da Grécia ele se reuniu com a liderança da igreja em Mileto e fez um significativo discurso de despedida.

Sobressai o fato de que a carta não faz menção alguma à atividade do apóstolo em Éfeso. Nenhuma observação sobre a história comum, nenhuma lembrança do que lá ensinou, nem mesmo saudações pessoais. Isso nos leva à pergunta: essa carta foi escrita da prisão (Ef 3.1; 4.1) à igreja de Éfeso? Mais adiante responderemos a isso.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

O tema central da Carta aos Efésios é a unidade da Igreja de Jesus Cristo. Isso não se refere somente à igreja local de Éfeso. A carta trata da igreja universal de todos aqueles que creem em Jesus Cristo. Jesus Cristo é o fundamento dessa unidade (cf. 1.3-14; 2.14; 4.3-6), capaz de ultrapassar todas as barreiras entre pessoas.

O maior milagre consiste no fato de que judeus e gentios crentes em Jesus Cristo formam uma igreja. De acordo com as convicções judaicas da época, isso era impossível. Segundo eles, os gentios só teriam acesso ao povo de Deus se se tornassem judeus. A carta afirma com todas as letras que Jesus Cristo eliminou essa separação: "Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade ..." (Ef 2.14).

Já que isso é assim, tudo na Igreja de Jesus Cristo deve levar à

superação de todas as barreiras, sejam raciais, nacionais, culturais ou sociais. Sempre que as pessoas ainda continuarem presas a essas divisões, o evangelho de Jesus Cristo ainda não está em primeiro lugar na vida prática da igreja.

Essa carta, entretanto, não trata somente da unidade da igreja a nível global. Principalmente na segunda parte, o autor relaciona a unidade fundamentada em Jesus Cristo à convivência das pessoas na igreja local, como também ao casamento, família e profissão. Também para essas situações Jesus é a nossa paz.

G. UNIDADE

Mesmo consideradas as diferenças de linguagem e estilo entre as duas partes da carta, com base no tema que percorre toda a carta, reconhecemos a unidade da carta de Efésios.

H. AUTORIA

Muitos consideram Efésios a carta mais comovente do apóstolo Paulo, na qual ele retrata a sua visão de uma igreja constituída de cristãos-judeus e cristãos-gentios. Outros já pensam que essa carta é apenas uma reprodução de ideias paulinas anotadas e redigidas por um discípulo de Paulo. A forma com que o autor toma posição nos assuntos da carta está intimamente relacionada com a questão da autoria. Ela será tratada aqui de três pontos de vista.

1. PONTO DE VISTA TRADICIONAL

Até o surgimento da crítica histórica, a autoria de Paulo não era questionada. Isso permaneceu assim até o século XIX. Para

defender essa posição, os argumentos abaixo eram determinantes:

a. Dados da própria carta

O cabeçalho da carta é comparável a 2 Coríntios e a Colossenses. Paulo se apresenta como um autor com autoridade apostólica. A saudação contém os elementos típicos de Paulo: "Graça e paz".

No texto da carta o nome do apóstolo Paulo é repetido (3.1), como é costume de Paulo também nas outras cartas (cf. 2Co 10.1; Gl 5.2; Cl 1.23).

A carta toda tem um toque pessoal, mesmo que faltem ao autor dados exatos sobre a situação dos destinatários (1.15s; 3.1; 4.1; e outros). Isso corresponde às outras cartas de Paulo.

b. Opinião da Igreja Antiga

Desde a metade do segundo século, a carta é conhecida entre cristãos ortodoxos como também entre hereges. O cânon de Marcion é uma prova disso. Em 140 d.C. a autoria de Paulo é inquestionável. A carta é utilizada por Clemente de Roma, Inácio e por Policarpo.

c. Estrutura das Cartas Paulinas

A estrutura dessa carta é semelhante à de muitas outras cartas de Paulo, como também a citação do AT (4.8-11) e a adoção da linguagem do AT (2.13; 4.25; e outros).

d. Correspondência Teológica

É possível reconhecer nessa carta o evangelho da forma que Paulo o entendia e ensinava: o fundamento da salvação é a ação de Deus pela eleição em Jesus Cristo (1.314); por isso os

crentes podem estar em Cristo (1.3,10s). Em Cristo, Deus revela a sua misericórdia aos homens (2.1-10), ao reconciliá-los consigo mesmo por meio da morte de Cristo (2.13-22). Jesus enviou o Espírito Santo, que opera na igreja a vida de acordo com a vontade de Deus.

Esses argumentos são tão convincentes, que a obrigação da demonstração e da argumentação recai sobre os que questionam a autoria de Paulo. Se os argumentos deles podem ser refutados, continuamos defendendo a autoria de Paulo. A posição defensiva faz parte dessa questão, pois a carta é, como ela declara, uma carta de Paulo e foi aceita como tal pela igreja antiga.

2. ARGUMENTOS CONTRA A AUTORIA DE PAULO

São apresentados os seguintes argumentos contra a autoria de Paulo para essa carta:

a. Linguagem e estilo

b. Argumentos da Crítica Literária

A proximidade entre Colossenses e Efésios aparentemente é tão grande que uma interdependência literária pode ser daí deduzida. Um quarto das palavras de Efésios também aparecem em Colossenses; mais de um terço das palavras de Colossenses também aparecem em Efésios.⁸ Um exemplo para isso poderia ser Efésios 5.19 e Colossenses 3.16s. Mas isso é suficiente para uma interdependência literária?

Além disso, argumenta-se ainda que conceitos usados em Colossenses são usados com outro significado em Efésios; Cristo como o cabeça do cosmo (Cl 2.10) se torna o cabeça da

Igreja em Efésios (Ef 4.15s); "mistério" em Colossenses se refere a Cristo (Cl 1.26) e em Efésios à Igreja composta de judeus e gentios (Ef 3.3) e à analogia entre matrimônio e igreja (Ef 5.32).

Supostamente, é possível mostrar também que Efésios é tão dependente de outras cartas paulinas como um imitador pode imitar o estilo de um autor.

c. Argumentos históricos

Visto que a igreja antiga defendeu a autoria de Paulo para Efésios, aqueles que questionam essa posição precisam levar em consideração a possibilidade de pseudepígrafos entre os escritos do NT. Precisam pressupor que essa forma literária era tão difundida na igreja antiga que não tinha valor algum no reconhecimento de um escrito paulino, mesmo quando se tratava de um defensor de Paulo tão fervoroso como Marcion.

Além disso, os opositores da autoria de Paulo citam o aspecto de que a unidade entre igrejas de cristãos-judeus e cristãos-gentios ainda não tinha sido alcançada na época da vida de Paulo.

d. Diferenças na teologia

São mencionadas as seguintes diferenças de doutrina em relação a outras cartas de Paulo:

Quando usa o termo "**ekklesia**" nas outras cartas, Paulo pensa na igreja local, mas em Efésios fala da igreja universal. Nas outras cartas, o fundamento da igreja é Cristo (Cl 3.11), em Efésios são os apóstolos e profetas (2.20).

Na cristologia aparentemente também há diferenças: ações que em outras cartas paulinas são atribuídas a Deus, em Efésios

valem como ações de Cristo, como, por exemplo, a reconciliação (cf. 2Co 5.17ss com Ef 2.16), ou os ministérios na igreja (cf. 1Co 12.28 com Ef 4.11).

Além disso, afirmam que também é possível notar diferenças na ética, sobretudo na ética matrimonial (cf. 1Co 7 com Ef 5.21ss).

Com base nessas observações sobre a teologia, W. G. Kümmel chega à seguinte conclusão: "... consequentemente, a teologia de Efésios descarta Paulo completamente como o seu autor".

É verdade que a maioria desses argumentos parte de observações razoáveis, mas, se são suficientes para colocar em dúvida a autoria tão comprovada de Paulo, será examinado nos próximos parágrafos.

3. ARGUMENTOS A FAVOR DA AUTORIA DE PAULO

Vamos examinar os argumentos citados acima.

a. Linguagem e estilo

Não é impossível que um autor use novas formas de expressão em uma nova situação. Isso pode ser causado pelas suas condições pessoais, mas muito mais pelas condições dos seus leitores. Afinal ele está escrevendo para a situação deles e quer que eles o entendam. Colossenses é uma prova dessa capacidade de adaptação do apóstolo Paulo.

Se alguém quer usar como argumento contra um autor a linguagem não habitual do escrito em questão, precisa demonstrar que aquele autor não poderia, em hipótese alguma, ter usado os termos do seu escrito. Seria muito difícil provar isso em relação a Efésios. O mesmo vale também para construções

gramaticais.

Na verdade, o que chama a atenção é a diferença de estilo. Na primeira parte da carta, o que se destaca são os períodos longos e o acúmulo de conceitos. Não teria sido possível que Paulo estivesse numa situação tranquila, sem ter de defender o evangelho contra opositores, e formulasse a sua carta em forma de reflexão e de poesia?

Se de fato houve um imitador, como teria errado tão fragorosamente na primeira parte da carta? Não seria de se esperar uma proximidade maior com os escritos do apóstolo? Se houve esse imitador, foi um artista extraordinário.

b. Argumentos Literários

Só há correspondência literária entre Efésios e Colossenses em uma passagem, a perícopé sobre Tíquico (Ef 6.21s; Cl 4.7s). Por que um imitador teria usado exatamente esse trecho periférico para tentar apresentar o seu escrito como carta de Paulo? Se partirmos do ponto da autoria de Paulo, temos uma solução muito mais simples para essa dificuldade: nesse ponto Paulo ditou literalmente a mesma coisa ao seu secretário.

O fato de Paulo ter usado termos teológicos com significados diferentes também pode ser visto em Romanos 7.2s, quando fala da "lei".

A semelhança entre cartas redigidas em uma mesma época também pode ser observada em Gálatas e Romanos. Por si só não é argumento a favor de imitação.

c. Argumentos Históricos

Quando exatamente a igreja composta de cristãos-judeus e cristãos-gentios se tornou uma realidade, é uma questão difícil

de ser respondida. Mas será que Efésios pressupõe isso? O objetivo desse texto não é o de indicar que essa unidade está fundamentada em Cristo, como também está em Romanos 11.17-24; 14; 15 e 2Coríntios 8 e 8?

d. Diferenças na Teologia

O ensino sobre a igreja é mais desenvolvida, em Efésios do que em qualquer outra carta de Paulo. Mas é muito diferente do ensino sobre a igreja na primeira carta de Clemente. Em Efésios, Cristo também é a pedra fundamental (pedra angular; 2.20); os apóstolos são ministros instituídos por ele (Ef 4.11); Paulo se refere à mensagem dos profetas em todas as suas cartas.

Nas outras cartas Paulo igualmente relaciona as mesmas ações a Deus e a Cristo, como por exemplo, a criação em 1Coríntios 8.6.

Finalmente, os argumentos sobre a ética matrimonial — de que temos cartas para situações específicas e não um manual de ética — não é convincente.

Resultado:

Os argumentos contra a autoria de Paulo não são suficientes. Se tomados separadamente, podem ser interpretados de outra forma. Por isso, precisamos partir do ponto de que Paulo é o autor dessa carta. Talvez na primeira parte ele tenha dado mais liberdade ao secretário, ou talvez tenha sido tomado de tal forma pelo evangelho, que escolheu um estilo mais poético.

I. DESTINATÁRIOS

Ao lermos a carta deparamos com as seguintes dificuldades:

A carta contém um grande número de exortações. Entretanto, elas são formuladas de forma tão geral, que não é possível reconhecer a situação específica de uma igreja local. Isso é estranho para uma carta escrita à igreja em que Paulo, de acordo com Atos 19.8-11 trabalhou mais do que dois anos. Se compararmos as duas cartas aos coríntios com Efésios, esse fato ganha ainda mais peso.

Se olharmos somente para o texto, parece que não há relacionamento pessoal algum entre Paulo e os efésios. Ele ouviu da sua fé (1.15); ele se apresenta aos leitores como apóstolo aos gentios (3.2ss). Parece que outros instruíram os membros dessa igreja na fé cristã (4.21). Se, por um lado, Romanos termina com um capítulo inteiro com saudações pessoais, em Efésios não há saudação pessoal alguma.

Isso tudo não combina com o ministério tão demorado do apóstolo em Éfeso. De acordo com Atos 19.8-11 a igreja composta de cristãos-judeus e gentios em Éfeso surgiu com o trabalho do apóstolo Paulo.

Essa carta, no entanto, dá a impressão de que foi escrita exclusivamente a cristãos- gentios (2.1ss,11ss; 3.1s; 4.17).

Tudo parece depor contra os destinatários em Éfeso. Os dados sobre destinatários no cabeçalho da carta são confiáveis? A transmissão do título e do cabeçalho não é clara.

Marcion colocou o título "Ad Laodicenses" nessa carta. Segundo ele, a carta foi escrita aos laodicenses (cf. Cl 4.16). Tertuliano relata, no entanto, que essa foi uma alteração intencional de Marcion. Mas Marcion não a teria acrescentado se os efésios tivessem sido indicados como destinatários da carta.

De fato, a indicação dos destinatários "em Éfeso" não constava dos manuscritos mais antigos. Ela surgiu no quarto século.

Há algumas sugestões de solução para esses fatos:

a) Trata-se de uma carta aos laodicenses.

Como base para isso Harnack e Roller citam Colossenses 4.16 e o título em Marcion.

Contra isso existe o argumento de que esse cabeçalho não pode ser comprovado em nenhum manuscrito antigo. Além disso, as cartas aos efésios e aos colossenses são tão semelhantes, que uma troca para leitura das cartas não teria tido muito sentido.

b) Trata-se de uma carta circular, em que o cabeçalho pode ser entendido de forma genérica.

O manuscrito p46 traz uma redação que pode ser traduzida assim: "aos santos, que também são crentes". Esta é, de fato, uma formulação estranha ao apóstolo Paulo; serviria para reforçar as dúvidas sobre a autoria de Paulo.

Pode ter acontecido também que uma lacuna foi deixada para o local. Possivelmente Tíquico tinha em mãos várias cartas, que ele então endereçava a uma igreja de acordo com a necessidade.

Mesmo assim, ainda permanecem algumas dúvidas sobre essa questão. Por que essas diferentes cartas não contêm saudações às igrejas da região do vale do Licós? Por que essa lacuna já não foi preenchida na hora de escrever a carta? Por que também não foi colocado o "em"? Por que não temos provas de uma carta com outro endereço? Será que com base nisso a terceira solução é mais plausível?

c) Trata-se do testamento espiritual do apóstolo.

Essa posição, defendida por J. N. Sanders, pressupõe que a carta foi escrita no final do aprisionamento em Roma. Deveria ser um tipo de

testamento para as igrejas que não chegaram a conhecer o apóstolo pessoalmente. A relativa liberdade de que usufruía em Roma dava ao apóstolo tempo e tranquilidade para a meditação e por isso a carta está marcada por elementos poéticos.

Guthrie concorda com essa posição e ainda acrescenta que Paulo tinha acabado de escrever a Carta aos Colossenses e por isso ainda estava com os assuntos bem vivos na sua memória. O que ele escreve agora na Carta aos Efésios é determinado por esses assuntos. Mas para os leitores de uma forma geral, ele opta por uma formulação mais abrangente. A relação entre Colossenses e Efésios é semelhante à relação entre Gálatas e Romanos.

Além dessas três tentativas de solução existem ainda outras (introdução ao *corpus paulinum*, filosofia da religião para todo o mundo cristão da época, proteção contra a propagação de heresias em Colossos), que, no entanto, não necessitam de mais explicações por não encontrarem base na redação da carta.

A terceira sugestão parece ser a que está mais próxima dos dados do NT, das informações provenientes da igreja antiga e das evidências dos manuscritos.

J. LOCAL E DATA

A carta foi escrita na prisão (3.1; 4.1). Foi escrita logo depois de Colossenses. Cesaréia ou Roma são locais possíveis para a redação dessa carta. Se foi em Cesaréia, foi em torno de 55-57 d.C. Se foi em Roma, foi entre 58 e 60 d.C.

CAPÍTULO 08

A EPÍSTOLA DE PAULO AOS FILIPENSES

A. CONTEÚDO

Esse livro é uma carta muito pessoal. É difícil reconhecer uma estrutura planejada nessa carta. Alternam-se notícias, exortações, afirmações dogmáticas e advertências.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-2	Cabeçalho: remetente — destinatários — saudação	
1.3-11	Gratidão e intercessão	
1.12-26	O destino do apóstolo e a sua mensagem	1.21
1.27— 2.1B	Exortações à igreja: unidade, prontidão para o sofrimento, obediência Nesse contexto:	
	— Hino de adoração a Jesus em 2.6-11	2.5-11
	— Indicativo e imperativo em 2.12-13	2.12b-13
2.19— 3.1	Recomendando Timóteo e Epafrodito	

3.2—4.1	Advertência contra heresias	
<u>4.2-9</u>	<u>Exortações e promessas</u>	4.4-7
4.10-20	Gratidão pelo envio de uma oferta em dinheiro	
<u>4.21-23</u>	<u>Conclusão da carta</u>	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. *Filipenses 2.12b-13*

Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos. Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor. Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus. *Filipenses 4.4-7*

D. GÊNERO LITERÁRIO

A carta tem caráter mais pessoal do que oficial. Nesse sentido, é de se perguntar se deveríamos chamá-la de carta apostolar aberta. É, na verdade, uma carta pessoal a uma igreja intimamente relacionada com o apóstolo. Que nessa carta há também assuntos eclesiásticos se deve às características do apóstolo.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

A igreja em Filipos foi fundada por Paulo por ocasião da sua segunda

viagem missionária (49 d.C.; cf. At 16.12-40). Alguns membros da igreja são mencionados em Atos e também nessa carta: Lídia e o carcereiro com sua família (At 16); Epafrodito (Fp 2.25ss); Evódia e Síntique (Fp 4.2); Clemente (Fp 4.3). Os nomes mostram que essa era uma igreja de cristãos-gentios, o que está em conformidade com o fato de que Filipos era uma colônia romana.

Em Filipenses 1.1 reconhecemos que a igreja tinha a forma de liderança prevista nas cartas pastorais: presbíteros (bispos) e diáconos dirigem a igreja. Devemos levar em conta que o termo "presbíteros" (bispos) no mundo helenístico é o correspondente para "anciãos" no judaísmo.

A igreja tinha uma relação tão íntima com Paulo, que ele estava disposto a aceitar ofertas em dinheiro dela (Fp 4.15s; 2Co 11.8s). Provavelmente Paulo tinha estado em Filipos pela última vez antes de escrever a carta no final de 54 ou início de 55.

Ele escreve à igreja por quatro razões: 1) Ele agradece a oferta recebida (4.14,18); 2) Ele dá notícias à igreja sobre o estado de saúde de Epafrodito, originário de Filipos, e que tinha adoecido gravemente (2.25-30); 3) Ele compartilha com a igreja como está a sua situação na prisão (2.19ss); 4). Ele toma posição em relação a alguns conflitos que havia na igreja: contenda (1.27—2.18; 4.2) e heresia (3.1-18).

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Somente em alguns — mas importantes — trechos há afirmações teológicas fundamentais (2.5-11; 2.12b,13). No mais, a carta é uma janela aberta para o relacionamento intacto entre o apóstolo e uma igreja por ele fundada.

Visto que Filipenses não é uma carta sistematicamente estruturada, é difícil formular a sua mensagem central. O cerne com certeza é o

evangelho de Jesus Cristo, como é descrito no hino cristológico (2.5-11). O caminho de Jesus ali descrito, que fala de humilhação e humildade, de renúncia, obediência e disposição para o sofrimento, ajuda o apóstolo a suportar a hipocrisia de alguns irmãos enquanto está na prisão (1.16-18), resolver conflitos na igreja (2.1-4; 4.2s), combater heresias (capítulo 3) e sempre de novo dar o tom básico para a atitude de alegria entre os cristãos (por exemplo 4.4-7). A carta mostra como o evangelho dá forma à vida.

O evangelho é a base para a ligação indissolúvel entre o imperativo (desafio) e o indicativo (promessa), como é descrita em Filipenses 2.12b-13.

G. UNIDADE

A carta é o texto de um autor. Isso não pode ser colocado em dúvida nem mesmo em vista do conflito violento com os hereges no capítulo 3. As hipóteses de fragmentação da carta baseadas nesse capítulo não são convincentes.

H. AUTORIA

O apóstolo escreveu essa carta em um de seus aprisionamentos e nesse caso ele estava entre a vida e a morte.

I. DESTINATÁRIOS

A carta é dirigida à igreja em Filipos e aos seus presbíteros (bispos) e diáconos. Detalhes sobre a fundação e o relacionamento do apóstolo com essa igreja já foram relatados anteriormente.

J. LOCAL E DATA

Independentemente da unidade da carta, há controvérsias, sobretudo com relação à data e ao local da redação na ciência introdutória dessa carta. Da própria carta sabemos que ela foi escrita em um dos aprisionamentos do apóstolo (1.7,13,17). Na sua prisão Paulo é conhecido como cristão (1.12s). O final do seu processo ainda não está definido. O apóstolo precisa contar inclusive com a pena de morte (1.20; 2.17), mas ainda tem esperança pela libertação (1.25; 2.24). Com base nos dados de Atos há dois locais possíveis para a redação da carta: Cesaréia ou Roma. Éfeso também pode ser levado em consideração nessa discussão.

1. ROMA COMO LOCAL DE REDAÇÃO DA CARTA

Do século II ao século XVIII valia a opinião tradicional de que Filipenses foi escrito na época em que Paulo estava preso em Roma, entre 58 e 60 d.C. Os seguintes argumentos servem de base para essa posição:

- a) De Filipenses 1.13 concluímos que todo o pretório e todos os outros sabiam que Paulo estava na prisão por causa do evangelho. O termo *gregopratorion* podia designar a guarda pretoriana, que ficava em Roma e provavelmente era responsável pela guarda de Paulo. A palavra podia designar também a sede dos governadores e das repartições romanas, presentes por todo o império romano. Se este for o caso, já não é argumento a favor da redação em Roma.
- b) Em Filipenses 4.22 Paulo envia saudações dos "da casa de César" à igreja. Isso pode se referir a funcionários do palácio do imperador, os escravos do imperador. Parece ser um

argumento a favor de Roma, mas não é absoluto, já que havia escravos do imperador em muitas cidades grandes do império.

- c) De acordo com Filipenses 1.7,12ss,19ss, o processo contra Paulo está chegando ao seu final. Ele precisa estar preparado tanto para a pena de morte quanto para a libertação. Isso está de acordo com as notícias de Atos sobre a reclusão de Paulo em Roma. Ele tinha reivindicado a sentença do imperador, mas gozava de liberdade significativa em Roma.

2. CONTRA A REDAÇÃO EM ROMA HÁ OS SEGUINTE ARGUMENTOS:

- a) De acordo com Romanos 15.24-28, Paulo queria viajar de Roma para a Espanha. Mas em Filipenses 2.24 e 1.26 vemos que após a sua libertação ele tem planos de visitar Filipos. Isso significa que Paulo teria mudado os seus planos de viagem enquanto escrevia a carta em Roma. Isso é possível, mas pouco provável.
- b) Percebemos na carta que houve alguns contatos entre o local de redação da carta e Filipos. Os filipenses ouvem do aprisionamento de Paulo, enviam Epafrodito a ele, ouvem da doença deste, preocupam-se com isso e o compartilham com Paulo. Paulo responde a essa preocupação, envia Epafrodito, envia a carta com ele e anuncia a visita de Timóteo. Este deve trazer notícias de Filipos a Paulo. Depois disso Paulo os visitará "brevemente" (2.24). Para a distância relativamente grande entre Roma e Filipos esse número de contatos e visitas é um tanto elevado para tão pouco tempo. Mas não é impossível.

3. CESARÉIA COMO LOCAL DE REDAÇÃO DA CARTA

A favor de Cesaréia poderíamos dizer que as viagens marítimas não eram tão demoradas. Mas se levarmos em conta as boas condições de locomoção no império romano, esse argumento não convence.

A segunda observação tem mais fundamento: da prisão em Cesaréia, Paulo não teria mudado os seus planos de viagem para a Espanha, pois poderia viajar pela Macedônia e pela Grécia para Roma.

Contra Cesaréia está a constatação de que lá Paulo dificilmente teria tido tanta liberdade quanto em Roma. Por outro lado, por ter pedido para ir a julgamento diante do imperador não precisava, necessariamente, contar com a pena de morte.

A maioria dos exegetas modernos rejeita Cesaréia como local de redação dessa carta, que nesse caso teria sido escrita entre 55 e 57 d.C.

4. ÉFESO COMO LOCAL DE REDAÇÃO DA CARTA

A favor de Éfeso existem as seguintes observações:

- a)** Linguagem, estilo e conteúdo da carta são mais semelhantes a Romanos e 1 e 2 Coríntios do que às cartas da prisão, Colossenses e Efésios.
- b)** Filipenses 3 cabe na categoria dos debates com os judaizantes e gnósticos. Lembra-nos da luta pelas igrejas da Galácia.
- c)** O tempo de viagem entre Éfeso e Filipos teria sido consideravelmente menor do que em relação aos outros dois locais.

A dificuldade com essa posição está no fato de que Atos não faz

menção alguma a um aprisionamento de Paulo em Éfeso. Há essa possibilidade com base em 2Coríntios 6.5; 11.23; 1.8ss; 1 Clemente 5.6 (Paulo esteve acorrentado sete vezes).

Se optarmos por Éfeso, a época da redação está entre 52 e 54 d.C.

Resultado

Optar com segurança entre Roma e Éfeso me parece difícil; mesmo assim há bons argumentos a favor de Éfeso.

CAPÍTULO 09

A EPÍSTOLA DE PAULO AOS COLOSSENSES

A. CONTEÚDO

A carta foi escrita a uma igreja abalada por causa do ataque dos falsos mestres. Da carta concluímos que esses hereges criam que alguns feridos precisavam ser guardados de forma especial (2.16), que havia importância nas leis cerimoniais de alimentação (2.16,21) e que todos precisavam levar uma vida ascética (2.20ss). Além disso, criam que era de fundamental importância respeitar os "princípios elementares deste mundo" (2.8; NVI) e adorar seres sobrenaturais —os anjos (2.18). A vida ascética abriria as portas para o contato com esses poderes sobrenaturais.

Paulo chama essas ideias de "filosofia e vãs sutilezas" (2.8; "filosofias vãs e enganosas" NVI). Ele combate tudo isso veementemente, porque o ascetismo torna coisas periféricas em aspectos centrais; dessa forma, negligencia o ponto central do cristianismo, a revelação de Deus em Jesus Cristo. Isso acontece, sobretudo por meio da adoração de anjos, que surgiu do receio de não se ter respeitado suficientemente os poderes, e com isso ter atraído a vingança deles. A essa ideia profundamente pagã Paulo contrapõe a declaração de que Jesus Cristo é o Senhor do universo. Em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da Divindade (2.9). Essa declaração é feita contra um grupo de pessoas que não aceita a encarnação de Deus em Jesus Cristo.

A segunda parte descreve as consequências práticas dessa profissão de fé em Jesus Cristo.

A carta tem uma estrutura facilmente reconhecível, como veremos a seguir.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-2	Cabeçalho	
1.3-12	Prólogo	
1.13—	Primeira parte: Jesus Cristo	
3.23	— Senhor do universo	
1.15-20	Hino de louvor a Jesus Cristo	
2.1-23	Advertência diante das heresias	2.3,9
3.1—4.6	Segunda parte: Vida sob o senhorio de Jesus	
3.1-17	Velho e novo homem	3.16-17
3.18—4.1	Relacionamentos familiares	3.23
4.2-6	Estímulo para a oração e o testemunho	
4.7-18	Conclusão da carta Notícias — recomendações — saudações	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Em Cristo todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos. *Colossenses 2.3*

Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. *Colossenses*

2.9

Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor, e não para homens. *Colossenses 3.23*

D. GÊNERO LITERÁRIO

Colossenses é uma carta apostolar aberta, mas apresenta peculiaridades na linguagem e no estilo.

Segundo H. J. Holtzmann há 33 *hapax legomena* em Colossenses (palavras que só ocorrem uma vez no NT, como, por exemplo, "filosofia" em 2.8) e 15 palavras que não aparecem em outros escritos do apóstolo Paulo. Por outro lado faltam termos característicos de Paulo como "justiça", "justificação", "lei", "salvação", "revelação". Mas a diferença nos termos pode ser explicada pela ênfase no combate à heresia, pois Paulo escolhe termos importantes para o debate com os falsos mestres.

Algo semelhante ocorre em relação ao estilo. Ele é mais carregado do que em outras cartas de Paulo. Mas isso pode ter acontecido pelo uso de material litúrgico- musical. Além disso, W. G. Kümmel comprova uma série de peculiaridades do estilo paulino exatamente nesta carta. Ele chega à conclusão de que "linguagem e estilo de Colossenses não permitem dúvida quanto à autoria paulina da carta."

E. CONTEXTO HISTÓRICO

Colossos era uma cidade na parte setentrional do vale do Licós. As cidades vizinhas Hierápolis e Laodicéia eram significativamente maiores. Nas três cidades havia igrejas cristãs (4.13,15s). A igreja em Colossos não foi fundada por Paulo (2.1), mas por Epafras (1.7; 4.12). Quando Paulo escreveu a carta, ele ainda não tinha visitado essa igreja.

Mesmo assim, ele se sente responsável por ela, pois era predominantemente de cristãos-gentios (1.21,27; 2.13).

De acordo com Filemom 23, Epafras estava com Paulo na prisão (cf. Cl 1.8; 4.12). Talvez ele tenha buscado conselho de Paulo em virtude da situação na igreja. De qualquer forma, Paulo sabe que a igreja está em perigo por causa dos falsos mestres. Mesmo que até agora esse pessoal tenha tido pouco sucesso na igreja (2.4,8,20), Paulo considera grande o seu poder de fogo.

Que contexto histórico-religioso as informações na carta deixam transparecer? Trata-se de uma sabedoria misteriosa que combina a adoração pagã aos elementos da natureza e o culto judaico e sua adoração de anjos. É uma forma sincretista do judaísmo. Talvez até possamos falar aqui de uma forma judaica de gnosticismo. Sobretudo Colossenses 2.9 aponta nessa direção.

E. Schweizer também faz uma tentativa para elucidar o pano de fundo da carta. Ele sugere que as ideias dessa carta estão edificadas sobre a filosofia grega e se baseia nos seguintes argumentos:

Como "rudimentos do mundo", ou "princípios elementares deste mundo" (NVI) na literatura antiga só foram comprovados terra, água, fogo e ar. É desses termos que a filosofia grega fala.

Empédocles descreve esses elementos como em constante conflito e tensão. Ele fala da luta entre os elementos do universo e de sua reconciliação por meio do amor. A ponte com Paulo pode ter sido feita por Filo, que fala de Deus como o autor e senhor da paz.

Outras evidências para Schweizer são Plutarco e um texto de Pitágoras do primeiro século a.C.

A discussão exegética mais aprofundada vai ter de demonstrar se os vários extratos de Colossenses podem ser satisfatoriamente explicados.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Jesus Cristo é a revelação completa e corporal de Deus e, portanto, Senhor do universo. Não há outros poderes que deveríamos adorar. Um estilo de vida ascético com o fim de manter a unidade com o cosmo desvia a pessoa do Senhor Jesus Cristo. Por isso, precisa ser abandonado.

Nossa vida pertence a Cristo; a ele servimos em todos os aspectos da nossa vida. Pois "nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (2.9).

G. UNIDADE

Em Colossenses 1.15-20 o autor supostamente adaptou um hino gnóstico, que falava do poder do salvador divino. O autor teria então corrigido esse hino de acordo com a maneira de pensar de Paulo. Disso teria surgido a cristologia cósmica, que não só imaginava Cristo como o cabeça da igreja, mas também do cosmo.

Precisamos dizer algumas coisas sobre isso: se o hino de Colossenses 1.15-20 foi adaptado ou composto pelo próprio autor não pode ser comprovado. Se o hino foi adaptado, não é possível separar a forma original das adaptações.

H. AUTORIA

Até 1838 a autoria de Paulo era indiscutível. F. C. Baur e seus discípulos tentaram comprovar elementos não-paulinos em Colossenses. Sob a influência dos trabalhos de Dibelius, Lohmeyer e Percy se impôs novamente a opinião da autoria de Paulo. Apareceram dúvidas

novamente em nosso tempo nos escritos de Bultmann, Käsemann, Bornkamm, Schweizer, Fuchs e Schoeps. As seguintes observações serviram de motivo para as dúvidas:

1. LINGUAGEM E ESTILO

As peculiaridades na linguagem e no estilo de Colossenses já foram descritas. Mas Lohmeyer mostrou no seu comentário que também em outras cartas de Paulo faltam termos, que em geral são típicos em Paulo para cada círculo de leitores. Conseqüentemente, não é possível questionar a autoria de Paulo com base na linguagem utilizada. O mesmo vale para o estilo, como já foi mostrado.

Linguagem e estilo de Colossenses não são motivo para se duvidar da origem paulina da carta. As diferenças são explicadas satisfatoriamente.

2. TEOLOGIA

Contra a autoria de Paulo se diz também que não há outro trecho nas cartas de Paulo em que se possa achar semelhanças com a Cristologia cósmica. Por isso, um discípulo do apóstolo teria escrito a carta.

Em contrapartida, é possível comprovar que há pontos de partida para a cristologia cósmica também em outras cartas de Paulo: 1Coríntios 2.8; 8.6; 2Coríntios 4.4; Gálatas 4.3,9; Filipenses 2.10. É perfeitamente imaginável que Paulo tenha aproveitado o debate com os falsos mestres como ponto de partida para pregar Cristo não só como o cabeça do corpo, ou seja, da igreja, mas também como o cabeça do cosmo, ou seja, o Senhor do universo.

A autoria de Paulo está apoiada nas seguintes observações: a carta aos Colossenses e a carta a Filemom concordam nas informações pessoais (cf. Cl 4.7-18 com Fm 23s). Isso seria pouco provável se aqui estivéssemos diante de um imitador, pois Colossos foi destruída em 61 d.C. Por isso até Schweizer, que inicialmente tinha dúvidas, chega à conclusão de que "os limites entre o genuíno e o falso já não podem ser colocados com tanta rigidez quanto há algumas décadas." Ele pergunta se Timóteo não poderia ter sido o autor da carta em nome de Paulo, o que, com base no prólogo, não seria tão impossível assim.

I. DESTINATÁRIOS

A carta foi endereçada à igreja de Colossos no vale do Licós.

J. LOCAL E DATA

Por tratar-se de uma carta da prisão, há três possibilidades: Éfeso, Cesaréia e Roma.

A favor de Éfeso está a proximidade com Colossos. Epafra teria tido uma viagem curta. Contra isso está o fato de que, de acordo com Colossenses, Lucas e Marcos estavam com Paulo, mas de acordo com Atos esse não era o caso. Além disso, é difícil imaginar um intervalo tão breve entre Colossenses e as cartas aos Gálatas e aos Coríntios.

A favor de Cesaréia e de Roma está o intervalo maior entre essa carta e Gálatas e 1 e 2 Coríntios. Entretanto, se Roma for aceita como local da redação da carta, é preciso pressupor — por causa do pedido de pousada em Filemom 22 — que Paulo tinha desistido dos seus planos de ir à Espanha. Quem considera isso pouco provável, vai optar por Cesaréia e aceitar os anos 55-57 d.C. como época em que a carta foi escrita.

CAPÍTULO 10

A PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PAULO AOS TESSALONICENSES

A. CONTEÚDO

Nesta carta Paulo se dirige a uma igreja que tinha sido fundada por ele há bem pouco tempo. Ela se desenvolveu bem e preservou a fé mesmo em tempos de perseguição. Ele tem uma relação bem íntima com essa igreja. Após receber informações dos membros da igreja, envia-lhes Timóteo e transmite orientações e ensinamentos à igreja. A igreja deve se empenhar para que a fé em Jesus Cristo determine a vida diária dos seus membros, pois Jesus Cristo vai voltar com poder e glória. Os que já morreram e os que ainda estiverem vivos vão participar desse acontecimento.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1	Cabeçalho	
1.2—3.13	Primeira parte: gratidão pela igreja	
1.2-10	Ela vive uma vida de fé exemplar	
2.1-20	Ela sofreu perseguição desde a sua	2.13

	fundação	
3.1-13	Paulo recebe notícias por meio de Timóteo	
4.1—5.22	Segunda parte: orientações para a igreja	
4.1-12	Chamado à santificação	4.3
4.13-18	Esperança para os que já morreram	
5.1-11	Sobre a segunda vinda de Jesus	5.2-3
5.12-22	Orientações para a vida da igreja	5.23
5.23-28	Conclusão da carta	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação. 1 Tessalonicenses 4.3

Pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vem a dor do parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. *1 Tessalonicenses 5.2-3*

O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. *1 Tessalonicenses 5.23*

D. GÊNERO LITERÁRIO

Tessalonicenses é uma carta apostolar aberta semelhante a outras cartas de Paulo no vocabulário e no estilo. Sobressai a forma breve do cabeçalho e da conclusão da carta.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

Tessalônica era a capital da província romana da Macedônia. A igreja cristã nessa cidade foi fundada durante a segunda viagem missionária de Paulo no ano 49 d.C. (cf. At 17.1-10). Paulo escolheu o caminho que passava pela sinagoga. Muito cedo surgiram os conflitos que desembocaram na perseguição dos cristãos dessa jovem igreja.

A igreja consistia quase só de cristãos-gentios (1.9; 2.14). Teve um desenvolvimento exemplar (1.8ss). O relacionamento entre o apóstolo e a igreja era de confiança mútua (2.9-12,17,19s).

Em 3.1-6 percebemos que Paulo estava preocupado com o desenvolvimento da igreja. Por isso enviou Timóteo a Tessalônica; ele permaneceu em Atenas. Em Corinto se encontrou novamente com Timóteo, que lhe trouxe boas notícias de Tessalônica, mas também indicações de alguns possíveis desvios na igreja.

Paulo precisa contar — como em outros lugares — com desconfianças pessoais por parte dos judeus (cf. 2.1-16). A igreja estava insegura e ansiosa por causa da morte de alguns dos seus membros, pois estes tinham achado que participariam da segunda vinda de Jesus. Como ficaria isso (4.13ss; 5.1ss)? Provavelmente também havia membros que estavam ficando relaxados no seu trabalho diário (4.3ss,11s; 5.6ss,12s,19s).

Paulo responde a essas questões como conselheiro, sem esboçar um ensino sistemático a respeito.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Com essa carta Paulo quer estimular ainda mais o crescimento tão

positivo da igreja até aquele momento. Ele quer ajudá-los a vencer medos em relação à segunda vinda de Jesus e fortalecer a esperança dos membros da igreja. Ele quer incentivá-los à vida santificada. A orientação da vida para a volta de Jesus deve motivá-los ao discipulado sério no dia-a-dia.

G. UNIDADE

A carta é um escrito homogêneo, sem rupturas ou intercalações.

H. AUTORIA

Nos estudos exegéticos do NT essa carta é considerada a carta mais antiga do apóstolo Paulo. W. G. Kümmel¹ analisa de forma crítica as dúvidas e mostra que não são suficientes para colocarem a autoria paulina em cheque.

I. DESTINATÁRIOS

A carta foi escrita à jovem igreja de Tessalônica aproximadamente um ano após a sua fundação.

J. LOCAL E DATA

Visto que Paulo, de acordo com Atos, se encontrou com Timóteo em Corinto, essa cidade é um local possível para a redação da carta. Para as viagens que aconteceram após a estadia do apóstolo em Tessalônica, precisamos determinar alguns meses. Por isso a época da redação é provavelmente 50 d.C.

Contra essa datação antiga Lütgert, Michaelis e Schmithals

argumentam que nessa carta Paulo se vê na obrigação de se defender de desconfianças semelhantes às dos gálatas e dos coríntios, pertencendo, portanto, à época destas cartas. O argumento não convence porque na questão dos opositores judeus de Paulo, cinco anos não faziam diferença.

Questão mais difícil de ser resolvida é a falta de harmonia, à primeira vista, entre 1 Tessalonicenses 3.1s e Atos 17.14ss; 18.5ss. De acordo com as informações da carta, Paulo enviou Timóteo de Atenas para Tessalônica e permaneceu lá sozinho. Já de acordo com as informações de Atos, Timóteo e Silas tinham ficado em Beréia e não tinham viajado com Paulo para Atenas. De qualquer forma, Paulo insiste com os dois que venham a ele em Atenas. É possível que eles tenham feito isso e depois tenham sido enviados por Paulo de volta para Tessalônica, de onde iniciaram então a viagem para Corinto. O fato de Atos omitir esses detalhes está relacionado ao seu desenvolvimento como um todo.

A favor da data citada acima há o aspecto de que Paulo dá indicações sobre a época do seu ministério evangelístico (1.5—2.12), e que as lembranças disso ainda estão bem frescas na sua memória (2.5,9,10). Por isso mantenho a posição de que a carta foi escrita em 50 d.C. em Corinto e é, dessa forma, a carta mais antiga de Paulo, o que, segundo Roller, também é perceptível no cabeçalho da carta.

CAPÍTULO 11

A SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS TESSALONICENSES

A. CONTEÚDO

A carta a essa igreja fundada por Paulo contém tomadas de posição a problemas que surgiram na jovem igreja depois da primeira carta. Referem-se principalmente à esperança pela volta de Jesus e à vida que esteja à altura dessa esperança.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-2	Cabeçalho	
1.3-12	Prólogo Gratidão — Afirmações sobre perseguição — Volta de Jesus — Intercessão	
2.1-12	Primeira parte: Ensinamentos sobre a volta de Jesus	
2.3	— O homem da iniquidade	
2.6,7	— Aquele — ou aquilo — que o detém	

2.13—3.16	Segunda parte: Incentivo ao discipulado	
2.13-17	Ficar firme nos ensinamentos	
3.1-5	Orar pelo apóstolo	3.3
3.6-16	Trabalhar com diligência	3.10b
3.17	Conclusão da carta com assinatura de próprio punho	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Todavia o Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do maligno.
2Tessalonicenses 3.3

Se alguém não quer trabalhar, que também não coma.
2Tessalonicenses 3.10b

D. GÊNERO LITERÁRIO

Trata-se de uma carta apostolar aberta muito semelhante a outras cartas de Paulo no vocabulário e no estilo. Chamam a atenção a brevidade do cabeçalho e da conclusão da carta.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

Vemos em 3.11 que Paulo recebera mais notícias de Tessalônica. Há membros que vivem desordenadamente, não trabalham e fazem coisas inúteis. As exortações que aparecem na carta mostram que essas pessoas vivem por conta de outras pessoas na igreja, até o ponto de serem sustentadas por elas. O motivo delas para a aversão pelo trabalho não é necessariamente a preguiça, mas a esperança pela volta de Jesus enfatizada em demasia. Acham que o reino de Deus já veio

(o dia do Senhor já chegou, 2.2ss) e por isso já não consideram importante continuar as suas atividades profissionais.

Evidentemente entenderam mal a mensagem de Paulo sobre a salvação trazida por Jesus. Ele se fundamentam explicitamente no apóstolo e na sua carta. Por isso Paulo precisa esclarecer o mal entendido e explicar aos tessalonicenses que a salvação de Jesus só será completa quando ele voltar. Entretanto, esse acontecimento será precedido por tempos difíceis, sobretudo o aparecimento do anticristo. Ao escrever essa carta o apóstolo confia em forças poderosas que estão impedindo a vinda do anticristo. Possivelmente ele estava pensando na ordem legal do império romano, que tivera consequências positivas na sua experiência em várias situações, e que tornava impossível um estado anárquico naquele momento. Somente quando essa ordem legal for afastada, o representante de todo o mal e anarquia poderá exercer todo o seu poder.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

A carta é uma tomada de posição clara contra uma atitude doentia em relação à escatologia (ensino sobre o fim dos tempos). Ela rejeita ensinamentos especulativos sobre esse tema, que levam as pessoas a uma atitude de vida que negligencia as tarefas do dia-a-dia e foge do ganha-pão diário. A carta sublinha a expectativa de Paulo em relação ao fim dos tempos (apocalíptica paulina) e incentiva a igreja à vida sóbria que provém da fé.

G. UNIDADE

Essa carta é um escrito homogêneo e completo em si.

H. AUTORIA

Objecções contra a integridade da carta, levantadas por R. Bultmann¹, G. Bornkamm, E. Fuchs, E. Lohse, H. J. Schoeps e A. Wikenhauser, partem das seguintes observações:

Segundo eles, 2 Tessalonicenses seria dependente literariamente de 1 Tessalonicenses. Além disso, não seria possível aceitar as declarações escatológicas em 1 Tessalonicenses 4.13—5.11 e 2 Tessalonicenses 2.1-12 como de um autor.

Contra essa posição precisamos observar que existem, de fato, paralelos temáticos entre as duas cartas aos tessalonicenses, mas não é possível demonstrar uma dependência literária. A tensão nas declarações escatológicas é típica na literatura apocalíptica. É a tensão entre o desenvolvimento histórico que conduz ao final e o início repentino do dia do juízo, que na literatura apocalíptica estão lado a lado.

Um argumento decisivo a favor da autoria paulina é que, de acordo com 2 Tessalonicenses 2.4, o templo em Jerusalém ainda está em pé. Seria impossível imaginar um texto pseudônimo, surgido durante a vida do apóstolo e não rejeitado por ele (cf. 2Ts 2.2). Também não podemos colocar a carta no período pós-apostólico porque o tema tratado da expectativa ardente pelo fim dos tempos já não é premente nessa época. D. A. Carson & D. J. Moo & L. Morris, D. Guthrie e W. G. Kümmel também estão a favor de Paulo como autor dessa carta.

I. DESTINATÁRIOS

É mais fácil entendermos a carta se aceitarmos que foi escrita depois de 1 Tessalonicenses, quando Paulo já tinha novas notícias da igreja de Tessalônica.

J. LOCAL E DATA

Os dois aspectos dependem da sequência cronológica das duas cartas aos tessalonicenses. A sequência em que as duas aparecem no cânon do NT não vem da ordem cronológica, mas da sua extensão. Daí, poderíamos pensar que a Segunda Carta aos Tessalonicenses teria sido, na verdade, a primeira.

Mas a redação de 1 Tessalonicenses 2.17—3.10 sugere — de forma mais clara do que as observações da segunda carta — um período relativamente breve entre a estadia de Paulo em Tessalônica e a primeira carta.

Além disso, as exortações da segunda carta (3.6-16) parecem um aprofundamento do que foi indicado em 1 Tessalonicenses 4.11s; 5.14 do que o contrário.

Por essas razões parto do ponto de que essa carta foi escrita logo após 1 Tessalonicenses, portanto nos anos 50-51, em Corinto.

CAPÍTULO 12

AS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE PAULO (1)

A. INTRODUÇÃO

Três cartas do NT são conhecidas por esse nome: as duas cartas a Timóteo e a carta a Tito. São chamadas cartas pastorais desde o século XVIII, porque dão orientações para o pastoreio de igrejas.

Por serem semelhantes em linguagem e estilo, geralmente são analisadas em conjunto nas introduções ao NT. Tratam de condições e formas de organização que havia nas igrejas da época. Quando combatem heresias são semelhantes; são caracterizadas pela mesma teologia. Em suma, formam uma unidade dentro do NT.

A apresentação abaixo segue o esboço usado até aqui em todos os escritos do NT, mas com as adaptações necessárias para a forma das cartas pastorais. Inicialmente apresento uma visão panorâmica do conteúdo das cartas juntamente com a divisão, versículos-chave e afirmações-chave. Depois seguem observações sobre as ênfases teológicas de cada carta. Em seguida serão apresentados, resumidamente, os destinatários. A maior parte, no entanto, será dedicada à questão da autenticidade, ou seja, as cartas pastorais vêm do apóstolo Paulo, ou de outro autor que escreveu em nome de Paulo. Em relação a isso existe entre muitos exegetas do NT a firme convicção de que Paulo não foi o autor destas cartas. Essa posição é submetida

a uma análise profunda, na qual levaremos em consideração o gênero literário e o contexto histórico. Com base no resultado sobre a autoria faremos também algumas considerações sobre local e data.

A PRIMEIRA ESPÍSTOLA DE PAULO A TIMÓTEO

A. CONTEÚDO

Por um lado, essa carta é uma correspondência pessoal do apóstolo ao seu colaborador Timóteo. Por outro, contém orientações para a vida eclesiástica, que Timóteo deve seguir no seu ministério. O toque pessoal e o aspecto ministerial estão inter-relacionados.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-2	Cabeçalho	
1.3-20	Observações pessoais	
1.3-11	Exortação para o ensino correto	
1.12-17	Gratidão pelo apostolado	1.15
1.18-20	Delegação da missão a outros	

2.1-15	Observações sobre organização da igreja	
2.1-7	Sobre a oração na igreja	2.4-6
2.8-15	Sobre os homens e as mulheres no culto	
3.1-16	Organização da igreja e observações pessoais	
3.1-7	Sobre os pré-requisitos dos presbíteros (bispos)	
3.8-13	Sobre os pré-requisitos dos diáconos	
3.14-16	Informações pessoais e profissão de fé	
4	Exortações pessoais	
5.1-25	Organização da igreja e observações pessoais	
5.1-2	Forma de tratar idosos e jovens	
5.3-6	Forma de tratar viúvas	
5.17-20	Forma de tratar anciãos	
5.21-25	Exortações pessoais	
6.1-21	Organização da igreja e observações pessoais	
6.1-2	Sobre os escravos	
6.3-16	Exortações pessoais	
6.17-19	Sobre os ricos	
6.20-21	Exortações pessoais	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Fiel é a palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. *1 Timóteo 1.15*

Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem. O qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos. *1 Timóteo 2.4-6*

D. ÊNFASES TEOLÓGICAS

É evidente que esta carta contém informações sobre as estruturas da igreja no seu estágio inicial, que são fundamentais para a Igreja de Jesus Cristo. As instruções do apóstolo tratam, por exemplo, da forma das reuniões e cultos, da ordenação de novos líderes e da convivência com os diversos grupos de pessoas na igreja. Vários aspectos citados nessa carta também podem ser encontrados em outros textos antigos, o que mostra que o apóstolo atribuía aos líderes da igreja responsabilidades que também eram atribuídas a líderes na sociedade da época. As outras orientações vêm diretamente do evangelho de Jesus Cristo e levam à organização de novas estruturas, como as regras para as viúvas, os escravos e os ricos.

É comovente ver como o apóstolo está sempre levando em consideração os efeitos disso tudo sobre o seu colaborador. Ele precisa buscar na fé em Jesus Cristo a força necessária para ser exemplo e líder da igreja de Jesus Cristo. Visto dessa perspectiva, a carta é o escrito de um conselheiro ao seu discípulo no ministério.

A SEGUNDA CARTA DE PAULO A TIMÓTEO

A. CONTEÚDO

Essa carta tem características diferentes da primeira. É uma comovente carta pastoral que não contém orientações para a vida da igreja. Temos a impressão de que o apóstolo já vê o fim do seu ministério e agora quer transmitir ao seu colaborador as coisas que, em vista da sua morte, lhe são mais importantes. Em suma, é um testamento espiritual que tem importância somente para o seu primeiro receptor.

A carta é recomendada a todo pregador do evangelho, que nas horas de reflexão solitária quer prestar contas a si mesmo e tenta ouvir a avaliação de Deus sobre o seu ministério. Esse pregador encontrará nessa carta orientações muito valiosas que o encorajarão a se concentrar naquilo que realmente é importante e, talvez, levá-lo a correções no seu comportamento.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-2	Cabeçalho	

1.3-18	Testemunhe com ousadia!	1.10
2.1-13	Esteja pronto para o sofrimento!	2.11-13
2.14-26	Seja um obreiro aprovado!	2.19
3.1-13	Esteja alerta quanto aos falsos mestres!	
3.14-17	Seja firme na defesa das Escrituras Sagradas!	3.16
4.1-18	Seja fiel no ministério da proclamação da Palavra!	
4.9-22	Conclusão da carta: Informações pessoais e saudações	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

... o nosso Salvador Jesus Cristo, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho. *2Timóteo 1.10.*

Entretanto o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: 'O Senhor conhece os que lhe pertencem.' E mais: 'Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor. *2Timóteo 2.19*

Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça. *2Timóteo 3.16*

D. ÊNFASES TEOLÓGICAS

O estilo pessoal da carta é inconfundível. As informações compartilhadas no capítulo 4 são surpreendentemente concretas e reais. Os pedidos pela capa e pelos pergaminhos (4.13) são compreensíveis para um preso que é também teólogo. Em nenhuma outra carta do NT temos uma visão tão boa sobre o relacionamento do apóstolo com um

de seus melhores colaboradores.

A EPÍSTOLA DE PAULO A TITO

A. CONTEÚDO

Essa carta trata de temas eclesiásticos semelhantes aos de 1 Timóteo, mesmo que de forma abreviada. Falta-lhe, entretanto, o calor humano das cartas a Timóteo. Essa carta tem as características de um escrito oficial.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE, AFIRMAÇÕES-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-4	Cabeçalho	
1.5-16	Informações pessoais e organização da igreja	
1.5-6	Sobre os pré-requisitos dos anciãos	
1.7-9	Sobre os pré-requisitos dos diáconos	
1.10-16	Sobre o combate aos falsos mestres	
2.1-15	Organização da igreja, informações pessoais, profissão de fé	

2.1-8	Sobre a convivência com grupos de diferentes faixas etárias	
2.9-10	Sobre os escravos	
2.11-15	Declaração de lealdade a Jesus Cristo	2.11-14
3.1-11	Organização da igreja e informações pessoais	
3.1-2	Sobre a atitude em relação ao Estado	
3.3-8a	Declaração pessoal de lealdade a Jesus Cristo	
3.8b-11	Orientações ministeriais pessoais	
3.12-15	Conclusão da carta: missão e saudação	

Afirmações-chave

Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. *Tito 2.11*

C. ÊNFASES TEOLÓGICAS

O que chama a atenção nessa carta são as profissões e declarações de fé sobre a encarnação de Jesus Cristo. Uma característica especial também é a orientação sobre a atitude do cristão em relação ao Estado. A carta se assemelha mais a um escrito oficial do que as outras duas cartas pastorais.

CAPÍTULO 13

AS EPÍSTOLAS PASTORAIS DE PAULO (2)

I E II A TIMÓTEO E TITO

A. DESTINATÁRIOS

1. TIMÓTEO

Timóteo era filho de um gentio e de uma cristã-judia de Listra (At 16.1; 2Tm 1.5). Quando veio a Listra na sua segunda viagem missionária, Paulo conseguiu levar Timóteo como seu colaborador (At 16.3). Descobriu logo que Timóteo era um homem especialmente capacitado por Deus e extremamente confiável. Por isso Paulo vez por outra lhe delegava missões especiais (cf. 1Ts 3.2,6). Também nas épocas em que Paulo estava na prisão, Timóteo continuava leal a ele. Isso rendeu a Timóteo a alta estima do apóstolo (Fp 2.20ss).

2. TITO

Tito não é mencionado na lista dos colaboradores de Paulo em Atos. O que sabemos dele vem da observação sobre ele em Gálatas 2.1-3. Desse texto concluímos que ele era cristão-judeu, aceito como tal na igreja primitiva em Jerusalém. Paulo via nisso que a sua missão aos gentios tinha sido reconhecida pelos apóstolos em Jerusalém.

Tito também recebeu tarefas especiais. Várias vezes Paulo o enviou a Corinto para ajudar a clarear as coisas na situação tão difícil daquela igreja. Ele foi bem-sucedido (cf. 2Co 2.12s; 7.5-16; 8.1-6). Evidentemente pertencia ao círculo mais íntimo dos colaboradores do apóstolo.

B. AUTORIA

1. SOBRE A HISTÓRIA DA QUESTÃ DA AUTORIA

Do final do século II até o início do século XIX, as Cartas Pastorais eram consideradas escritos do apóstolo Paulo. Antes do final do século II não há certeza, porque Marcion não as menciona no seu cânon. Isso tem peso especial porque Marcion era seguidor convicto de Paulo. Será que ele não considerou essas cartas como paulinas? Não temos informações sobre isso.

Somente no final do século II descobrimos num outro índice do NT, no Cânon Muratóri, as Cartas Pastorais como cartas de Paulo. Elas são assim denominadas por Irineu e Tertuliano.

Desde o início do século XIX começam a surgir dúvidas quanto à autoria dessas cartas pelo apóstolo Paulo. Em 1804 J. E. C. Schmidt externa as suas dúvidas sobre a autenticidade de 1 Timóteo, e Schleiermacher contesta a autenticidade dessa carta

em 1807. Eichhorn expande isso para todas as Cartas Pastorais em 1812. Em 1835 F. C.

Baur afirma que essas cartas foram textos escritos no século II em protesto contra o gnosticismo.

Desde então, a maioria dos estudiosos do NT da Europa contesta a autenticidade das Cartas Pastorais, entre eles N. Brox, R. Bultmann, H. von Campenhausen, H. Conzelmann, M. Dibelius, W. G. Kümmel, E. Schweizer e muitos outros. Contrapõe-se a eles um pequeno grupo de exegetas que ainda creem na autoria apostólica, como, por exemplo, J. van Bruggen, D. A. Carson & D. J. Moo & L. Morris, P. Feine & J. Behm, L. Goppelt, D. Guthrie, J. Jeremias, B. Reicke e J. A. T. Robinson.

As decisões são tomadas com base em observações sobre o testemunho dos manuscritos antigos, a linguagem e estilo, o contexto histórico, como também sobre as supostas heresias e condições das igrejas da época e da teologia. Nos parágrafos abaixo vamos analisar e comentar cada um desses elementos.

2. ARGUMENTOS CONTRA A AUTENCIDADE

1) Testemunho dos manuscritos

Já observamos que as Cartas Pastorais não estão no cânon de Marcion, que surgiu em torno de 140 d.C. Sobre os motivos para esse fato só podemos formular suposições.

É significativo notar também, que as Cartas Pastorais são omitidas por um papiro importante do século II, o papiro Chester Beatty (p46), que contém as cartas de Paulo. Infelizmente esse

manuscrito não é completo. No início faltam partes de Romanos e no final faltam partes de 1 Tessalonicenses, a segunda carta inteira aos Tessalonicenses e as Cartas Pastorais. Aparentemente as primeiras e últimas folhas desse manuscrito se perderam. Com base no tamanho da escrita nas folhas existentes é possível calcular o número de folhas que seriam necessárias para completar a carta aos Romanos: sete folhas, no total. Da mesma forma é possível calcular o número de folhas necessárias para incluir o que falta no final. Por se tratar de um códice, portanto um livro, teríamos no final um número aproximadamente igual ao do início. Mas isso não é o caso, pois somente para as Cartas Pastorais seriam necessárias oito folhas. Com base no número de páginas no início, chega-se à conclusão de que o manuscrito provavelmente terminava em 2 Tessalonicenses 3.18.

A conclusão é evidente: as Cartas Pastorais não constavam nesse manuscrito.

2) Gênero literário (linguagem e estilo)

Ao compararmos a linguagem das Cartas Pastorais com outras cartas de Paulo, notamos uma diferença no vocabulário usado. A estatística das palavras mostra que há 335 "vocábulo exclusivos", ou seja, palavras que não ocorrem nas outras cartas paulinas. Exemplos disso são piedade, piedoso, ensino sadio, sobriedade. Aqui estamos diante da língua do dia-a-dia do mundo helenístico. O ensino helenístico da sabedoria era igualmente marcado por essa linguagem, enquanto as outras cartas de Paulo usam um grego que deixa transparecer o fundo hebraico. Seria possível que a linguagem do apóstolo tivesse mudado tanto em alguns anos? Houve circunstâncias que

exigiram a adoção de outra linguagem? Para muitos estudiosos isso é impossível. Eles preferem concluir que aqui se trata da linguagem de outro autor.

O estilo também é bem diferente do estilo das outras cartas de Paulo. É sóbrio e calmo. Nas outras cartas vemos o apóstolo ditando a carta: ele formula as frases, interrompe as idéias, complementa, expressa os seus sentimentos, louva a Deus. Tudo isso não pode ser visto nas Pastorais. As frases são concluídas com muita consciência. Em nenhum lugar as idéias são interrompidas por intercalações. Grande quantidade de adjetivos reforçam o estilo descritivo.

De fato, não podemos ignorar que nas Cartas Pastorais a linguagem e o estilo diferem substancialmente das outras cartas de Paulo. Isso é suficiente para concluirmos que vêm de outro autor, ou haveria outra explicação para essas constatações?

3) Contexto histórico

Com base nas informações das Cartas Pastorais podemos pressupor as seguintes situações. De acordo com 1 Timóteo, Paulo viajou de Éfeso para a Macedónia (1.3) e deixou Timóteo em Éfeso. Paulo deixou com ele uma carta oficial para organização da igreja em Éfeso. Mas Atos dos Apóstolos não menciona esse dado (At 20.1-5); ao contrário, dá a impressão de que Timóteo viajou com Paulo de Éfeso para a Macedônia e Grécia e depois voltou com ele para a Ásia Menor. De acordo com a carta a Tito, Paulo esteve em Creta, evangelizou lá e deixou Tito cuidando da igreja para organizá-la de acordo com os princípios do apóstolo. Atos omite isso.

A segunda carta a Timóteo vem da prisão em Roma sob

condições muito difíceis (1.8,16s; 2.9), que não combinam com a descrição da prisão em Roma no livro de Atos (28.30,31). Da mesma forma, os detalhes do capítulo quatro de 2 Timóteo dificilmente podem ser harmonizados com o relato de Atos. Mas esses detalhes são tão pormenorizados que dificilmente podem ser reconstruídos de outras cartas de Paulo e tampouco podem ser considerados pura invenção.

Poderia ser que a igreja antiga tinha razão, quando relatava que Paulo conseguiu escapar da prisão em Roma e concretizar o seu plano de evangelizar a Espanha, até que foi preso novamente e então executado? Nesse caso W. G. Kümmel teria razão ao afirmar: "Nenhuma das situações aqui indicadas cabe na vida de Paulo entre Damasco e Roma, como a temos descrita em Atos e nas demais cartas paulinas" Entretanto, isso não é ainda argumento contra a autoria paulina das Pastorais, pois possivelmente temos, nas Cartas Pastorais, indicações sobre a situação histórica após a primeira vez que Paulo esteve na prisão em Roma até os dias imediatamente antes do seu martírio. Essa suposição é apoiada pela primeira carta de Clemente, que relata que "ele ensinou justiça a todo o mundo e avançou até o extremo ocidente..." Da mesma forma o Cânon Muratóri pressupõe a viagem do apóstolo para a Espanha.

Nesse caso, é preciso admitir que antes da viagem para a Espanha, Paulo ainda tenha ido ao oriente mais uma vez, como pressupõem as Cartas Pastorais. Com base nessas dificuldades, B. Reicke tenta ordenar os dados históricos das Cartas Pastorais na cronologia dada por Atos dos Apóstolos.

Com algumas diferenças, J. van Bruggen expressa convicções semelhantes.

4) Os opositores de Paulo

A heresia que Paulo combate, um tanto duramente, é influenciada por ideias helenísticas. Muitas considerações fazem lembrar o gnosticismo, tanto é que muitos eruditos creem que se tratam aqui de opositores influenciados por um gnosticismo com características judaicas. Esse gnosticismo pode ter existido na época de Paulo, mas nas Cartas Pastorais não é combatido por meio do evangelho de Jesus Cristo, como era característico de Paulo. Em vez disso, é enfatizada a preservação do ensino que entrementes havia sido formulado. Isso não seria uma indicação de uma época pós- apostólica?

5) As condições das igrejas

Quanto a esse aspecto muitos estudiosos creem ter uma evidência para a época pós- apostólica. Na sua concepção, na época de Paulo os serviços e ministérios na igreja eram dependentes dos dons carismáticos (cf. Rm 12; 1Co 12). Nas Cartas Pastorais, ainda na opinião desses estudiosos, os ministros dos dons já se tornaram ministros oficiais, como, por exemplo, bispos, diáconos e viúvas da igreja. Os profetas movidos pelo Espírito de Deus só foram citados de passagem (1Tm 1.18; 4.14). Os bispos já eram, em parte, profissionais e eram pagos pelo seu trabalho (1Tm 3.1; 5.17). A sua missão principal era conduzir a batalha contra as heresias (1Tm 3.2; 2Tm 2.2; Tt 1.9). Isso seria indicação clara da época do final século I e começo do II.

De forma semelhante era a situação com as viúvas da igreja. Estavam se dedicando acima de tudo à oração e viviam em absoluta abstinência sexual, o que não teria acontecido na época de Paulo.

6) Teologia

Também na teologia defendida nas Cartas Pastorais haveria uma diferença significativa em relação à teologia de Paulo.

Nessas cartas o evento da salvação estaria descrito com termos que não aparecem em outras cartas de Paulo. Por exemplo, a manifestação da graça salvadora de Deus (Tt 2.11s); a manifestação da benignidade de Deus e do seu amor por todos os homens (Tt 3.4); a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus (Tt 2.13); a imortalidade de Deus (1Tm 6.16); Jesus Cristo que destruiu o poder da morte e que trouxe à luz a vida e a imortalidade mediante o evangelho (2Tm 1.10). Mais exemplos poderiam ser citados.

Também a experiência cristã teria conotações diferentes aqui: se nas outras cartas de Paulo o mais importante era a prática da fé no sentido da confiança em Jesus Cristo (*fides qua*), nas Pastorais o mais importante seria o conteúdo correto da fé, ou o ensino correto (*fides quae*: 1Tm 3.9s; 6.10; 2Tm 4.7 e outros). O mais importante aqui seria a piedade, o ensino correto, boas obras e uma vida correta na sociedade. A dinâmica dos primeiros anos do cristianismo teria dado lugar à tradição.

Somando todos esses argumentos, parece inevitável concluirmos que as Cartas Pastorais não podem ter sido escritas pelo apóstolo Paulo. Essa conclusão é tida como resultado definitivo na ciência da introdução ao NT. O que faz com que alguns estudiosos solitários mesmo assim ainda continuem defendendo a autoria paulina das Cartas Pastorais?

1. ARGUMENTOS A FAVOR DA AUTENTICIDADE

Nos parágrafos a seguir vamos retomar todas as objeções levantadas anteriormente para sugerirmos alternativas.

1) Testemunho dos manuscritos

Não devemos dar importância exagerada ao cânon de Marcion. Ele era um paulinista fanático. O seu fanatismo muitas vezes o cegou para a realidade histórica e o levou também a intervenções implacáveis nos textos do NT. Talvez as Cartas Pastorais foram sacrificadas por esse fanatismo em virtude da sua linguagem.

A ausência das Pastorais no códice p46 pode ser explicada pelas considerações acima e também pelo sentido enfatizado pelas cartas. Por isso, no século II ainda não teriam sido reconhecidas como cartas de Paulo pelos copistas das cartas paulinas; e por isso teriam sido omitidas. É possível também que o copista do códice tenha se enganado na contagem das folhas de tal forma que no final faltou espaço para incluir as Cartas Pastorais. É possível também que a sua intenção tenha sido copiar somente cartas às igrejas, deixando fora conscientemente as Cartas Pastorais. O que também pode ter acontecido é que o códice continha no início várias folhas introdutórias para frontispício, índice e outras informações, de forma que a contagem retroativa das páginas é impossível.

As várias possibilidades de avaliação da tradição dos manuscritos nos leva a concluir que, com base nas muitas suposições, eles não podem ser usados como evidências históricas sobre a autoria.

2) Gênero literário (linguagem e estilo)

As considerações sobre o vocabulário exclusivo são

pertinentes. As informações sobre a estatística das palavras também precisam ser levadas a sério, mas a sua importância não pode ser exagerada, pois é possível demonstrar que existem "vocábulo exclusivos" nas outras cartas de Paulo. A razão é óbvia: as cartas do apóstolo Paulo são escritas para situações bem concretas e específicas. Em virtude das condições de cada igreja e dos opositores que a ameaçam, cada carta recebe uma linguagem com perfil próprio.

Apesar disso, ainda restam dificuldades em relação à linguagem e o estilo a serem tratadas, em virtude do grande número de "vocábulo exclusivos". É muito difícil tentar resolvê-las sem a suposição de que Paulo tenha usado os serviços de outro secretário para a redação dessas cartas. Talvez Paulo lhe tenha dado mais liberdade em virtude das condições na prisão, e, por isso, a linguagem das Cartas Pastorais tenha recebido maior influência do secretário do que as outras cartas que o apóstolo podia ditar literalmente. Estudiosos renomados optaram por essa solução, que é razoável.

3) Contexto histórico

Todo estudioso das Cartas Pastorais que quiser continuar defendendo a autoria apostólica, precisa optar entre dois caminhos: ou tenta achar formas para encaixar os dados históricos na cronologia de Atos, como B. Reicke ou J. van Bruggen, ou precisa partir do pressuposto de segundo aprisionamento de Paulo em Roma, da mudança dos planos de viagem, de uma viagem do apóstolo ao oriente e da viagem para a Espanha, como o faz o autor dessa *Introdução*. Atos dos Apóstolos não menciona esses fatos, porque o livro presumivelmente já tinha sido concluído nessa época.

Quem parte da autoria apostólica tem a seu favor os detalhes biográficos das Cartas Pastorais, que, se forem consideradas obras de um imitador, são insignificantes e portanto impossíveis (cf. 2Tm 1.5,15-18; 3.14; 4.9-21; Tt 3.12-14). Em geral, os exegetas que contestam a autoria apostólica, não entram em detalhes nessas questões, pois lhes seria muito difícil explicá-las.

4) Os opositores de Paulo

De acordo com muitos estudiosos, a heresia que Timóteo e Tito deviam combater era um tipo de gnosticismo judaico-cristão (cf. 1Tm 1.9ss; 2Tm 2.18; Tt 2.13ss). Indicações dessa heresia temos sobretudo em Colossenses, talvez também nas cartas aos Coríntios. Por isso esse tipo de oposição é perfeitamente possível no tempo de Paulo. No combate às heresias ele não se referiu somente ao evangelho, mas em algumas situações também fez menção do ensino falso em questão (Rm 16.17).

Nas Cartas Pastorais é anunciada a ruptura com os falsos mestres, que, no entanto, ainda não está concretizada (Tt 1.10s). Já em 1 João é diferente. Lá os falsos mestres gnósticos deixaram a igreja (1Jo 2.19). Na situação deles, o falso ensino sobre Cristo estava em primeiro lugar (1Jo 4.1-6). Esse não é o caso nas Cartas Pastorais e tampouco nas Cartas aos Coríntios ou aos Colossenses.

Se partirmos das características das heresias, as Cartas Pastorais seriam anteriores à primeira carta de João.

5) Condições das igrejas

A afirmação repetida de que, nas Cartas Pastorais, as igrejas tinham os cargos oficiais mais bem definidos, não resiste a uma

análise mais profunda dos textos. As funções de presbítero (bispo) e diácono já são citadas em Filemom 1.1. Que anciãos e presbíteros (bispos) são termos diferentes para a mesma função fica claro em Atos 20.17,28.

Se nas Cartas Pastorais se fala do presbítero (bispo) e do diácono no singular, isso não significa que cada igreja era dirigida somente por um presbítero (bispo). Os textos em questão não dizem nada sobre a constituição das igrejas. Eles só fazem a descrição das qualificações necessárias para a consagração de presbíteros (bispos) e diáconos (1Tm 3.1-13; Tt 1.5-9). Que se trata aqui de um colegiado de presbíteros (bispos) ou de diáconos, é evidente em 1Timóteo 5.17-25 e Tito 1.5s. Até os honorários pastorais são citados por Paulo em suas cartas mais antigas (1Co 9.7-9). Da mesma forma, Paulo já deu orientações sobre as viúvas nos seus primeiros escritos (1Co 7.7s,39s).

Com base nos aspectos citados acima, as condições nas igrejas da época não podem ser usadas como argumentos contra a autoria apostólica.

6) Teologia

As supostas diferenças teológicas entre as Cartas Pastorais e as outras cartas de Paulo também não são consistentes quando submetidas a uma análise mais profunda.

A manifestação da graça de Deus por meio de Jesus Cristo como fundamento de todo o ensino cristão pode ser achado aqui, como em todas as cartas de Paulo (1Tm 1.12-17; 2Tm 2.10; Tt 3.5).

Quando trata da fé, o autor enfatiza mais a formulação à qual se

chegara naquela época, mesmo que Paulo já tivesse argumentado de forma semelhante anteriormente (Rm 16.17). Isso é compreensível, quando refletirmos sobre o fato de que o ministério do apóstolo estava chegando ao fim e ele precisava delegá-lo ao seu discípulo.

Mesmo em vista do relacionamento dos cristãos com o Estado romano é possível descobrir declarações semelhantes às de Romanos 13 (cf. 1Tm 2.1; Tt 3.1). O desenvolvimento do Estado romano em inimigo da Igreja de Jesus Cristo, como é descrito em Apocalipse 13, ainda não está à vista.

7) Conclusão

É impossível aceitar os detalhes biográficos como invenção consciente de algum outro autor. Se aceitos com base na autoria paulina, são óbvios. As diferenças na linguagem e no estilo são consideráveis e exigem a participação significativa de um secretário. A situação histórica como pressuposição para as Cartas Pastorais não pode ser claramente reconstruída. Por isso não é convincente como argumento contra a autoria apostólica. Opositores, condições das igrejas e teologia não são fundamentalmente diferentes desses elementos nas outras cartas de Paulo.

Disso concluímos que o apóstolo Paulo escreveu as Cartas Pastorais com a participação de um secretário, provavelmente após o primeiro aprisionamento em Roma.

C. LOCAL E DATA

Se não seguirmos a sugestão de recomposição dada por B. Reicke e J. van Bruggen, mas mesmo assim quisermos defender a autoria do

apóstolo Paulo, como o fazemos nesta *Introdução*, precisamos colocar como ponto de partida a redação entre os anos 60 e 65 d.C. Nesse caso, pelo menos 2 Timóteo foi escrita em Roma. Para as outras cartas é impossível sugerir locais em que foram escritas.

CAPÍTULO 14

A EPÍSTOLA DE PAULO A FILEMOM

A. CONTEÚDO

Essa carta tão pessoal do NT nos dá uma ideia sobre a ética social do apóstolo Paulo. Em todas as suas cartas lemos que a justificação dos ímpios, com base na graça de Deus pela fé, leva à ação que vem do amor. Mas até que ponto vai essa ação que vem do amor? Será que abrange somente a dedicação pessoal do cristão ao próximo ou também leva à modificação de estruturas sociais injustas?

Ao respondermos a essa pergunta precisamos levar em conta a história dos efeitos da presente carta.

B. DIVISÃO

Versículos	Divisão
1-3	Cabeçalho
4-7	Prólogo: agradecimento a Filemom

8-21	<p>O motivo do apóstolo: Onésimo, o escravo, fugiu do seu senhor, Filemom Por meio de Paulo ele vem a crer em Jesus Cristo Paulo gostaria de mantê-lo como seu colaborador Paulo o envia de volta com o pedido de que Filemom o receba Paulo está disposto a pagar o prejuízo causado por Onésimo Filemom deve gratidão a Paulo Paulo o lembra disso Paulo externa a esperança de que Filemom faça ainda mais</p>
22-25	Conclusão da carta: informações pessoais, saudações

C. GÊNERO LITERÁRIO

Esta é uma carta pessoal do apóstolo Paulo, escrita com calor humano e também com uma boa dose de humor.

D. CONTEXTO HISTÓRICO

Filemom era um cristão abastado que conheceu a Jesus Cristo por meio de Paulo (v. 19). Na sua casa se reunia uma igreja (v. 2). De acordo com Colossenses 4.9, Filemom morava em Colossos.

O seu escravo Onésimo tinha fugido. Se fosse pego novamente e devolvido ao seu senhor, teria de contar com punição severa. Isso poderia significar tanto chicotadas quanto a crucificação. O dono tinha a liberdade para escolher a forma do castigo, pois, de acordo com a opinião das pessoas na antiguidade, um escravo não era gente, mas um objeto pelo qual se tinha pago uma quantia em dinheiro.

Onésimo passou a crer em Jesus Cristo por meio do apóstolo Paulo, e

precisa agora sofrer as consequências de ter transgredido a lei. Paulo não fica com ele, mas o envia de volta ao seu dono, lembrando-o, no entanto, de que o seu escravo agora também é o seu irmão em Jesus. O escravo e o senhor pertencem um ao outro por meio de Jesus Cristo (cf. Gl 3.28). Por isso Filemom já não pode agir com Onésimo conforme prevê o direito romano. No mínimo, precisa recebê-lo como irmão e membro da igreja que se reúne na sua casa. Melhor mesmo seria libertá-lo e colocá-lo à disposição de Paulo como seu colaborador.

Surpreende-nos o fato de que Paulo não trata essa questão tão séria com uma linguagem mais séria e dura, mas com muito humor. O humor é quase perceptível no olhar de Paulo enquanto está ditando a carta.

Provavelmente Filemom de fato libertou o seu escravo Onésimo, pois na sua carta aos Efésios, Inácio menciona três vezes o bispo Onésimo de Éfeso. Será que não era o escravo Onésimo mencionado por Paulo nessa carta?

E. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Como consequência de uma compreensão unilateral do ensino dos dois reinos de Martinho Lutero, a carta a Filemom tem sido usada como fundamento para a ética que ensina o amor individual ao próximo, mas deixa as estruturas sociais intactas.

Por outro lado, há pessoas que viram na carta a Filemom um exemplo de ética que ajuda o cristão a mudar estruturas injustas com base na fé em Jesus Cristo.

A carta tem os dois aspectos, e por isso não pode ser reivindicada somente por um lado. Com base em Gálatas 3.28 vemos que, assim nos ensina Paulo, a Igreja de Deus é uma nova criação por meio do Espírito de Deus. Nela as estruturas velhas não podem permanecer

intactas. Nenhum cristão pode chicotear outro cristão, muito menos mandá-lo à cruz. O amor de Cristo impede isso. Na igreja de Deus o escravo e o dono sentam à mesma mesa do Senhor. Esse aspecto também define a sua convivência do dia-a-dia. Dessa forma a Igreja se torna um exemplo de convivência humana entre as pessoas. Nela o reino de Deus se torna visível e observável. Com essa carta a Filemom, o apóstolo Paulo nos dá um exemplo de ética na igreja.

Com esse pano de fundo podemos compreender a adaptação que P. Stuhlmacher faz desse princípio no seu comentário a essa carta: "Exatamente porque a realidade atual da igreja tem se distanciado bastante e de forma dolorida dessas teses paulinas, é digno de nota que Paulo formula experiências da fé nos dois pontos que eram a proposta eclesial de uma nova existência e de uma nova comunhão no grupo de fiéis, e que respondia por boa parte da eficácia missionária do cristianismo daquela época, para o qual o povo dava ouvidos e ao qual tantos afluíam."

Ele também admite que é difícil viver dessa forma como igreja de Deus: "Só podemos fazer isso se reconhecemos ao mesmo tempo que nos dias de hoje nos faltam igrejas que de forma renovada possam retomar a prática da igreja primitiva, e que, na ética cristã, estamos muito distantes de podermos oferecer uma posição e teoria que possibilitem a prática do evangelho que seja penetrante e abrangente, mas também sóbria, dialética e relacionada à realidade."

É evidente que igrejas desse tipo não deixaram de existir totalmente. João Wesley as fez nascer com os seus grupos de crentes, as chamadas classes, e, dessa forma, também enfrentou os desafios sociais da Inglaterra do seu tempo, como, por exemplo, o ministério aos presos e a abolição da escravatura. Esse último aspecto foi conseguido pela influência de Wilberforce, por meio de uma nova constituição.

Ainda hoje as igrejas não-estatais, em que a profissão de fé pessoal em Jesus Cristo é condição para que as pessoas sejam membros, estão comprometidas com esse tipo de conceito de igreja. Por isso fazem de tudo para, com a sua vida, serem sinais do reino de Deus.

Existe, entretanto, uma teoria da ética eclesial a ser analisada. Ela vem do americano P. L. Lehmann e está baseada na pergunta fundamental: "O que eu como crente em Jesus Cristo e membro da sua igreja precisa fazer?" Infelizmente essa forma de reflexão praticamente não tem sido adotada na discussão ética na Alemanha.⁵ Está na hora de adotá-la para vencer os ideais éticos conformistas ou ilusórios.

F. LOCAL E DATA

A carta foi escrita em uma prisão (9,10,13), da qual o apóstolo Paulo espera ser liberto em pouco tempo (22). Podemos pensar aí na primeira vez em que Paulo esteve na prisão em Roma, mas Cesaréia também é uma possibilidade.

Se foi escrita em Roma, isso possivelmente aconteceu nos anos 58-60; se em Cesaréia, nos anos 55-57.

G. OUTROS DADOS

Não é necessário entrarmos em mais detalhes sobre o autor e o destinatários, pois o que vimos até aqui em relação a esses aspectos não pode ser questionado. Isso vale também para a unidade da carta.

CAPÍTULO 15

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

A. CONTEÚDO

A carta descreve a grandeza de Jesus Cristo em relação à revelação de Deus no AT. Moisés foi o representante mais importante dessa revelação, mas Jesus Cristo é ainda maior, porque ele é o Filho de Deus. Por meio do culto de sacrifícios acontecia a expiação da culpa e a reconciliação com Deus, mas por meio da morte de Jesus Cristo na cruz todos os sacrifícios se tornaram desnecessários.

Será que com isso todo o AT se tornou desnecessário? De forma nenhuma! Ao olhar para as testemunhas de fé do AT, o discípulo de Jesus Cristo pode aprender o significado da fé. Os juízos de Deus sobre o seu povo desobediente devem servir de advertência para a igreja de Jesus Cristo. Eles servem para desafiar o povo de Deus a trilhar com segurança o caminho da fé e a confiar somente em Jesus Cristo, o autor e consumidor da fé (Hb 12.1).

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-Chave
1.1—4.13	A superioridade de Jesus	

1.1-4	Jesus — a última palavra de Deus	1.1s
1.5—2.10	Jesus e os anjos	
2.11-18	Jesus — o nosso irmão	
3.1-6	Jesus e Moisés	
3.7—4.13	Jesus e a nossa obediência Exemplo: Israel no deserto	4.12
4.14—10.39	Jesus, o sumo sacerdote perfeito	
4.14-16	Refúgio junto ao sumo sacerdote Jesus	4.15s
5.1-10	Sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque	
5.11-14	Queixa sobre a imaturidade espiritual dos destinatários	
6.1-3	Ensino para os perfeitos	
6.4-10	Advertência contra a apostasia	
6.11-20	Contando com as promessas de Deus	
7.1-28	Jesus e o sumo sacerdote Melquisedeque	
8.1-13	O fim do culto de sacrifícios do AT	
9.11—10.18	A superioridade do sacrifício único de Jesus Cristo	
10.19-31	O sacrifício de Jesus e a nossa fidelidade	
10.32-39	Fidelidade também sob perseguição	10.35
11-13	Essência e efeitos da fé	
11.1	Definição de fé 11.1	
11.2-39	Exemplos de fé em Israel	
12.1-3	Testemunhas de fé desafiam à fé	12.1s
12.4-11	Deus trabalha na instrução dos crentes	

12.12-29	Advertência contra o desprezo da graça de Deus	
13.1-17	Consequências práticas da fé em Jesus	13.8s
13.18-25	Conclusão da carta	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as cousas, pelo qual também fez o universo. Hebreus 1.1-2

Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna. Hebreus 4.15-16

Ora, a fé é a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem. Hebreus 11.1

Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre. Hebreus 13.8

D. GÊNERO LITERÁRIO

Essa carta é peculiar em virtude da forma literária e da interpretação do AT por ela defendida. O leitor de Hebreus nota as seguintes características:

Falta-lhe o cabeçalho encontrado em geral nas outras cartas. Em vez disso, a carta começa com um prólogo bem elaborado.

Chama a nossa atenção também o número de expressões que relaciona as ideias desenvolvidas pelo autor com um discurso falado. Em 2.5 lemos "... sobre o qual estamos falando." Em 5.11 lemos: "A esse respeito temos muitas coisas que dizer, ..." Ainda em 8.1 diz: "Ora, o essencial das coisas que temos dito, ..." (Cf. também 9.5 e 11.32). Não é certo que isso por si já seja um argumento contra a forma literária de carta. Pois o próprio Paulo às vezes se expressa dessa maneira (cf. Rm 6.9; Gl 3.15). Mas acontece muito raramente. É estranho também que, com a exceção de 13.22, o texto não é tratado como carta ou escrito.

Repetidas vezes as interpretações tão educativas do AT são interrompidas por meio de exortações: 2.1-4; 3.7—4.13; 5.11—6.20; 10.19—13.19. O. Michel diz sobre isso: "O ponto alto do pensamento teológico está nas partes parenéticas, que conclamam o ouvinte à obediência e querem preparar a igreja para o sofrimento. O peso maior está nos trechos parenéticos. "Isso revela o estilo homilético". Será, então, que não se trata de uma carta, mas de um ou mais sermões?

A favor disso fala o aspecto de que um tema uniforme consistente permeia todo o livro: se ao povo de Deus da antiga aliança já foram dadas tantas coisas, quanto mais a Igreja de Deus da nova aliança recebeu (9.14).

Os exegetas tiraram conclusões diferentes dessas considerações.

Trata-se, apesar de todas as objeções, de uma carta.

O. Roller distingue entre a carta-mensagem aberta e a carta pessoal selada. A carta-mensagem era considerada uma transmissão de uma mensagem oral e lida pelo mensageiro. Por isso o cabeçalho era importante. Na carta pessoal, por outro lado, o cabeçalho era dispensável.

De acordo com Roller, Hebreus e 1 João, que não têm cabeçalho, devem ser consideradas cartas de modelo asiático (Ásia Menor). Mesmo assim, a carta aos Hebreus teria demonstrado ser um estilo misto por causa do seu final.

Outros já afirmam que Hebreus é uma carta como todas as outras, da qual só não nos foi transmitido o cabeçalho. Contra isso fala, entretanto, o começo imponente da carta. Um prólogo simples antes disso soaria estranho.

Riggenbach defende a forma literária de carta em virtude da menção específica dos leitores. Ele supõe que o cabeçalho tenha existido originariamente, mas tenha sido deixado fora na publicação da carta.

Outros intérpretes consideram Hebreus uma epístola.

Sobressaem também a divisão cuidadosa das ideias e a ordenação artística das frases: 1.1-4; 2.2-4; 5.1-3; 6.16-20; 7.18-25; 10.19-25; 12.1s. Esse tipo de formulações lembram mais uma obra de arte do que uma carta escrita em uma grande crise. W. Wrede não considerou Hebreus uma carta verdadeira, endereçada a um grupo específico de leitores. Pelo final que deu ao livro, o seu autor evidentemente queria que ele fosse reconhecido como uma carta de Paulo. E. Reuss via nesse escrito o primeiro tratado sistemático de teologia. A. Deissmann chamou esse escrito de "primeiro documento historicamente comprovado da literatura artística cristã."

Contra essa classificação como epístola estão as exortações, que pressupõem um grupo definido de leitores, que o autor conhece bem. As exortações são especificamente dirigidas a esse grupo. O livro não se limita a considerações generalizadas. Ele é um escrito pastoral a esses leitores.

Por essa razão O. Michel e outros chegam à seguinte conclusão: trata-

se de uma homília, ou seja, de um sermão ou série de sermões.

A tensão entre o conteúdo da carta e o final nesse caso não é tão significativa, se partirmos do ponto de que, por várias razões, a série de sermões precisava ser enviada a vários locais. Sobre essas razões só temos especulações. Se esta suposição estiver correta, temos em Hebreus preservada a primeira série de mensagens cristãs. Também em Atos temos sermões e da mesma forma nos evangelhos. Mas aqui em Hebreus temos um ciclo de sermões que usa todos os meios da retórica antiga, além de uma linguagem refinada, para divulgar o evangelho de Jesus Cristo.

Aqui não se trata de um sermão evangelístico, como em geral em Atos, mas de ensino para os crentes. O tema é: Jesus o sumo sacerdote.

Nesta *Introdução* aceitamos essa última posição, de que Hebreus é uma série de sermões e a colocamos como base da nossa discussão.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

De acordo com o seu título, o livro foi endereçado aos hebreus. Em Atos 6.1 os membros da igreja primitiva que nasceram e cresceram na Palestina são assim chamados. A sua língua-mãe é o aramaico. Mas a carta não pode ter sido endereçada a esse grupo de pessoas, pois de acordo com Hebreus 6.10 os destinatários serviram à igreja primitiva com ajuda financeira. Portanto, eles mesmos não moram na Palestina.

A favor disso está também a língua grega escolhida para redigir o livro. Provavelmente vamos achar os destinatários no grupo dos cristãos-judeus da igreja da época que estavam familiarizados com a cultura e educação grega e que liam o AT em grego. Era o grupo que iniciou a evangelização dos gentios, no qual o apóstolo Paulo estava enraizado.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Para as pessoas do século XXI não é fácil achar um ponto de contato com a carta aos Hebreus. Vários títulos do índice soam estranhos, e até repulsivos. Isso está relacionado à falta de conhecimento do AT.

A série de sermões que encontramos na carta aos Hebreus foi desenvolvida para pessoas que estão familiarizadas com o AT. Elas conhecem as histórias de Moisés, da peregrinação no deserto, do tabernáculo e do culto de sacrifícios. Elas ainda estão presas, em parte, a essa tradição. O que está no AT não é Palavra revelada de Deus? O que aconteceu por meio da revelação de Deus em Jesus Cristo? A antiga aliança está cancelada?

No diálogo de hoje entre cristãos e judeus, essas questões são atualíssimas. Que importância tem a vinda de Jesus Cristo para a história que Deus tinha para o seu povo Israel?

A resposta da carta aos Hebreus é categórica: Jesus Cristo é a última palavra de Deus e, portanto, a autoridade final. Ele é o padrão pelo qual se deve avaliar o que ainda vale do AT e o que está ultrapassado. Depois da morte de Jesus Cristo na cruz já não precisamos de cultos com sacrifícios. Estes pertencem ao passado. Mas o que continua valendo do AT são os testemunhos da fé. Estamos, de certa forma, alicerçados neles, e podemos aprender deles o que é fidelidade. Permanece também a advertência para não cairmos da fé em Jesus Cristo. A história de Israel fornece muitos exemplos das consequências na vida daqueles que caem da fé.

Hebreus, portanto, nos desafia a nos ocuparmos com o AT. Ao mesmo tempo, Hebreus oferece uma ajuda substancial para definirmos melhor a relação entre a revelação veterotestamentária e a revelação em Jesus. Numa época em que o diálogo entre as religiões muitas vezes

relativiza o fundamento cristão, a carta aos Hebreus firma a Igreja de Jesus no seu verdadeiro alicerce: Jesus Cristo é a última palavra e, portanto autoridade final de Deus.

G. UNIDADE

A carta é um documento uniforme sem rupturas ou emendas.

H. AUTORIA

A carta não cita o seu autor, mas o seu conteúdo dá indicações dele.

Ele não é discípulo de Jesus (2.3). O que ele tem a dizer, tira da tradição da igreja primitiva (2.17s; 4.15; 5.7s; 7.14; 12.2s; 13.12). Não foi um dos fundadores da Igreja (13.7), mas está familiarizado com o seu início e desenvolvimentos subsequentes (5.11 s). Ele já morou na região dos destinatários e quer voltar a eles logo (13.17-19,23). Está intimamente ligado à igreja (6.9-12; 10.32-39; 12.1-11), e por isso está autorizado a usar a linguagem segura de um mestre reconhecido pela igreja (5.11—6.8; 10.26-31; 12.14-17).

Ele está ligado a Timóteo (13.23) e tem relações com a Itália (13.24). É nascido judeu (2.2; 9.4,21; 11.37; 12.21), mas esteve fora da Palestina frequentemente. Ele usa a tradução grega do AT, a Septuaginta (3.7-11; 8.8-12). Está familiarizado com a teologia judaica de Alexandria, principalmente com Filo (observe os conceitos em 1.3,6). Mas conhece também o judaísmo da Palestina (ensino sobre anjos, transmissão da lei pelos anjos, Satanás como senhor sobre a morte).

Acima de tudo, a carta mostra que ele é mestre de retórica. A quem cabe essa descrição?

A antiga igreja do oriente considerou Paulo o autor. A favor disso está a

posição central da pessoa de Jesus, o cancelamento da lei como fundamento para a salvação e a importância da fé. Mas Paulo não viveu no seio da tradição da igreja primitiva (Gl 1.11s). Ele em lugar nenhum descreve Jesus como apóstolo ou sumo sacerdote. A diferença entre o estilo dessa carta e das cartas de Paulo não pode ser desprezada. Além disso, Paulo não era grande orador, ao contrário.

Por isso E. Riegenbach chega à seguinte conclusão: "A diferença entre Hebreus e as cartas de Paulo é tão grande que não pode ser explicada pela consideração do autor pela situação dos leitores, mas sim pelas características pessoais do seu autor... Com base nisso, é certo que Paulo não é o autor dessa carta."

Será que então sobra somente a opinião de Orígenes, quando diz: "quem escreveu essa carta, só Deus sabe"? No final das contas, sim. Mas há vários elementos que apoiam a opinião de Lutero, de que se trata aqui de uma série de sermões de Apolo. Ele conhecia a teologia de Paulo e compartilhava dela na sua essência. Se não fosse assim, Paulo não o teria recomendado incondicionalmente. Conhecia a teologia de Alexandria (At 18.24-28) e lá tinha se tornado um bom orador. Era isso que exatamente o destacava de Paulo.

Mesmo que com essas suposições não fica provada a autoria de Apolo, a carta aos Hebreus fornece bom material ilustrativo da série de sermões de Apolo que tanto chamaram a atenção de todos em Corinto.

I. DESTINATÁRIOS

A carta não menciona os destinatários. São citados somente no título da carta. Esse título "Aos Hebreus" provém do século II e é atestado pela primeira vez em Clemente de Alexandria. Quem são esses hebreus?

Descobrimos sobre os leitores na carta que eles precisam ser

estimulados à leitura da Palavra de Deus (2.1) e que estão na 2ª geração de cristãos (2.3). Eles são crentes (3.1), mas estão em perigo de cair da fé (3.12; 4.11). Estacionaram no seu crescimento espiritual (5.11-14) e vários não são assíduos na participação dos cultos (10.25). Mesmo assim estão dispostos a fazer sacrifícios (6.10). Vários deles perderem os seus bens (10.34). Até aquele momento não havia mártires (12.4). Mas precisam contar com mais perseguições (12.1-11; 13.3-13). Evidentemente têm contato com a Itália (13.24).

Com base nesses dados, podemos supor que a carta foi escrita ao grupo de cristãos-judeus da igreja em Roma em uma época após a Carta de Paulo aos Romanos. A favor dessa opinião está o fato de que Clemente de Roma conhecia a carta.

A. LOCAL E DATA

W. G. Kümmel defende a posição largamente difundida de que Hebreus foi escrita para o grupo de cristãos-judeus da igreja de Roma, mais especificamente a geração seguinte ao grupo que recebeu a carta de Paulo. Essa posição é fundamentada com a indicação para perseguições ainda existentes, que seriam as do tempo de Domiciano, dizem esses autores. A carta com certeza foi escrita antes de 96 d.C., pois é citada em 1 Clemente 36.2-5.

Contra essa posição corrente J. A. T. Robinson coloca a sua datação: 67 d.C., depois da morte de Paulo e de Pedro na perseguição de Nero. As razões para essa posição são as seguintes:

- 1) A descrição tão detalhada do sacerdócio levítico e do culto no templo não teria sido feita dessa forma após a destruição de Jerusalém, pois o sacerdócio descrito em Hebreus 10.11 não existiu mais depois da destruição de Jerusalém. As coisas velhas

não estão próximas do fim, mas estão terminadas (Hb 8.13).

- 2) Em épocas de perseguição cruel vários cristãos caíram da fé e traíram o Senhor e os irmãos (Hb 6; 10; 12). Nessa carta, Paulo e Pedro, mártires sob Nero, são colocados diante dos olhos dos cristãos de forma bem visível, mesmo que os seus nomes não sejam mencionados (Hb 13.7). Além deles, quais poderiam ser os mestres que ensinaram a Palavra em Roma?
- 3) Robinson atribui as perseguições passadas e o roubo dos bens (Hb 10.34) à expulsão dos judeus de Roma por meio de Cláudio. Esse teria sido o início do grupo de cristãos-judeus da igreja de Roma.

Com base nesses elementos, que não podem ser mais do que uma hipótese, a carta aos Hebreus seria uma série de sermões adequados para o contexto romano após a perseguição de Nero.

Não dispomos de dados confiáveis sobre o local da redação da carta.

CAPÍTULO 16

EPÍSTOLAS GERAIS - TIAGO

A. CONTEÚDO

Essa carta está entre os escritos polêmicos do NT. O seu conteúdo, que trata do agir dos cristãos, parece estar em contradição com as cartas do apóstolo Paulo, nas quais a necessidade da fé é enfatizada (Gálatas e Romanos). A pergunta é se a carta de Tiago é uma recaída no legalismo judaico ou uma tentativa de corrigir a interpretação errônea das cartas de Paulo. A questão merece atenção e esclarecimento, já que até Martinho Lutero, em virtude dessa problemática, a colocou juntamente com Judas no final das cartas do NT.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

A carta não tem uma estrutura reconhecível. Os temas tratados estão lado a lado sem ligações intencionais. O esboço abaixo reflete esse aspecto.

Capítulo	Temas	Versículos-chave
1.1	Cabeçalho	
1.2-18	Sobre provações e tentações	1.2s
1.19-27	Sobre o ouvir e o fazer	1.19,22,27

2.1-13	Sobre os pobres e os ricos na igreja	
2.14-26	Sobre a fé e as obras	2.17
3.1-12	Sobre o uso responsável da língua	
3.13-18	Sobre a verdadeira e a falsa sabedoria	
4.1-12	Sobre a avareza e os prazeres	4.7s
4.13-17	Sobre a falibilidade dos projetos humanos	4.15,17
5.1-6	Sobre o juízo de Deus sobre pessoas ricas e injustas	
5.7-12	Sobre a espera paciente pela volta de Jesus	
5.13-18	Sobre a oração pelos doentes	5.16b
5.19-20	Sobre a salvação do irmão desviado	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Tiago 1.22

A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo. Tiago 1.27

Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. Tiago 2.17

Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando. Tiago

4.17

Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo. Tiago 5.16b

D. GÊNERO LITERÁRIO

Nesse escrito destacam-se alguns elementos. Ele tem um cabeçalho, mas não tem final. A indicação dos receptores "às doze tribos que se encontram na Dispersão" pode ter vários sentidos. Poderia ser uma carta a judeus; falta-lhe, no entanto, toda e qualquer tentativa de levar o evangelho de Jesus Cristo a eles. Poderiam ser judeus na Diáspora; a favor disso está o fato de que Tiago era o líder do cristianismo judaico. Os destinatários poderiam ser também cristãos-gentios; seriam então chamados de "verdadeiro Israel", segundo Gálatas 6.16, o que, no entanto, seria improvável em um escrito do irmão do Senhor, Tiago.

Apesar de tão relacionada com a vida cotidiana dos cristãos, a carta não deixa transparecer uma situação específica de igreja local.

Por esses motivos, vale perguntar se aqui se trata de uma carta de fato. Certamente é mais adequado falarmos de uma epístola, ou seja, de um ensaio literário em forma de carta. Nesse caso, Tiago é um escrito didático com exortações para os seus leitores. Conhecemos esse tipo de escritos no judaísmo e no helenismo.

Houve até a suposição de que Tiago fosse um escrito judaico superficial cristianizado. Isso evidentemente não é verdade, se observarmos a relação próxima entre os seus ensinamentos e a vida, e principalmente a proclamação de Jesus (1.6 cf. Mc 11.23; 1.5,7 cf. Mt 7.7ss; 1.22 cf. Mt 7.24ss; 4.12 cf. Mt 7.1).

Nessa carta tem importância especial também a posição tomada a uma interpretação errônea da teologia do apóstolo Paulo (2.14-26). É difícil entender esse trecho sem supormos a pregação anterior do evangelho por Paulo no sentido de Romanos 4.

Por isso, a minha conclusão é de que a carta de Tiago é uma epístola que traz a nós um ensino didático-exortatório.

E. ÊNFASES TEOLÓGICAS

A carta de Tiago produziu opiniões conflitantes quanto à sua interpretação ao longo da história.

Martinho Lutero escreve: "Darum ist sanct Jacobs Epistel eyn rechte stroern Epistel gegen sie, denn sie doch keyn Euangelisch art an yhr hat." (Por isso a epístola de São Tiago é uma verdadeira epístola de palha, pois não é caracteristicamente evangélica.)

Ele aponta as seguintes razões: Tiago ensina, em oposição a Paulo, a justificação pelas obras. Lutero fundamenta isso com a interpretação que Tiago dá a Gênesis 15. Na carta inteira não existe nem mesmo menção da fé na morte e ressurreição de Jesus Cristo. Tiago faz uma mistura desordenada dos seus assuntos; tentou combater aqueles que se baseavam na fé sem obras, mas não estava à altura dessa discussão. Por essas razões, a conclusão de Lutero é que esse não é um escrito apostólico, porque não promove a causa de Cristo.

Opinião oposta tem o erudito católico F. Mussner: "Para Tiago não há milhares de 'mas' ou 'se', mas unicamente o desafio para o serviço, o perdão, a paciência, para a orientação 'escatológica' de toda a vida. Corresponde, portanto, ao ensino de Jesus, como nos foi transmitida sobretudo no sermão do monte. Dar ouvidos a Tiago significa, pois, dar ouvidos a Jesus! Os dois estão preocupados com a prática da Palavra! Por isso é exatamente a carta de Tiago que pertence àqueles escritos do NT que ensinam e promovem de uma forma especial a causa de Cristo."

Mussner fundamenta a sua posição nos paralelos evidentes entre a

carta de Tiago e o evangelho de Mateus. Segundo ele, em Tiago encontramos o extrato mais antigo da proclamação de Jesus, sobretudo no sermão do monte. Além disso, o ensino de Jesus é também, em grande parte, orientação ética. Todo aquele que defende as exigências éticas de Jesus, está promovendo a causa de Cristo.

Qual dessas posições tão diferentes podemos seguir? O que é comprovado e o que é observação parcial? Martinho Lutero usou na sua avaliação de Tiago a medida-padrão da justificação pela fé. Isso era compreensível em virtude da sua oposição frontal ao ensino da justificação pelas obras da Igreja Católica Romana de seu tempo. Por essa razão, Paulo precisava ser colocado no centro. Os evangelhos sinópticos já não eram tão importantes. Entretanto, se alguém deixa de lado a proclamação de Jesus e tenta interpretar Paulo, está abrindo caminho para a interpretação errônea dos escritos de Paulo. Em relação a isso, A. Schlatter observou corretamente que o ensino da justificação pela fé do apóstolo Paulo tem como objetivo a vida santificada.

Mesmo assim não podemos afirmar simplesmente que Paulo e Tiago se complementam. Isso diminuiria a contraposição que aparece, sobretudo na interpretação divergente de Gênesis 15 em Romanos 4 e Tiago 2.14ss. Paulo e Tiago estão combatendo em frentes diferentes. Paulo rejeita a esperança judaica da salvação por meio da obediência à lei, que Tiago nunca defendeu. Tiago rejeita a interpretação falsa do evangelho de Paulo, a qual diz que a fé é suficiente e dispensa a ação como consequência do amor, algo que Paulo nunca defendeu.

Com base no relato de Atos dos Apóstolos e na carta aos Gálatas sabemos que Paulo e Tiago discutiram sobre os seus diferentes pontos de partida e objetivos e chegaram a um consenso. Apesar de ênfases teológicas diferentes, mantiveram o respeito um pelo outro.

A igreja de Jesus Cristo precisa dessas duas vozes do cânon do NT, para que na formulação e compreensão da sua fé não perca o equilíbrio e se desvie do caminho. Nesse sentido a carta de Tiago é uma tomada de posição imprescindível ao equilíbrio do NT.

F. UNIDADE

Trata-se de um escrito uniforme, que em todas as suas partes deixa transparecer a mão de um único autor.

G. AUTORIA

Nas considerações até aqui dissemos que Tiago, irmão de Jesus, foi o autor dessa carta. Mas isso necessita de fundamentação.

No cabeçalho Tiago se apresenta como escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo. De quem se trata?

No NT temos referência a cinco homens com esse nome: *Tiago*, filho de Zebedeu e irmão de João (Mc 1.19). *Tiago*, filho de Alfeu (Mc 3.18). *Tiago*, irmão de Jesus, filho de José e de Maria (Mc 6.3). *Tiago*, o menor (Mc 15.40). *Tiago*, pai do apóstolo Judas (Lc 6.16).

Desses cinco, só Tiago o irmão de Jesus pode ser o autor desse escrito, pois o apóstolo Tiago, filho de Zebedeu, morreu já em 44 d.C. como mártir. Naquela época as igrejas ainda não tinham se desenvolvido ao ponto de necessitarem dessa carta. Os outros homens têm pouca expressão para terem escrito a carta. A carta pressupõe uma autoridade reconhecida. Por essa razão, os eruditos do NT não contestam o fato de que a carta se apresenta como escrito de Tiago, irmão de Jesus. O que é debatido é, se ela é autêntica ou se é um pseudepígrafo.

Que argumentos são apresentados contra a autenticidade?

Argumenta-se que esse livro teria sido redigido na linguagem formal do helenismo. O irmão de Jesus, Tiago, no entanto, teria sido da Palestina e por isso teria sido improvável que ele tivesse conseguido se expressar nessa linguagem.

Além disso, Tiago, irmão de Jesus, teria sido um modelo na obediência à lei. Ele teria sido fiel à observância das leis cerimoniais e cúlticas e teria exigido isso dos cristãos-judeus (cf. At 21.18-26). Mas isso não aparece nessa carta; em vez disso ela fala da "lei da liberdade" (1.25), o que seria impossível sair da boca de Tiago.

Se o autor era de fato irmão de Jesus, por que não fez nenhuma menção disso?

A polêmica contra a interpretação incorreta da teologia de Paulo pressuporia um período entre o seu ministério e a carta. Mas Tiago, o irmão de Jesus, teria morrido como mártir já em 62 d.C.

E finalmente, argumenta-se que essa epístola só foi aceita como obra do irmão de Jesus — portanto, como obra apostólica —, lentamente e após muita oposição.

Que força têm esses argumentos?

Sobre as habilidades linguísticas do irmão de Jesus não podemos fazer afirmação alguma.

Em que trechos do NT se afirma que Tiago dava importância à observância das leis rituais e cúlticas? A suposta evidência de Atos 21 mostra muito mais que Tiago levou em consideração as reações judaicas que acompanhavam o ministério de Paulo.

O fato de a epístola omitir a relação entre o autor e Jesus não pode ser usado como evidência contra a autoria de Tiago, irmão de Jesus, pois

fundamentar conclusões sobre o silêncio (*argumentum e silentio*) sempre é questionável.

Mais peso têm as considerações sobre Tiago 2.14ss. A polêmica aí apresentada necessita de uma análise mais profunda. Há vários pontos a favor da ideia de que Tiago 2.14ss pressupõe a interpretação de Gênesis 15 feita por Paulo em Romanos 4.

Também a história do cânon e a oposição longa à carta de Tiago precisam ser levados a sério. Não seria possível, no entanto, que a posição da carta contra a interpretação incorreta da teologia de Paulo pudesse ter sido vista como "antipaulinismo" e por isso ter tornado a carta suspeita?

Levando em consideração todos os argumentos, parto do ponto de que Tiago, o irmão de Jesus, foi o autor da carta. Demonstração irrefutável é impossível com base no material disponível.

H. DESTINATÁRIOS

Se a informação no cabeçalho é literal, os receptores foram os cristãos-judeus da Diáspora. Nesse caso são advertidos por Tiago, o respeitado irmão de Jesus, contra uma interpretação incorreta do evangelho proclamado por Paulo.

Há estudiosos que consideram improvável que cristãos-judeus, que se fundamentavam em Tiago como sua autoridade, pudessem ficar inseguros diante da proclamação de Paulo. Assim mesmo, eram críticos em relação a ele. Nesse caso a outra solução seria possível, ou seja, que essa carta didática foi escrita a todos os cristãos do império romano. As informações no cabeçalho deveriam então ser entendidas de forma expandida: as doze tribos na Diáspora seriam toda a igreja de Jesus Cristo em todos os lugares.

I. LOCAL E DATA

Não temos referências concretas quanto ao local de redação da carta.

Os exegetas de Tiago sugerem três épocas diferentes para o surgimento da carta: a) no final dos anos 40, antes do assim chamado concílio dos apóstolos; b) em torno do ano 60 e c) no final do primeiro século.

J. A. T. Robinson defende a datação mais antiga, ao final da década de 40. Em sua opinião, a carta de Tiago é o escrito mais antigo do NT. Ainda segundo ele, Tiago, o irmão de Jesus, somente teria ouvido acerca da proclamação do evangelho por Paulo, mas não teria conhecido a Paulo de perto. Com base nos rumores que ouvira, teria escrito uma carta de exortação aos cristãos-judeus do império romano. Com isso estava fortalecendo a mensagem de Jesus. No concílio dos apóstolos, Paulo e Tiago teriam esclarecido as suas diferenças e tomado as medidas para o consenso. Isso não teria evitado, no entanto, o uso da carta contra Paulo. Com base nisso, Paulo teria achado necessário tomar posição contra esse mau uso na Carta aos Gálatas e aos Romanos. Nisso teria também se referido à interpretação de Gênesis 15 e a teria acentuado da sua maneira em Romanos 4.

O argumento principal de Robinson é o seguinte: a missão aos gentios no início não era problema para ninguém, até que chegaram "alguns da parte de Tiago" (Gl 2.12), que exigiam a circuncisão e, dessa forma, causaram o debate do concílio dos apóstolos.

Por mais esclarecedora que essa versão pareça, ela não concorda de forma alguma com os textos que temos à disposição. Pois, de acordo com Gálatas 2, surgem "alguns da parte de Tiago" depois do concílio apostólico. Todos os conflitos nas igrejas da Galacia só ocorrem depois

disso. Por essa razão a datação antiga não pode ser sustentada.

Damos uma avaliação diferente à posição de F. Mussner. Ele defende a autoria de Tiago, irmão de Jesus, e data a epístola em torno do ano 60. Paulo teria sido mal interpretado já bem cedo no seu ministério, como mostram as Cartas aos Coríntios. Por isso Tiago não teria usado as cartas de Paulo para reagir contra o mal-entendido. No entanto, a datação antes do ano 70 seria necessária porque depois disso já não houve influência significativa do cristianismo judaico. Quem, portanto, entender que os destinatários estão entre os cristãos-judeus da Diáspora, precisa datar a epístola no ano de 60, acha Mussner.

W. G. Kümmel entendeu as informações sobre os receptores como figura de linguagem indicando os cristãos-gentios. Além disso, ele questiona a autoria de Tiago, irmão do Senhor, pelas razões mencionadas acima. Por isso ele crê que a epístola de Tiago é um escrito pseudepígrafo do final do primeiro século.

Das três tentativas de datação apresentadas, a de F. Mussner parece a mais bem fundamentada; portanto, a mais provável.

CAPÍTULO 17

EPÍSTOLAS GERAIS – PRIMEIRA CARTA DE PEDRO

A. CONTEÚDO

No NT temos duas cartas do apóstolo Pedro. A primeira carta é caracterizada por uma estrutura bem elaborada e pela temática coesa. Trata-se, nessa carta, da igreja de Jesus Cristo como o novo povo de Deus e o fato de ela se impor em uma sociedade desconhecida e muitas vezes hostil. Descreve a vida do povo de Deus como peregrino e forasteiro.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

Capítulo	Temas	Versículos-chave
1.1-2	Cabeçalho	
1.3—2.10	O novo povo de Deus	
1.3-12	O seu fundamento: a esperança viva	1.3
1.13-25	As formas de convivência: amor de coração puro	1.18s
2.1-10	As suas tarefas: pedras vivas	2.9
2.11—4.11	O novo povo de Deus no mundo	

2.11-17	Respeito pelo Estado	2.17
2.18-25	Escravos cristãos e os seus senhores	
3.1-7	Mulheres e homens	
3.8-13	Amor pelos inimigos	
3.14-17	Defendendo a fé	3.15
3.18-22	Senhorio total de Cristo	
4.1-11	Vida cristã irretocável	4.10
4.12—5.9	O povo de Deus na tribulação	
4.12-19	Suportar a perseguição	
5.1-9	A tarefa dos presbíteros	5.5b,7
5.10-14	Conclusão da carta: bênção e saudações	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. I Pedro 2.9

... estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós. I Pe 3.15

Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. I Pe 4.10

... lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós. 1 Pe 5.7

D. GÊNERO LITERÁRIO

Esse escrito é, como as cartas de Paulo já analisadas, uma carta apostolar aberta escrita em bom grego. Muitos aspectos do vocabulário e do estilo lembram as cartas de Paulo.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

De acordo com 5.13 a carta foi enviada de Roma, pois Babilônia é o nome camuflado de Roma. Em abril de 65 Nero tinha mandado incendiar a sua capital. Depois culpou os cristãos pelo incêndio, pois a influência deles no seu palácio estava começando a incomodar o imperador. J. A. T. Robinson acha que em 4.12 há uma referência a esse evento, e que em 5.8 há uma indicação de Nero. Ele crê que Pedro imaginou que as perseguições alcançaram os cristãos até na Ásia Menor, e, por isso, escreveu essa carta de encorajamento às igrejas de lá. A carta chegou aos seus receptores por meio de Silvano (5.12). A tensão perceptível na carta não seria de perseguição aberta, mas da situação de dificuldade sob Nero, um imperador vingativo. A perseguição real dos cristãos teria vindo sobre os cristãos em Roma em 67/68 d.C.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Como mostra o índice, o livro trata da vida dos cristãos em uma sociedade estranha e desconhecida. O objetivo do apóstolo é que as igrejas se firmem como povo de Deus. Isso deve se mostrar no relacionamento dos cristãos uns com os outros, mas também no comportamento deles em público. Eles já não pertencem a si mesmos, mas ao seu Senhor, que deu a sua vida por eles. Isso os leva necessariamente à convivência marcada pelo amor e ao serviço com a capacitação dos dons do Espírito.

Entretanto, também no mundo em que vivem é preciso mostrar a quem pertencem. Ao Estado, que Pedro — diferentemente de Paulo — chama de criação humana, devem mostrar respeito. Isso vale também para os escravos cristãos, que têm senhores um tanto estranhos. Todo aquele que perguntar aos cristãos sobre a sua fé em Jesus Cristo, deve receber uma resposta clara.

Isso vale também para a situação em que o mundo à sua volta for hostil, pois, da mesma forma que o Senhor amava os seus inimigos, os seus seguidores também devem exercer o amor aos inimigos. O apóstolo ajuda as igrejas a perceberem que perseguição não é algo extraordinário, mas é o normal. Não poderia ser diferente para os que amam a Cristo. Por isso as igrejas devem se preparar para épocas de perseguição. Para alguns, o período do sofrimento já começou. Estes o apóstolo consola e encoraja à perseverança.

Para um cristianismo que já se sente em casa nesse mundo e que, de preferência, foge das dificuldades, o tom dessa carta parece um tanto áspero. Ele acaba com a ilusão de que, se os cristãos tão somente tiverem a doutrina correta, no final alcançarão o mundo todo com o evangelho. A igreja de Jesus Cristo não recebeu essa promessa. Ela sempre será uma minoria. Isso faz parte da sua identidade. A questão é se ela quer aceitar isso, e sofrer as consequências. Visto dessa forma, a carta é um desafio para a igreja de Jesus Cristo e pode ajudá-la a proteger a sua identidade como povo de Deus mesmo em terra estranha.

G. UNIDADE

A carta é um escrito uniforme sem rupturas visíveis.

H. AUTORIA

A informação que a carta dá sobre si mesma é clara: Pedro, o apóstolo de Jesus Cristo, é o seu autor. Apesar disso, as opiniões sobre a autoria são bastante divergentes.

W. G. Kümmel escreve a respeito disso: "Por isso, a primeira carta de Pedro é, sem dúvida, um escrito pseudônimo, mas a pseudonímia só é exercida no âmbito da carta, e mesmo aí, com muito cuidado."² Ele considera essa carta uma obra de autor cristão desconhecido do primeiro século (90-95), que queria honrar o apóstolo Pedro e fazer uso da autoridade dele no cabeçalho da carta.

Por que Kümmel rejeita o apóstolo Pedro como autor?

Visto que no NT os apóstolos Pedro e João — ex-pescadores do lago Genesaré — foram considerados homens iletrados (At 4.13), e que essa carta foi escrita em linguagem de uma pessoa muito culta do mundo helenístico, seria impossível imaginar que Pedro tivesse essa capacidade literária. Além disso, a carta, em vários aspectos, teria inclinações para as posições do apóstolo Paulo, o que não seria de se esperar em virtude da tensão que havia entre os dois apóstolos (cf. Gl 2.12ss). Finalmente, argumenta Kümmel, não é possível perceber na carta que o autor acompanhou a Jesus por três anos pela Palestina. Também a situação de perseguição, anunciada por 1 Pedro, só teria ocorrido ao final do primeiro século sob Domiciano.

Mesmo que esses argumentos pareçam muito evidentes, são rejeitados de forma igualmente clara.

J. A. T. Robinson diz: "O que posso dizer no final de tudo é, simplesmente, que não achei nada substancial que enfraqueça a opinião de que a carta, independentemente de quem a escreveu, foi escrita durante a vida de Pedro e que ele estava, no verdadeiro sentido da palavra, 'por trás' dela. Com base nisso, não vejo nas evidências do

estudo da autoria razão alguma para mudar a afirmação antiga que situa a redação da carta no final de abril de 65."³ Como Robinson chega a essa conclusão?

Ele se refere ao contexto acima descrito da perseguição de Nero. O apóstolo, ele mesmo vítima dos acontecimentos em Roma, teria tido a intenção de avisar os cristãos na Ásia Menor enquanto era tempo.

Como podemos decidir entre essas posições antagônicas sobre a autoria da carta? Eu parto do ponto de que a própria carta reivindica a autoria de Pedro. Visto que em princípio dou todo o crédito a declarações do NT, seriam necessários argumentos muito sérios para que eu questionasse essa reivindicação que a carta faz sobre o seu autor. Entretanto, não é possível encontrar esses argumentos. Pelo contrário, os autores do NT consideravam pseudonímia engano aos leitores e, por isso, era fortemente criticada (cf. 2Ts 2.1-2). O argumento da falta de habilidade linguística de Pedro também não é convincente, pois "apesar das limitações na formação que Pedro ainda tinha logo depois de Pentecostes (At 4.13), é impensável que ele tenha exercido um ministério de liderança em Antioquia ou mesmo em Jerusalém — quem dirá em Roma — sem o uso do grego", diz J. A. T. Robinson.⁴ Uma inclinação geral das suas ideias para Paulo está fora de questão. Certamente há semelhanças em alguns aspectos, que, no entanto, não são temas típicos para Paulo. Especificamente no assunto da relação entre o cristão e o Estado, Pedro tem outras ênfases (cf. 2.13-17 com Rm 13.1-7). Além do mais, ele não poderia ter conhecido a carta aos Romanos e ter confirmado os seus princípios? Sobre o fato de que Pedro não fala da sua convivência de três anos com Jesus, J. A. T. Robinson observa corretamente: "Essa é uma expectativa muito subjetiva. Ironicamente, a autenticidade da segunda carta de Pedro é questionada exatamente porque faz referência explícita a essa

convivência."

Visto que os argumentos contra a autoria de Pedro não são convincentes, defendo a posição de que essa carta foi escrita pelo apóstolo Pedro.⁶ Provavelmente ele deu muita liberdade na formulação final da carta (5.12), o que pode explicar as semelhanças com as cartas de Paulo.

I. DESTINATÁRIOS

A carta foi dedicada "aos eleitos que são forasteiros". Isso se refere certamente a cristãos que já não consideram esse mundo a sua pátria (cf. 3.20). Todas as indicações de local apontam para a Ásia Menor. Os receptores são, portanto, igrejas cristãs na Ásia Menor.

Algumas observações da carta deixam claro que os receptores não podem ser cristãos-judeus (cf. 1.14,18; 2.9s; 4.3s). São, portanto, igrejas de cristãos-gentios na Ásia Menor, que o apóstolo trata como membros do verdadeiro povo de Deus.

J. LOCAL E DATA

A carta foi provavelmente escrita em torno do ano 65, em Roma. As observações acima falam a favor disso.

CAPÍTULO 18

EPÍSTOLAS GERAIS – SEGUNDA CARTA DE PEDRO

A. CONTEÚDO

Essa é a carta mais contestada e polêmica do NT. Não pelo seu conteúdo, pois os temas tratados — eleição e chamado, a transfiguração de Jesus, palavra da profecia, o combate a heresias provavelmente gnósticas, a volta de Jesus e o fim dos tempos — cabem muito bem no todo do NT. O que é questionado é, se esta carta pode, de fato, vir de Pedro. Em virtude disso, a questão sobre o autor vai ocupar o maior espaço na nossa apresentação.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-2	Cabeçalho	
1.3-15	Firmem o seu chamado e a sua vocação!	
1.16-21	A transfiguração e a palavra profética	1.19,21
2.1-22	Combate a falsos mestres gnósticos como em Judas	
3.1-13	A volta de Jesus e o fim dos tempos	3.13
3.14-18	Conclusão da carta: exortações finais e saudações	

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Temos assim tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vossos corações. 2a Pedro 1.19

Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens [santos] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo. 2Pedro 1.21

D. GÊNERO LITERÁRIO

O escrito é uma carta apostolar aberta a todos os cristãos. Destaca-se por uma linguagem marcada pelo mundo do helenismo. Mais observações sobre esse aspecto são feitas na parte que trata do autor. Nenhum outro escrito do NT é tão fortemente influenciado pelo helenismo.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

Como já foi mencionado acima, a maioria dos eruditos contesta a autoria de Pedro para essa carta. Além das observações sobre a carta em si, das quais ainda falaremos, o testemunho da igreja antiga recebe o maior peso nessa questão. No século II essa carta não é mencionada por ninguém, nem pelos apologetas, nem por Irineu, Tertuliano, Cipriano, Clemente de Alexandria, nem pelo Cânon Muratóri. A primeira testemunha confiável da carta é Orígenes. A carta só foi aceita no cânon bem tarde, por ser finalmente reconhecida como apostólica.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Próximo da sua morte (1.13-15), o autor se dirige às pessoas a ele confiadas para desafiá-las a uma vida que corresponda ao seu chamado e à eleição da fé em Jesus Cristo. Uma vida assim é caracterizada por virtudes, conhecimento, moderação, piedade, amor fraternal e amor a todos os homens. Essa vida não acontece por si só, mas precisa ser mantida por meio de estímulos constantes.

Além do tema da santificação, é tratado também o assunto da certeza da revelação de Deus em Jesus Cristo. O autor firma esse assunto em dois fatos: no seu testemunho pessoal (ocular) da transfiguração de Jesus, na qual ele ouviu com os seus próprios ouvidos a voz de Deus, e na palavra profética dada pelo Espírito de Deus. Ela é a Palavra de Deus, reproduzida em palavras humanas (2Pe 1.21).

Um capítulo inteiro é dedicado ao conflito com os falsos mestres (provavelmente gnósticos; capítulo 2), que se caracterizam pelo desprezo das forças celestiais e pela vida desregrada. O capítulo é uma prova de que confusão religiosa e ética muitas vezes anda junta.

A carta finaliza com uma lembrança vigorosa da volta de Jesus, que não é questionada pela demora ocorrida. Ela vai ocorrer repentinamente, trazer o fim do mundo por meio da destruição pelo calor e introduzir o novo céu e a nova terra de Deus. A carta não nos dá uma sequência dos fatos do fim dos tempos. Todos os eventos do fim parecem estar amarrados a um acontecimento em um ponto definido no tempo.

G. UNIDADE

Com base no conteúdo, na linguagem e no estilo concluímos que a carta é o documento de um só autor. O capítulo dois apresenta dificuldades por ser muito semelhante à carta de Judas. Ainda precisa ser mais

analisado esse aspecto, para se poder falar em dependência literária, e, se esse for o caso, quem dependeu de quem.

H. AUTORIA

Nessa questão parto da reivindicação que a carta faz sobre o seu autor, apresento os argumentos contra essa posição e os testo para verificar o seu poder de persuasão.

1. A REIVINDICAÇÃO DA CARTA

W. G. Kümmel diz: "A carta reivindica clara e explicitamente ter sido escrita pelo apóstolo Pedro." Isso pode ser visto nos seguintes trechos:

O cabeçalho cita o remetente como "Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo". Com base em 1.16-18 sabemos que ele esteve no monte da transfiguração e ouviu a voz do céu. De acordo com 3.15 ele está no mesmo degrau do seu "querido irmão Paulo", de cujas cartas até comenta que contêm "certas cousas difíceis de entender" (3.16). Provavelmente já escreveu uma primeira carta aos seus leitores (3.1): será que é 1 Pedro? Ao escrever a segunda carta não lhe resta muito tempo de vida. Ele passa aos leitores o seu testemunho espiritual (1.13-15).

O leitor imparcial precisa chegar à conclusão de que o apóstolo Pedro escreveu essa carta antes do seu martírio.

2. ARGUMENTOS CONTRA A AUTORIA APOSTÓLICA

Citemos mais uma vez W. G. Kümmel. Ele diz: "Mas é impossível que Pedro tenha escrito essa carta." Kümmel alista os seguintes

argumentos:

É impossível ignorar os diversos pontos de contato e semelhanças entre 2Pedro 2 e a carta de Judas. Em vários trechos até parece que Pedro depende de Judas. Enquanto 2Pedro 2.11 só fala por meio de indicações, o contexto geral é compreensível com base em Judas 9. Algo semelhante vale para a relação entre 2Pedro 2.17 e Judas 12s. Por outro lado, há diferenças também entre 2 Pedro e Judas. Enquanto Judas cita dos livros apócrifos sem inibição, 2 Pedro é mais reservada. Apesar disso, os paralelos não podem ser ignorados. Com base em Judas 17, esta carta parece datar da época pós-apostólica. Se isso for verdade, e 2 Pedro depender de Judas, 2 Pedro não pode ter sido escrita por Pedro. É evidente que a relação entre 2 Pedro e Judas ainda necessita de melhores esclarecimentos.

Ainda segundo Kümmel, o que oferece dificuldades especiais, é a cosmovisão e a linguagem helenística. A segunda carta de Pedro é o escrito que mais longe penetrou no mundo helenístico. Seguem alguns exemplos disso.

Em 1.3 lemos a expressão "... daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude." Virtude é uma palavra comum no helenismo, mas não no judaísmo. Da mesma forma a virtude tem importância fundamental para a vida na fé (1.5). Outra palavra-chave do helenismo é conhecimento. Ocorre várias vezes nessa carta (1.2s,6,8; 2.20; 3.18). É estranha a ideia de que, pela promessa de Deus, os cristãos se tornam "coparticipantes da natureza divina" (1.4). Essa cosmovisão e linguagem devem ter sido estranhas para uma pessoa da Palestina. Nem na primeira carta de Pedro é encontrada.

Kümmel continua dizendo que é difícil de explicar como, durante o

tempo de vida do apóstolo, se zombou tanto sobre a demora da volta de Jesus — como está em 3.3s — se ao mesmo tempo é mencionado que os pais já morreram. Que pais seriam esses se não os apóstolos?

Parece também que já havia na época uma coletânea de cartas paulinas, às quais o autor podia se referir e que ele de fato comenta (3.16). A esse NT em formação cabia também a declaração sobre as Escrituras Sagradas (1.21).

Na mesma linha ainda, a alusão à transfiguração reforça a suspeita de pseudonímia, pois era dessa forma que os pseudônimos fora do NT tentavam demonstrar a sua autenticidade.

3. ARGUMENTOS A FAVOR DA REIVINDICAÇÃO DA CARTA

Há poucos eruditos do NT que aceitam essa carta como apostólica. Entre eles está J. A. T. Robinson. Ele calcula que essa carta foi enviada por Pedro às igrejas de cristãos-judeus na Ásia Menor nos anos 61/62.⁴ Ele explica a semelhança com a carta de Judas com a hipótese de que Judas foi secretário de Pedro.

Ele fundamenta a sua posição nos seguintes argumentos:

As diferenças entre 1 Pedro e 2 Pedro exigem a participação de um secretário. Por outro lado, não é possível considerar 2 Pedro um pseudoepígrafo porque a diferença entre esta carta e os outros pseudoepígrafos é muito grande.

É verdade que há uma relação entre Judas e 2 Pedro que não pode ser ignorada, mas não se pode falar em dependência. A heresia combatida em 2 Pedro também pode ser encontrada nas Cartas Pastorais e em Efésios e Colossenses. De qualquer forma, havia uma semelhança maior com essas heresias do que com as que

abalaram a igreja no século II.

Robinson continua argumentando que o vocabulário é encontrado também no judaísmo helenístico. Por aí poderia ter entrado nas igrejas cristãs. Além disso, a carta não faz menção alguma da morte de Tiago e da destruição de Jerusalém. Tampouco anuncia um contexto de perseguição, o que teria sido inevitável no final do primeiro século.

De todas essas considerações Robinson tira a conclusão já mencionada de que Judas escreveu essa carta por incumbência de Pedro.

Segundo Robinson, as indicações de pseudonímia não são convincentes. O trecho sobre a transfiguração não tem semelhança com a história de Marcos, a não ser pela escolha do "santo monte". No apocalipse pseudepígrafo de Pedro isso é bem diferente. Em relação à menção de carta anterior (3.1 s), isso não queria dizer a primeira carta de Pedro, mas a de Judas. A observação sobre os pais que já morreram (3.3s) enfatiza a situação do momento: uma geração já morreu desde a ressurreição de Jesus. E a referência das cartas de Paulo não pressupunha uma coletânea de cartas (3.15ss), mas era na verdade a tomada de posição de um contemporâneo seu.

4. CONCLUSÃO

Na questão da autoria dessa carta vai ser muito difícil chegarmos a uma conclusão segura na reflexão sobre os argumentos a favor e contra a reivindicação da carta sobre o seu autor.⁵ De qualquer maneira, a conclusão negativa não é tão evidente quanto geralmente parece nas introduções.

Nessa introdução eu decidi dar crédito preferencialmente às reivindicações que os livros do NT fazem sobre si mesmos. Isso vale também para 2 Pedro. Entendo que ela é o testamento espiritual do apóstolo Pedro, que ele registrou por meio de um irmão de confiança. Por causa da proximidade entre as duas cartas, o secretário pode ter sido Judas.

I. DESTINATÁRIOS

O cabeçalho exclui um grupo limitado de leitores. A carta é dirigida a todos os cristãos.

J. LOCAL E DATA

Enquanto via de regra 2 Pedro é visto como um escrito do século II, defendo a tese de que ele é o testamento espiritual do apóstolo Pedro. Assim sendo, deve ter sido escrito em Roma por volta de 65 d.C.

CAPÍTULO 19

EPÍSTOLAS GERAIS – PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

A. CONTEÚDO

Essa carta se caracteriza por uma estrutura incomum, pelo conteúdo extraordinário, pela argumentação contra uma frente de falsos mestres e pela proximidade em linguagem, estilo e teologia ao evangelho de João. Isso será detalhado logo abaixo.

A estrutura incomum já mencionada se caracteriza pela apresentação tripla de cada tema importante da carta: a comunhão com Deus, a vitória sobre o pecado, o amor a Deus e a obediência aos mandamentos, o amor ao irmão, a vitória sobre o mundo, o anticristo e a declaração de fé sobre Jesus. Isso aparece logo após o prólogo em três sequências repetidas dos temas citados.

B. DIVISÃO, VERSÍCULOS-CHAVE

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-4	Prólogo Testemunhas oculares transmitem a revelação de Deus em Jesus Cristo	
1.5—2.27	A primeira sequência de temas	

1.5-7	Comunhão com Deus	
1.8—2.2	Vitória sobre o pecado	1.8s; 2.1s
2.3-6	O amor a Deus e a obediência aos seus mandamentos	
2.7-11	O amor ao irmão	
2.12-17	Vitória sobre o mundo	2.17
2.18-27	O anticristo e a declaração de fé sobre Jesus	2.22
2.28—4.6	A segunda sequência de temas	
2.28—3.2	Comunhão com Deus	3.1s
3.3-10	Vitória sobre o pecado	3.8
3.11-18	O amor ao irmão	
3.19-24	Comunhão com Deus e a obediência aos seus mandamentos	3.19s
4.1-3	O anticristo e a declaração de fé sobre Jesus	4.2s
4.4-6	A vitória sobre o mundo	
4.7—5.12	A terceira sequência de temas	
4.7-10	O amor de Deus por nós por meio de Jesus Cristo	4.10
4.11-21	O amor de Deus e amor ao irmão	4.16-19,21
5.1-5	O amor a Deus e a obediência aos seus mandamentos	5.4
5.6-12	O testemunho de Deus sobre o Filho	
5.13-15	Comunhão com Deus e oração	
5.16-18	Vitória sobre o pecado	
5.19-21	Vitória sobre o mundo	

Por meio dessa visão panorâmica vemos que os temas não são repetidos

de forma igual nas três sequências. A repetição parece ter sido usada para aprofundar algumas convicções. Isso inclui também a variação dos temas.

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. 1João 1.8-9

Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro. 1João 2.1b-2

Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus. 1João 3.1a

Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo. 1João 3.8b

Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não precede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo. 1João 4.2,3a

D. GÊNERO LITERÁRIO

O leitor de 1 João nota algumas peculiaridades. A carta não tem cabeçalho. Não são citados o remetente nem os destinatários. A costureira saudação também falta. Em vez disso o autor inicia com um prólogo de grande densidade teológica, que pela linguagem e forma nos

faz lembrar o prólogo do Evangelho de João.

No final faltam também as notícias — muitas vezes pessoais —, saudações e bênção como as encontramos em outras cartas.

É verdade que o autor faz relação entre o que escreve e a situação dos leitores, mas não é possível reconhecer uma situação concreta de igreja local como a de Corinto ou

Colossos. O que é sublinhado na carta são as ameaças às igrejas cristãs. Isso leva à conclusão de que esta não é uma carta no sentido habitual. O que é então?

Neste livro, na introdução às cartas do NT, descrevemos a epístola como forma literária, que contém certo tipo de dissertações. Continuando aquela sequência de explicações, poderíamos perguntar se 1 João não é um tratado, um manifesto a todos os cristãos, ou seja, um tratado teológico em forma de carta.

Um fator contra isso é que o autor trata os seus leitores de forma muito pessoal como filhos (2.1,12,14) e amados (2.7; 3.2,21), a quem ele exorta de forma pastoral (2.18ss). Esse aspecto mostra que a carta é, na verdade, uma série de sermões do autor aos destinatários, que, no entanto, ele não pôde transmitir oralmente e por isso os registrou de forma escrita. Esses sermões se tornaram um escrito, como se torna evidente em 1.4; 2.1,13s,26; 5.13).

Percebemos, assim, que 1 João é um sermão de exortação e encorajamento, transmitido de forma escrita.

E. CONTEXTO HISTÓRICO

A carta adverte explicitamente em vários trechos sobre pessoas que querem seduzir a igreja (2.26; 3.7; 4.1,4,6). Elas são chamadas de

anticristos que se afastaram da igreja, mas que na verdade nunca pertenceram realmente a ela (2.18s).

O conflito com esses enganadores é perceptível por toda carta como uma linha vermelha. Afirmam que são sem pecados (1.8,10), mas a sua vida mostra o contrário. Até se orgulham de conhecerem a Deus, mas vivem de acordo com as suas próprias concepções (2.4). Orgulham-se também de sua comunhão com Deus, mas não levam a sério as orientações de Deus para a sua vida (1.6). Com os lábios professam a Deus, mas ao mesmo tempo odeiam os seus irmãos na fé (4.20). Falam muito do Espírito (4.1), mas há dúvidas razoáveis, se é de fato o Espírito Santo, pois a sua profissão de fé em Jesus Cristo é questionável (4.1-3). Rejeitam a verdadeira encarnação do Filho de Deus. Por tudo isso o autor vê que ensinamentos anticristãos estão tomando conta deles (2.22s; 4.15; 5.5,10ss).

Por meio de falsos ensinamentos sobre Jesus chegaram a uma vida religiosa falsa. As características mencionadas, quando analisadas uma a uma, indicam para o gnosticismo na sua origem, que aqui já incorporou o ensino sobre Jesus Cristo.

F. ÊNFASES TEOLÓGICAS

Tanto esse livro quanto o Evangelho de João tomam posição contra a heresia gnóstica.

Na profissão de fé no Filho de Deus encarnado é possível reconhecer o verdadeiro cristão, como também é possível reconhecer o anticristo pela negação da encarnação do Filho de Deus (4.15; 5.1,5). Somente pelo fato de o Filho de Deus ter se tornado homem, foi possível que, pela sua morte, se tornasse o nosso salvador; portanto, também aquele que nos liberta de toda a culpa (1.7; 2.1s; 3.16). Todo aquele que

experimentou o amor de Deus por meio de Jesus Cristo e encontrou a salvação pela fé em Jesus, obedece aos mandamentos de Deus por amor, como também ama os seus irmãos na fé (2.9-11; 3.7,10,17; 4.20).

Essa carta é, portanto, uma exortação bem atual, que desafia a Igreja de Jesus Cristo a uma profissão de fé inequívoca sobre o Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo. Esse aspecto é extremamente relevante em uma época em que o diálogo entre as religiões acusa essa profissão de fé de intolerância.

A carta ajuda a Igreja de Jesus Cristo a não se perder em idealizações sobre o ser cristão. Ela orienta os cristãos a confessarem como fracasso aquilo que Deus vê como fracasso: o pecado, que precisa de perdão. Essa visão realista da fé liberta de todos os esforços insensatos de piedade e de toda hipocrisia.

Como muitos livros do NT, essa carta também reforça a relação inseparável entre fé e amor. A fé em Jesus Cristo se torna convincente quando desemboca numa vida marcada pelo amor.

G. UNIDADE

Não há rupturas nesse escrito. É um tratado coeso e uniforme dos temas descritos.

H. AUTORIA

O livro não menciona, nem faz indicações sobre o seu autor. Tampouco a igreja antiga, nos escritos de Irineu e do Cânon Muratóri, nos traz informações seguras sobre o autor. Muitos eruditos creem que a primeira carta de João e o evangelho de João foram escritos pelo mesmo autor. Há algumas razões para isso.

Já foi mencionado que a carta, como também o evangelho, começa com um prólogo. Termos usados, estilo e sequência de ideias são semelhantes. Também a mensagem da carta corresponde à do evangelho, principalmente no que diz respeito ao combate do gnosticismo. Com base nisso, deveria valer para o autor a conclusão a que chegamos no evangelho: trata-se de João, filho de Zebedeu. A favor disso está especialmente o fator da testemunha ocular, cuja obra foi editada por um de seus discípulos.

Contra essa opinião foi dito a partir do século XIX que há diferenças teológicas significativas entre a carta e o evangelho, que levariam à conclusão de autores diferentes. Enquanto o evangelho defende uma escatologia presente (ou seja, a salvação do final dos tempos é esperada no presente), a carta fala de uma escatologia futura (a salvação do final dos tempos é esperada para o futuro; 2.28; 3.2; 4.17). Já foi mencionado, entretanto, que o evangelho também fala de escatologia futura (cf. Jo 5.29; 12.48; 14.3).

Argumenta-se ainda que o evangelho não fala da morte expiatória de Jesus, que é tratada na carta (1.7,9; 2.2; 4.10). Em relação a esse aspecto já evidenciamos a posição do evangelho (cf. Jo 1.29; 3.14ss; 6.51b; 12.24).

Com base nessas considerações e na análise detalhada das teses que se opõem a isso, Kümmel chega à seguinte conclusão: "Se, com base nisso, não temos argumentos suficientes para aceitarmos outro autor de 1 João, que não seja o do evangelho, para o autor de 1 João só podemos nos basear nas informações que temos sobre o autor do Evangelho de João."

Defendem a autoria apostólica apesar da presente discussão em torno da "escola joanina", que supostamente produziu o Evangelho de João e as cartas⁷ os seguintes autores: D. A. Carson & D. J. Moo & L. Morris

e D. Guthrie.

I. DESTINATÁRIOS

Os destinatários estão nas igrejas que estavam combatendo as heresias gnósticas. Já houve divisões (2.19), que o autor não lamenta, pois crê que foram inevitáveis. Apesar disso, essas igrejas ainda estão ameaçadas, pois são advertidas severamente contra as heresias e suas consequências. Não podemos saber se essas igrejas eram de cristãos-judeus ou cristãos-gentios. De qualquer modo, os destinatários estão bem familiarizados com a língua grega.

J. LOCAL E DATA

Com base nas informações que temos, é impossível fazermos afirmações sobre o local de redação dessa carta.

Visto que, de acordo com W. G. Kümmel, o Evangelho de João foi escrito no final do primeiro século, 1 João pode ter sido escrito entre 90 e 110. O que é certo é que 1 João foi escrita depois do Evangelho.

Se alguém colocar o Evangelho em época mais antiga, como Robinson, também vai determinar uma data mais antiga para a carta. Robinson a coloca na década de 60 d.C. Os estudiosos que, como nessa introdução, preferem deixar aberta a questão da data do Evangelho de João, precisam deixar aberta também a data de 1 João. Com base nas informações de que dispomos, há muitos argumentos a favor do final do primeiro século, mas a década de 60 também não está excluída.

CAPÍTULO 20

EPÍSTOLAS GERAIS – SEGUNDA CARTA DE JOÃO

A. CONTEÚDO

Essa carta pertence, juntamente com 3 João, que ainda vai ser analisada, ao conjunto de escritos joaninos (juntamente com o Evangelho de João e 1 João). Queremos considerar brevemente o seu conteúdo, o gênero literário, a sua mensagem e o autor.

Essa carta trata de dois temas: o autor estimula os leitores a uma vida com amor, que se evidencia na obediência aos mandamentos. Ele também adverte os leitores sobre aqueles que tentam seduzir as pessoas com falsos ensinamentos sobre Jesus.

B. DIVISÃO

Essa carta tão breve apresenta uma divisão clara e facilmente perceptível.

Divisão	
1-3	Cabeçalho
4-6	Exortação para uma vida na verdade e no amor
7-11	Advertência contra enganadores anticristãos
12-13	Conclusão da carta: votos e saudação

C. GÊNERO LITERÁRIO

O conteúdo caracteriza esse escrito como uma verdadeira carta. No cabeçalho o autor se identifica como o ancião (presbítero), que endereça a sua carta à "senhora eleita e aos seus filhos". Essa expressão pode ter significado uma senhora idosa com os seus filhos da igreja antiga. Mesmo assim, essa saudação é estranha.

É mais provável que, em vez disso, a saudação tenha sido dirigida a uma igreja com os seus membros. Da mesma forma, no final da carta, a expressão "irmã" é linguagem figurada para a igreja, na qual o presbítero vive e trabalha. Uma linguagem com tom político é aplicada à Igreja de Jesus Cristo.

Após a saudação inicial, o ancião apresenta os seus assuntos à igreja. Além desses assuntos, ele ainda tem muito que compartilhar com a igreja, mas o fará "de viva voz" numa visita que lhes fará em breve (12).

W. G. Kümmel diz a respeito dessa carta e de 3 João: "Nenhuma outra carta do NT, nem mesmo Filemom, é tão claramente uma carta pessoal helenista quanto 2 e 3 João. As duas são cartas de verdade."

D. ÊNFASES TEOLÓGICAS

A mensagem da carta nos faz lembrar 1 João. Os cristãos na igreja receptora são incentivados a amarem uns aos outros e a obedecerem, dessa forma, aos mandamentos de Deus. Esse é o mandamento que foi dado à igreja de Jesus Cristo desde o início.

A igreja é também advertida contra os falsos mestres, que negam que Jesus Cristo era verdadeiro homem. Eles são denominados o anticristo.

Para a sua segurança e proteção, os cristãos não devem permitir que esses falsos mestres entrem nas suas casas; não devem nem cumprimentá-los.

Evidentemente, em 2 João estamos diante dos mesmos falsos mestres supostamente gnósticos, contra os quais 1 João já se posicionou. A linha divisória entre eles e o verdadeiro cristianismo é afirmada da mesma forma que na outra carta.

E. AUTORIA

Quem é o ancião que diz ser o autor da carta? Foi sugerido que se trata do presbítero João, que Papias cita além de João, filho de Zebedeu. Mas não podemos afirmar isso com certeza.

É mais provável que somente o apóstolo João tivesse a liberdade de se apresentar dessa forma a uma igreja. De qualquer maneira, ele era a autoridade da igreja no final do primeiro século. A favor disso está o aspecto de que já no Evangelho ele somente indica a sua autoria. Na primeira carta ela nem é mencionada. Aqui ele faz uso de uma expressão, que possivelmente foi imediatamente reconhecida pelos destinatários, mas evita novamente a menção do seu nome.

Os paralelos com 1 João e com o Evangelho de João indicam que o ancião ("presbítero") dessa carta seja também o autor dos escritos citados. Os estudiosos que, portanto, aceitarem João, filho de Zebedeu, como autor do Evangelho e da primeira carta, aceitarão também o ancião como o apóstolo.

CAPÍTULO 21

EPÍSTOLAS GERAIS – TERCEIRA CARTA DE JOÃO

A. CONTEÚDO

O que foi dito sobre a forma e autoria de 2 João vale também para essa carta e por isso não é repetido.

O destinatário e a razão da carta são diferentes. Vamos tratar desses assuntos brevemente.

B. DIVISÃO, AFIRMAÇÕES-CHAVE

1	Cabeçalho
2-4	Alegria pela vida de Gaio na verdade
5-8	Elogio da hospitalidade de Gaio
9-10	Crítica a Diótrefes por ter impedido a hospitalidade
11-12	Incentivo a fazer o bem e elogio a Demétrio
13-15	Conclusão da carta: Notícias, voto de paz e saudações

C. AFIRMAÇÕES-CHAVE

Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade. 3João 4

D. DESTINATÁRIOS E MOTIVO

O receptor Gaio, de quem não temos outras notícias no NT, é evidentemente um homem de grande influência na igreja. Ele é caracterizado pela hospitalidade especial em relação a evangelistas itinerantes. O ancião ("presbítero") lhe agradece essa atitude e o incentiva a continuar agindo assim, pois esse tipo de vida provém da verdade e promove a verdade.

Ao mesmo tempo, o ancião lamenta o fato de Diótrefes estar falando mal dele; não é hospitaleiro e impede outros de o serem expulsando-os da igreja. O autor vai chamar esse homem à responsabilidade na visita que logo fará à igreja.

Com base nesse motivo, constatamos que 3 João é uma carta pessoal e intimamente ligada a uma situação específica. Mesmo assim, contém um princípio geral muito importante.

CAPÍTULO 22

EPÍSTOLAS GERAIS – CARTA DE JUDAS

A. CONTEÚDO

Pouco valor é dado à última das cartas do NT. A não ser pela questão da autoria de 2 Pedro, ela tem pouca expressão na interpretação do NT. Isso pode estar relacionado ao seu conteúdo, que é influenciado pela tradição do judaísmo daquela época mais do que qualquer outro escrito do NT. Por isso, despreocupadamente se fazem menções de escritos judaico-apocalípticos como da Ascensão de Moisés (cf. v. 9) e do Apocalipse de Enoque (v. 14) como também a lendas judaicas (v. 9,11). Para muitos leitores atuais da Bíblia, aquele é um mundo totalmente estranho. Inutilmente buscam evidências para os fatos citados no AT.

B. CONTEÚDO, DIVISÃO, VERSÍCULO-CHAVE

Nos parágrafos abaixo, queremos dar uma visão geral do conteúdo da carta, esclarecer a forma literária e analisar a questão da autoria.

1-2	Cabeçalho
3-4	Cuidado com os falsos mestres que se infiltraram na igreja!
5-7	A história mostra o juízo de Deus sobre essas pessoas

8-10	Desprezam toda autoridade e difamam autoridades angelicais
11-13	Na sua vida desregrada são semelhantes a Caim, Balaão e Coré
14-16	Já Enoque anunciou o juízo de Deus sobre eles
17-19	Os apóstolos já advertiram contra esses falsos mestres
20-23	Continuem firmes na fé recebida; orem no Espírito Santo; tenham misericórdia dos que estão em perigo!
24-25	Doxologia

A doxologia no final da carta é digna de ser memorizada (vv. 24-25).

C. GÊNERO LITERÁRIO E DESTINATÁRIOS

Mesmo apresentando um cabeçalho típico, é difícil caracterizar Judas como uma carta escrita a um grupo definido de leitores de uma igreja. Parece mais uma carta aberta enviada aos cristãos-judeus no ambiente helenístico, que o autor via ameaçados em virtude da influência dos falsos mestres gnósticos. A característica principal deles é a grande liberdade ética, como aquela que já estava colocando em perigo a igreja de Corinto. Há semelhanças também com as Cartas Pastorais e com algumas cartas abertas do Apocalipse. A semelhança com 2 Pedro já foi analisada anteriormente.

A novidade na carta de Judas é que esses falsos mestres não temem nenhum tipo de autoridade, nem os poderes angelicais e nem mesmo o próprio Deus. Com os seus discursos estão provocando divisões nas igrejas.

Tudo indica que esse escrito de Judas seja uma carta aberta às igrejas judaico-cristãs helenistas, que adverte os seus leitores contra o gnosticismo que está destruindo as igrejas e também tem a intenção de

proteger os cristãos do estilo de vida libertino apregoados pelos gnósticos. O autor pressupõe que os leitores tenham conhecimento não só do AT, mas também das tradições judaicas extra bíblicas que ele usa na sua argumentação.

D. AUTORIA

Já no cabeçalho vemos que a carta foi escrita por Judas, um servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago. A conclusão é de que se trata de um irmão de Jesus (cf. Mt 13.55; 6.3), porque além de Tiago, filho de Zebedeu, que morreu já bem cedo como mártir, só existia um Tiago com autoridade na igreja da época, o irmão de Jesus (cf. Tg 1.1; Gl 1.19; 2.9; 1Co 15.7).

Entretanto, há questionamentos em relação a essa posição. Por que Judas se apresenta como "servo de Jesus Cristo" e não como irmão do Senhor? Por que ele não se fundamenta na autoridade de Jesus nas suas admoestações e sim, em vez disso, no ensino dos apóstolos (v. 17), a quem ele ainda chama de "apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo"? Isso tudo é somente questão de elegância estilística e modéstia?

Apesar de tudo isso, o cabeçalho com a reivindicação da autoridade de Tiago permanece como forte argumento a favor do irmão de Jesus, Judas. Todavia, não sabemos muito mais acerca desse irmão do Senhor do que a suspeita bem fundamentada de que ele escreveu a segunda carta de Pedro como secretário ou encarregado desse apóstolo.

Na igreja antiga essa carta era reconhecida como canônica. Tertuliano e Clemente de Alexandria atestam isso. Também foi aceita no Cânon Muratóri. Mais tarde ela foi colocada entre os escritos disputados.

A insegurança surgiu em virtude do uso que Judas fez de escritos apócrifos.

E. DATA

A favor de uma datação antiga na década de 60 está o fato de que ele não menciona a morte do seu irmão Tiago (66 d.C.), nem a destruição de Jerusalém (70 d.C.), o que seria de se esperar.

BIBLIOGRAFIA

GEISLER, Norman e NIX, William. Introdução bíblica. São Paulo: Vida, 2006.

LASSUS, Jean. A Arte Cristã. Ecclesia. Página visitada em 23 de Junho de 2010.

ROBINSON, John. Redating the New Testament. Wipf & Stock Publishers, 2000.

LINDEBERG, Carter. Uma breve história do cristianismo. São Paulo: Loyola, 2008.

KENT, Grenville e RODIONOFF, Philip. O Código Da Vinci e a Bíblia: seria o cristianismo a maior fraude da história? Tatuí: CPB, 2006.

BOCK, Darrell L. Quebrando o Código Da Vinci. Osasco: Novo Século, 2004.

GUEDES, Ivan (09 de julho de 2008). Os Livros Questionados e/ou Antilegomena. Blog Reflexão Bíblica. Página visitada em 23 de Junho de 2010.

GEISLER, Norman e NIX, William. A Extensão do Cânon do Novo Testamento Introdução Bíblica. São Paulo: Vida, 2006.

RIBEIRO, Júnior (22 de fevereiro de 2009). W.A. Os apócrifos do Novo Testamento. Portal Graecia Antiqua. Página visitada em 23 de Junho de 2010.

GEISLER, Norman e TUREK, Frank. Possuímos testemunhos antigos sobre Jesus? Não tenho Fé suficiente para ser ateu. São Paulo: Vida, 2006.

BRUCE, F F. The New Testament Documents: Are They Reliable? Leicester: InterVarsity, 1981. 7.

BLACK, David A. Por que quatro evangelhos? razões históricas e científicas da escolha de Mateus, Marcos, Lucas e João. São Paulo: Vida, 2004.

WITHERINGTON III, Ben. História e Histórias do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2005.

TENNEY, Merril. O Evangelho de Mateus - O Novo Testamento: sua origem e análise. São Paulo, Shedd, 2008.

WITHERINGTON III, Ben. História e Histórias do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2005.

MULHOLLAND, Dewey. Marcos: Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

EUSÉBIO (312-317 d.C.). A ordem dos evangelhos in História Eclesiástica. Novo Século. Página visitada em 23 de Junho de 2010.

PAROSCHI, Wilson. Crítica Textual do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MORRIS, Leon. Lucas: Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996.

HARRISON, Everest; PFEIFFER, Charles. Comentário Bíblico Moody vol. 4: os Evangelhos e Atos. São Paulo: Batista Regular, 2001.

Frédéric Lenoir - Comment Jésus est devenu Dieu - Capítulo II-4

Bona, Argélia (1899). Página visitada em 2013-09-25.

BRUCE, F. F. Merece Confiança o Novo Testamento? São Paulo, Vida Nova, 2010.

TENNEY, Merrill. O Novo Testamento sua origem e análise. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.



FACULDADE TEOLÓGICA INTERNACIONAL
RIVERSIDE

Curso Médio em Teologia

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS DO NOVO TESTAMENTO

Esta Introdução às Cartas do Novo Testamento dará ao estudante um panorama desses documentos fundamentais para a formação do corpo doutrinário da Igreja Cristã, em que tanto sua origem e natureza quanto seu manual de vida e sua missão são descritos de modo admiravelmente didático.

Por certo, ter-se-á nestes estudos introdutórios todo um mapa para a apreensão e compreensão das riquezas insondáveis de Cristo disponibilizadas à sua Igreja em toda a era cristã até à consumação dos séculos. As verdades ensinadas por esses instrumentos de Deus escolhidos para lançar o fundamento doutrinário coeso e completo do cristianismo mostrarão o quão atual é a grande porção da Palavra de Deus escrita através deste sublime gênero literário: Cartas.

Bom estudo!

fateiriver.org